FON FON
ANNO XXIII — N.º 42
Rio, 19 de Outubro de 1929
Preço: 1$000

—Quasi que enlouquecia por causa de uma d de ouvido!

A noite passada em cl sem que unturas nem l vagens lograssem proporcionar-lhe allivio!

Que surpresa, que milagre, quando, poucos momentos após ter tomado dois comprimidos de* CAFIASPIRINA, *desappareceu aquella dôr horrivel!

Eis porque a todas as suas amigas recommenda ella sempre com tanto enthusiasmo, e para qualquer dôr, a nobre e excellente

CAFIASPIRINA

CAFIASPIRINA

Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, devolve as forças e não affecta o coração nem os rins!

Conto Brasileiro

Consôlo

. . .

rando, tu, a eterna ale-

... soubesses!...

...nta então...

Armanda acercou-se de Narci... entre commovida e curiosa. E ...as mãos, afundadas no di... de Mapple, na penumbra do ... a moçoila chorosa come... contar:

...abes que Demosthenes par-

— Ha tanto tempo, não foi? E agora... — arriscou a amiga.

— Pois só agora tenho certeza! Si soubesses!...

— ...as conta logo, criatura!

— Partiu e prometteu-me tan-

... Que te escreveria logo, ainda ... viagem, que passaria as noites, ...ando o teu olhar através das ... ellas... — atalhou Armanda.

— Sim... tanta cousa...

— Depois, nem uma linha, não ...

— Já sabes então?

... resumo... e d'ahi?

— Pensei tanta cousa má, de... de culpar o correio!... Olha, ... até que tivesse morrido! E ...

— ...as conta logo! — exclamou ...iga, impaciente.

— Hontem, encontrei um amigo ...ão sabia da nossa historia. ...ei o assumpto até perguntar ...lle... e que soube! Imagina ...ue eu soube!

— Que se casou? — imaginou ...anda.

— Tambem era demais! Como te ...apitas! Que horror! — disse a ...rezinha, assustada.

E terminou:

— ...as anda se compromettendo ... a filha de um senador!

— Logico! Teu pae um honesto ...cionario!...

... fazendo um esforço para ficar ...a:

— E tu choras por isto?

— Que farias com semelhante ...licção? — perguntou Narcisa. ... homem de quem fugi sempre, ... me perseguiu com a tenacida... ...paz de me vencer o coração; ... sem lhe pedir nada, me pro... ...tteu tudo; que nunca acceitou a ... de uma separação definitiva, ...ando, arrufada, lh'a propunha; ... até a hora do adeus se mos... ...u invariavelmente o mesmo; es... homem parte e nem siquer se ...bra. Ao cabo de seis mezes,

descubro que o silencio provém de uma infidelidade...

— Canalhice! — corrigiu a outra.

— Seja o que quizeres! Mas a gente não se deshabitua tão facilmente, nem desce de uma hora para outra...

E recomeçou o pranto.

— Elle te deu, então, muitas provas?

— Prometteu-me tudo que na nossa situação era possivel realizar... E assim, intempestivamente, o abandono...

— E', tens razão... Elle foi mais barbaro do que os outros... Devia cansar-te primeiro com uma série de decepções e quando estivesses farta, vibrar o golpe final...

— Cansar-me primeiro?

— Sim, tornar-se insupportavel. E' como procede a maioria...

— Mas então acreditas que elle não gostasse de mim, e que todo o afan em me perseguir, o enthusiasmo que lhe senti nos gestos e no olhar, tudo emfim, era artificial?

— Desconheces as provas que *elles* pretendem dar...

E, mudando de tom:

— Ouve, bem: o teu Demosthenes algum dia te pareceu ridiculo?

— Nunca! — protestou, com calor.

— A sua gagueira foi apenas moral, não foi? Logo, nada fez de persuasivo...

— Tu falas uma linguagem complicada, incomprehensivel. Explica-te por favor! Já tiveste um desgosto destes?

— Eu? Lembras-te do Marcos?

— Teu amigo de infancia?

— E mais alguma cousa. Pois o Marcos me empatou cinco annos a fio!

— Cinco annos! — pasmou Narcisa.

— Um lustro, minha cára! E sabes que o amei com toda a minha ternura de estreante, com toda a minha ingenuidade. No principio, era o meu mandarim. Uma adaptação perfeita de gostos e pensamentos. Mas vieram as primeiras rusgas que foram crescendo em verdadeiras disputas. Voltava sempre, ao cabo de alguns dias, pedindo-me perdão sob todas as formas. Quando recusava apparecer-lhe, escrevia testamentos longos em papel que tomava á padaria fronteira, e ao primeiro moleque entregava ao meu destino a epistola redemptora. Ameaçava-me de suicidio e quando eu, já cansada de tanta scena, resistia ainda, escorava-me, abordando-me.

A indecisão da sua conducta descontentou papae, que lhe barrou a porta e qualquer entendimento. Nem isto o obrigou a se definir.

Fez uma pausa, e proseguiu:

(*Continúa na pagina 76*)

O Commentario

A campanha feita no Congresso pelos adversarios do governo contra o Banco do Brasil é profundamente injusta e antipatriotica. Ella não se funda absolutamente em nenhum facto provado, em nenhum documento de valor. Sim, em méras supposições e affirmações no ar. Apesar disso, affecta o credito do grande estabelecimento em certos espiritos, provocando desconfianças infundadas. E' lamentavel que o odio e a paixão politica do momento aproveitem motivos dessa ordem para exploração anti-brasileiras.

Porque o mal causado recáe sobre o Brasil. E' a nação que se vê prejudicada com campanhas dessa natureza. E' o paiz quem soffre no seu bom nome.

Na verdade, os nossos politicos não têm alma e lançam mão de todos os recursos possiveis, inconscientemente ou mesmo perversamente, para servir os interesses secundarios da sua politiquice.

O PHANTASMA

D. U. CROSS

— Entre — disse-me o phantasma. — Não tenha receio.

Eu sorri ao entrar na sala, em penumbra, e, ao entrar, o phantasma viu que eu sorria.

— A' força de costume — murmurou, com um pouco de apologia — a gente outr'ora parecia ter medo...

— Sim — respondi eu. — E é por isso que venho. Desejaria saber o que é que occorreu a vocês, os phantasmas. Por que perderam sua arte, sempre tão interessante e mysteriosa?

O duende moveu a cabeça que, com o movimento, lhe cahiu. Levantei-a e lh'a entreguei de novo. Logo que a repoz em seu logar, tomou a palavra.

— Nada nos occorreu a nós. Somos sempre os mesmos... Fazemos sempre as mesmas cousas de outr'ora: assobiamos como o vento, gritamos com voz de cervo agonizante, etc. Mas o caso é que as pessoas vão dando mais attenção aos homens de sciencia, que lhes explicam tudo, e nós fomos esquecidos e confundidos com phenomenos naturaes e scientificos...

— Explique-me... — interrompi-o.

— Vou fazer cousa melhor — ajuntou elle. — Vou demonstral-o praticamente. Espere um pouquinho.

O phantasma desappareceu da sala. Immediatamente, sua cabeça voltou só, parecendo mexer-se á força de uma corrente de ar.

— Ahi tem o senhor — exclamou, com amargura. — Eu desappareço e faço estas cousas, e o senhor nem siquer pestaneja...

Chegou, então, seu corpo e se uniu á cabeça.

— Supponho que o faz como no cinema — respondi, com a voz mais doce que pude emittir

E ajuntei:

— A gente se sobresalta tanto alli, e a cada momento, que nós já não nos maravilhamos por nada. Nossos olhos acabam acostumando-se ás transições, por mais bruscas que sejam.

— Exactamente — concordou elle.

E desappareceu de novo.

Esperei uns segundos. Um lugubre somido veiu da janella. Era algo assim como uma locomotiva resfolegante ou um tocador de flauta indigestado. Accendi um cigarro.

— Bem — perguntou-me o phantasma, regressando. — Ouviu isso?

— Isso, que?

— Esse ruido! — exclamou.

— Ah, sim!... Creio ter escutado alguma cousa.

— Muita amabilidade de sua parte — disse-me elle, com voz sarcastica. — E que foi que escutou?

— Parecia algo como uma buzina de automovel barato.

— Ah! — grunhiu. — Precisamente, era eu! Não posso mais competir com esses ruidos vulgares da rua. No emtanto, experimentarei novamente.

O duende desappareceu mais uma vez, em direcção ao tecto, e eu me puz a assobiar uma aria da moda. Subito, escutei alguma cousa que vibrava com som metallico. O phantasma appareceu com curiosidade, e perguntou-me:

— Que tal?

— Que era isso? Um automovel?

— Não, senhor. Era o ruido de uma cadeia — respondeu-me, com evidente mau humor. — Era — continuou — a mesma cadeia com que fiz estremecer seu pae, ha cincoenta annos. A mesma cadeia que sobresaltou Napoleão, na vespera de Watreloo. E agora me sae o senhor com um automovel!...

Elle continuava gritando.

— E' verdade que a má sorte o persegue! — disse eu, procurando arranjar a situação. — Mas experimente de novo. Possivelmente o fará melhor.

— Não, a menos que o senhor me ajude — respondeu.

E desappareceu novamente.

Esperei, dessa vez, bastante tempo. De repente, escutei uma como suspiro prolongado, debil.

— Esse é o senhor!... — gritei eu.

— Chiesse! Não é verdade. Não sou eu. E' o vento! — disse uma voz sepulcral, que partia do tecto, e que reconheci immediatamente.

— Eu não comecei ainda — ajuntou.

— Perdão! — murmurei.

E esperei de novo.

Já começava a impacientar-me pela espera prolongada. Teria ido embora o phantasma, desgostoso, deixando-me ali plantado? Eu acreditava effectivamente que assim fizera, quando uma voz aspera partiu da parede, em cima da chaminé:

— Ferva-os... ferva-os..., lentamente... Ferva-os juntos... — dizia. — Depois, tire-lhes a pelle; e em seguida os amasse... Amasse-os juntos, e depois coma-os...

Levantei-me e caminhei para a parede, pondo-me a examinal-a, quando senti a mão tremula do phantasma que se apoiava em meu hombro. Dizia-me elle:

— Bem, agora que acha o senhor?

— Muito attento de sua parte entreter-me com o radio.

— Radio!... — exclamou elle, com surpresa.

— Sim... Onde está o alto-falante? — prosegui eu.

— Radio? Alto-falante?...

— Sim, senhor. Ouvi, creio, uma conferencias de indole domestica. Não sei si se tratava de alguma cousa de cozinha, de algum prato.

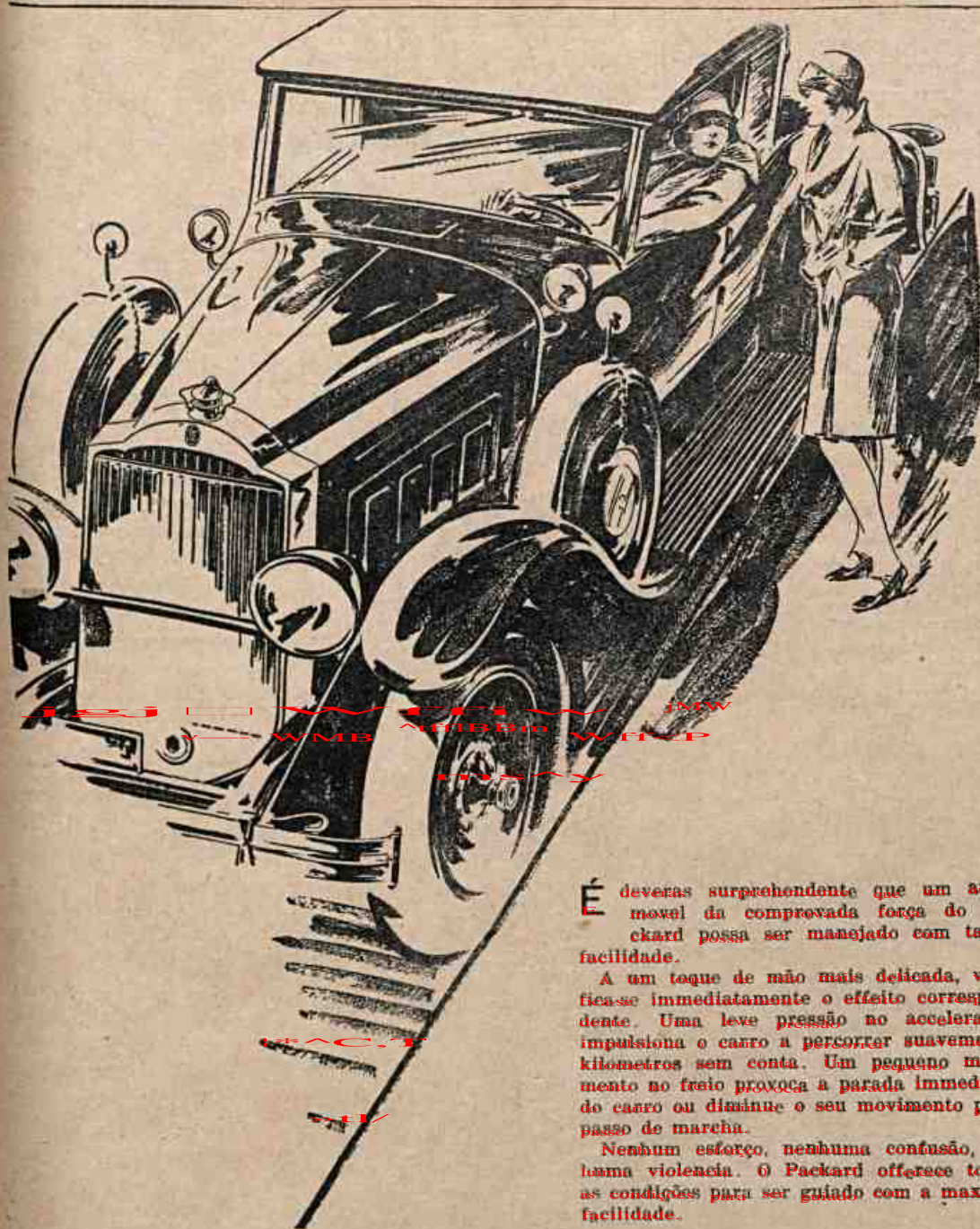
O phantasma deixou-se cahir em uma cadeira.

— Vê o senhor? Ahi está a cousa. Vê como perdi todo o meu poder? Tudo o que faço é feito agora de uma maneira parecida e familiar para todos. Os homens já não se espantam por nada. A sciencia matou os encantos do mysterio.

Mal elle tinha pronunciado essas palavras, me sobresaltei bruscamente. Um ruido terrorifico vibrava no ar.

— Diabo! — exclamei. — Agora sim, conseguiu o senhor assustar-me devéras. Que fez?

— Não fui eu — gemeu o espectro, com voz desfallecente de desapontamento. — Não fui eu — repetiu. — Foi um omnibus, que virou...

E, com raiva, tirou elle proprio a propria cabeça e a atirou ao solo, quebrando-a em mil pedaços...

É deveras surprehendente que um automovel da comprovada força do Packard possa ser manejado com tanta facilidade.

A um toque de mão mais delicada, verifica-se immediatamente o effeito correspondente. Uma leve pressão no accelerador impulsiona o carro a percorrer suavemente kilometros sem conta. Um pequeno movimento no freio provoca a parada immediata do carro ou diminue o seu movimento para passo de marcha.

Nenhum esforço, nenhuma confusão, nenhuma violencia. O Packard offerece todas as condições para ser guiado com a maxima facilidade.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

PACKARD

Distribuidores

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

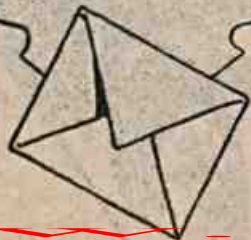
Rua Benedictinos, 1 a 7

Rio de Janeiro

— Ha muito tempo que temos em abandono nosso velho "Seis-Duplo". Que poderiamos inventar.

Tal era o dialogo, que em um desses dias de verão em que os freguezes são tão escassos como os premios maiores na extracção da loteria, se entabolou entre distinctos vendedores da importante casa "Beker — Projectos — Decoração — Moveis e afins", estabelecida na rua Richelieu. Tratava-se de bater o *record*, nisso de dar pilherias, sem cobrar outros direitos de autor sinão rir á custa do velho "Seis — Duplo".

Esse pobre homem era conhecido por "Seis-Duplo" a despeito de seu verdadeiro nome ser Dominot, porque ainda os mais velhos empregados da importante e antiga casa "Beker" o haviam conhecido feito uma medalha antiga.

Calvo aos vinte e cinco annos, excessivamente myope, ostentava uns oculos historicos presos á orelha por uma cadeia de aço e cavalgando graciosamente sobre um abundante nariz, que nada tinha a invejar a uma papa de bom tamanho. Deixára que os annos transcorressem sem sobresaltos nem caprichos. Para esses manequins-vivos do alto commercio, que faziam o favor de vender á sua distincta freguezia cadeiras de aluminio como caixas de biscoitos, lampadas de vidro como frascos de pharmacia, arcões cubistas negros como caixões funebres, o velho "Seis-Duplo" era o prototypo do "pobre-homem" anterior á Grande Guerra, que data dos tempos em que se comia por 1 franco e 50, com orchestra de zingaros e valsa lenta.

Haviam-no feito victima das tradicionaes pilherias, tão communs em todos os ministerios bem organizados: o bilhetinho mysterioso e anonymo no chapéo; o azeite na tinta; o pó de arroz no lenço; as chamadas intempestivas ao telephone...

Naquelle dia, um delles teve esta idéa luminosa:

— E si o convencessemos de que a "senhora Pichicho" está apaixonada por elle?

A "senhora Pichicho" era uma dama já entrada em annos que, com regularidade chronometrica, das 11 ás 12 e das 4 ás 5, passeava pela rua com um cachorrinho já fóra de moda e com a lingua de fóra...

Era outro numero de troça para esses senhores.

Sua indumentaria correcta, seu rosto cheio e bondoso davam a impressão de uma virtude irreprochavel.

Não se podia dizer que fosse velha. Quarenta annos, talvez. No peor dos casos, não muito mais. E passaria despercebida si não fôra a exactidão de seus passeios. Dava a impressão de um personagem de barómetro com ou sem guarda-chuva, segundo o estado do tempo.

Naquelle dia, os vendedores da casa "Beker" fizeram chegar ás mãos dessa senhora, por um portador anonymo, uma cartinha respeitosamente amorosa e firmada: *Dominot.*

A' noite, deixaram sobre a mesa do velho "Seis-Duplo" uma carta perfumada, escripta com grandes letras perfiladas, e assignada: *A dama do cachorrinho.*

O exito foi celebrado quando, no dia seguinte, puderam verificar que a "Senhora Pichicho" não tirava os olhos da vitrina da casa "Beker", e que, por sua vez, "Seis-Duplo" dirigia para a dama de seus pensamentos seus mais ternos olhares.

Desde esse dia, os graciosos vendedores cultivaram o mais esquisito estylo literario em materia de cartas de amor. O continuo da casa, confidente da pilheria, era o encarregado de entregar a correspondencia reciproca com a discreção de um diplomata, e eclipsando-se para evitar explicações, nada politicas.

Com tactica, da qual nada teria que dizer, madame de Sevigné, as cartas della eram cada vez mais emotivas, e as do velho "Seis-Duplo", cada vez mais carinhosas.

Um duplo romance se iniciava. O de uma pessoa já madura, commovida ao ver que a procuravam em sua soledade, e o de um solteiro cujo coração pleno de ternura, nunca

tivera occasião de expandir-se. Era, para os organizadores da pilheria, um motivo de grande regosijo ao ver o velho "Seis-Duplo" receber, occultando-se, essas commovedoras cartas e observar a dama que, ao passar, lançava olhares cada vez mais interessados para as vitrinas da casa "Beker".

Uma sagacidade diabolica dirigia essa correspondencia. Nunca alludiam a nenhuma carta recebida. De tal modo, que os bonecos cujos fios manejavam os trocistas ficavam persuadidos de que cada um delles era alvo de uma paixão espontanea e irresistivel sem nada ter feito para justifical-a... Os trocistas não haviam previsto que um dia o velho "Seis-Duplo", intrigado com o tom, cada vez mais insinuante, das cartas que recebia da "senhora Pichicho", entrasse em confiança, convencido de que podia tentar a fortuna — essa fortuna que havia tanto tempo renunciára a tentar. Aproveitaria a tarde de um sabbado inglez para esperar na rua a dama de seus pensamentos. Quando a viu apparecer, avançou para ella cortezmente descoberto:

— Senhora, acho que não constituirá um atrevimento de minha parte o solicitar uma entrevista com v. ex., afim de conhecel-a melhor...

Ella se deteve, emocionada.

— Mas o senhor, si não fomos apresentados um ao outro...

Elle sorriu tristemente.

— Não estamos apresentados, depois das cartas que v. ex. me dirigiu com tanto affecto e tanta consideração, e que trago sempre commigo?... Olhe-as!...

E, como elle mostrasse as cartas escriptas por seus jovens collegas, ella exclamou:

— Essas cartas não são minhas, cavalheiro. Minha letra é bem differente.

Elle ficou como que idiotizado, sem comprehender, vagamente ansioso, como si uma immensa desgraça ameaçasse cahir sobre elle. Emquanto isso, ella havia tirado do bolso uns envelopes, que lhe mostrava com expressão ansiosa:

— Estas cartas, senhor, estas cartas que me escreveu, eu devia tel-as devolvido sem abrir, e, no emtanto, veja o senhor, as li...

— Nunca lhe escrevi carta alguma, senhora. Com que direito ia eu atrever-me a tal? — exclamou elle.

— Então não comprehendo. Fomos burlados. Alguem se está divertindo á nossa custa!...

Com sua perspicacia de mulher, comprehendeu antes delle a possivel origem daquella pilheria.

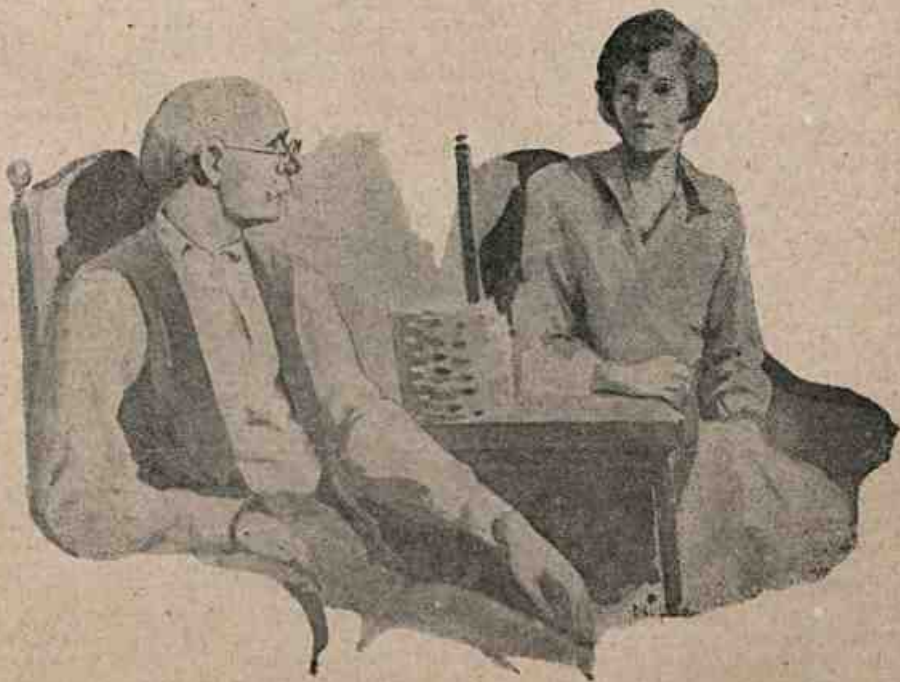
Elle foi dominado por violenta cólera.

— Atrevidos! Agora affirmo, e tenho a certeza de que, da outra vez, foram elles. Ah, senhora, quanto o sinto! Mil perdões. Estou profundamente desconsolado. Si soubesse o que é minha vida entre esses atrevidos...

Caminhando um ao lado do outro, e emquanto o cachorrinho ia cheirando uma herva, uma porta ou um poste de illuminação, o bom velho lhe foi contando sua vida — sua vida estreita e triste — suas illusões, seus desenganos. Era a primeira vez em sua vida que tinha occasião de expandir seu animo. Seu pobre coração se expressava com uma vivacidade dolorosa. Ella, por sua vez, contou que vivia tambem muito só. Viuva, com rendas sufficientes para uma existencia regalada, e das quaes quasi não se utilizava por falta de occasião. Esses dois timidos, bruscamente revelados um ao outro, experimentavam uma effusão que, por longos annos contida, pugnava por estalar.

Jantaram juntos e marcaram um encontro para o dia seguinte. Mas combinaram em occultal-o dos trocistas. E continuaram mostrando um ao outro as cartas falsas que recebiam sem tel-as escripto. E os jovens empregados da casa "Beker", por sua vez, tiveram a impressão de que os haviam burlado, quando o velho "Seis-Duplo", ao chegar um fim de mez, lhes annunciou:

— Meus amigos: vou casar-me... Comprámos uma casinha em Provença... Caso-me com a senhora que vocês tanto conhecem, e que costuma passear com um cachorrinho pela rua... Adeus, e... obrigado...

M. C.

MARINA (São Paulo) — Agradeço, em nome do FON-FON, as palavras gentis e elogiosas que teve para a SELECTA, pela sua remodelação.

A Empreza procurou desenvolvel-a, no sentido de tornal-a uma revista á altura dos seus leitores. As novas secções são redigidas pelos antigos redactores do FON-FON, inclusive *Para bem dizer*... que vae assignada por mim.

A parte cinematographica está entregue a um critico competente, sr. Antonio Guimarães.

APAIXONADO (Bahia) — A sua letra é quasi microscopica. Não tenho tempo a perder. E o esforço que empregaria para lel-a, ou antes, decifral-a, me tomaria um tempo precioso e me deixaria com a vista cançada.

Queira escrever á machina. E' mais pratico.

MAGDALENA (São Paulo) — Oh, muito obrigado. Notei logo no começo da sua carta a mudança do pseudonymo. Mas, é a pessôa? Isso é que é importante.

Recebi o volume de Maeterlinck. V. Ex. adivinhou o meu pensamento, porque eu ha dias namorára uma das obras do poeta de *Douze chansons*. Namorei-a, e passei... como certas creanças que passam deante de uma vitrine de bazar, e lá se vão chuchando no dedo...

Mas, o Maeterlinck que eu namorei não é o deste volume, que o correio me traz. E' o de... Não! De qualquer modo elle me agradou immensamente. Maeterlinck é Maeterlinck. Mas si o não fosse — o seu livro teria, como tem, o valor de um presente, e de um presente feito por uma paulista bonita...

(Será bonita?) Espero conhecel-a, pelo Natal, segundo me promette.

LUCIMAR (Capital) — A sua *Fantasia* está fraca. Mande outra melhor. Graphologia! Perdão! Não a farei. Mas lhe asseguro que V. Ex., graphologicamente, não é nada sincera; e, sobretudo, é muito violenta e desconfiada.

Não me submetto ao ridiculo de confrontar-me com charlatães da graphologia... Eis outra razão porque não farei o exame de sua letra.

Que V. Ex. fizesse esse confronto sem m'o dizer, está direito; mas que m'o diga, assim, preliminarmente, com uma superioridade de rainha do muque (V. Ex. deve ser *boxeuse*; não m'o negue...) á maneira de quem se pavoneia, displicente, um labio franzido, como si uma formiga a picasse: "Vamos vêr o que esse tal de Yves se atreve a dizer da minha letra..." é resolução com que não estou de accordo.

AUREA J. BARBOSA (São Paulo) — Pois não. A's suas ordens. Estou propmto para ser-lhe util.

ILLUSÃO (São Paulo) — A sua carta não me agrada nem de desagrada. E' uma carta de interesse unilateral, digamos assim, no que se refere a V. Ex.

Ora, esta secção é destinada a prestar informações aos seus leitores. V. Ex. me pede uma informação. O meu dever é prestar-lh'a. Tudo isso é muito natural. Não ha razão para que eu fique aqui a falar sózinho de contente, nem tambem pretendendo esmurrar o tinteiro que nenhum mal me fez.

A sua missiva é como qualquer outra que me pede um obsequio mediante um *coupon* desta pagina. E' evidentemente commercial. Não é favor que lhe faço em responder-lh'a.

Não é verdade?

Agora vamos ás informações que lhe devo:

I — Gosto de todos os livros de Guido da Verona. Não gosto de Ada Negri, a não ser em *Maternitá*. Adoro Stecchetti e gosto de alguns livros de Amado Nervo. "La amada immovel" é um delles.

II — Lamento não poder fazer o estado da sua letra — justamente porque nada entendo de graphologia.

MLLE. CONQUISTADA (São Paulo) — Hum! A sua cartinha é linda. Bella nuance — lilaz. Perfume excellente. E o resto? Ah, é o resto que precisamos vêr...

Escreve V. Ex.:

"Yves: Sou actualmente grande admiradora do seu talento e por isso não me furtei de lhe escrever, para dar-lhe, num "shake-hand" amavel, as minhas felicitações cal rosas de cordialidade.

Se você me permitte e me perdôa confesso-lhe que não supportava os seus trabalhos literarios, nem as suas criticas zombeteiras. As respostas, que eu lia no "Saibam Todos", enchiam-me de raiva e antipathia, de tal maneira, que não me podia dominar.

O tempo passou... Pouco a pouco, embora continuasse a odial-o, comecei a procurar avidamente as varias secções em que você escrevia.

Isto causou grande surpresa ás minhas amiguinhas e eu propria cheguei a notar que uma sympathia indefinida se apoderava do meu coração sem que eu tivesse presentido...

Comecei a comprehender que tinha sido injusta no meu julgamento e convenci-me de que você não era tão máo quanto eu pensava.

Ignoro a que deva a minha transformação, mas você que entende de psycologia poderá dizer-me. Antes de tudo advirto-lhe que não o conheço nem mesmo em photographias.

Hoje leio com interesse a sua collaboração e dou gostosas risadas das suas criticas chistosas sobre os versos de pé quebrado, onde ha *vivo colibri, imagem do Senhor* que cura dôr etc.

Na semana passada li as suas "Considerações de um sceptico". Gostei immensamente do seu espirito philosophico, mas julgo você ainda muito moço, para ter aquellas idéas de homem desilludido. Emfim... muitas vezes temos a alma velha quando não passamos ainda dos vinte annos. Deixemos que digam por ahi: "O amor não tem idade e o coração não envelhece." E' muito bonito para dizer-se, mas nada tem de verdadeiro, porque conheço até corações decrépitos!...

Agora, desejava pedir-lhe um favor na dôce esperança de ser attendida. Póde você me dizer quem escreve no FON-FON com o pseudonymo de Lucio de Moraes? Si fôr possivel ficar-lhe-ei muito grata. Contento-me com as iniciaes ou residencia do mesmo.

Outrosim, envio-lhe este trabalho meu, rogando a sua franca opinião, que para mim será valiosissima. Não lhe peço para publical-o nas paginas do FON-FON, porque seria honra demasiada para mim, aliás mal cabida. Além disso seria uma affronta aos seus collegas, que nunca lhe perdoariam desta *profanação* imperdoavel.

Creia sinceramente nas minhas palavras e não pense que peço elogios. Digo apenas o que sinto e nada mais.

Antecipando-lhe os meus agradecimentos, considere sempre sua admiradora — *Mlle. Conquistada*."

Ora, muito bem! Depois que li a sua carta (desculpe si a publiquei), fiquei profundamente acabrunhado. Sabe por quê? Porque eu, que já havia conquistado a sua sympathia, — nem sei como! — verifico que vou perdel-a novamente. Sim. V. Ex. novamente tornar-se-á minha inimiga... gratuita. E' simples a razão: não posso dar uma opinião favoravel á sua fantasia *Sonhando*... Como

literatura, é o que ha de mais vulgar.

Imagine que minha bisavó, quando estava na escola, já compunha themas e exercicios, semelhantes a esse que me envia.

Leiamos só este trecho:

SONHANDO...

Correm as blandicias suaves em uma deliciosa tarde outomnal! Toda a natureza canta, em vibração, este hymno incomparavel de musica e perfume! Saltitam os passaros alegremente de ramo em ramo, compondo esta orchestra maviosa transbordante da mais perfeita harmonia!

Lá, nos limites do horisonte, tinge-se o céo de purpura e de sangue, afim de preparar o leito nupcial de esplendor onde o sol vae em breve repousar...

Como se vê, é um desastre. Essa literatura de "blandicias suaves", "passaros que saltitam" e "orchestra maviosa" é o que ha de mais *terre-à-terre*. E' inspiração de mocinha de grupo escolar.

Qual, senhorita "Orchestra maviosa"! V. Ex. vae ficar zangada commigo, mas não posso evitar ao lêr essas "blandicias" aquelle "leito nupcial de esplendor" e outros accidentes e incidentes literarios.

Quanto a Lucio de Moraes, não posso attender o seu pedido.

Agora, aqui para nós: a sua letra me diz que V. Ex. é muito fingida e opportunista. Por isso não creio no começo de sua missiva: "Sou actualmente grande admiradora do seu talento"...

Quá, quá, quá, quá! — Eu, com talento, "D. Orchestra maviosa"? Quá, quá, quá, quá! Isso é calumnia que assacam contra a minha pessôa... Não acredite em tal coisa...

JOCAVA (Minas) — O seu soneto foi para a cesta.

ELVIRA ROSA (Santa Catharina) — O soneto *Amor* que me remetteu foi plagiado a alguem. Não é seu.

MARIA LUIZA (Capital) — A sua collaboração não pode ser publicada.

WILSON RIBEIRO (3) — A sua poesia futurista não serve para o FON-FON.

SANTIAGO DE MURITY (São Paulo) — O seu conto será publicado, opportunamente. Espere a sua vez com paciencia...

KODACK (Bahia) — Muito bem! O unico e severo castigo que se póde dar a um plagiador é desmascaral-o. Portanto, aqui vae a sua reclamação:

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

"S. Felix, 26 de agosto de 1929 — Illmo. Snr. Yves. — Meus respeitosos cumprimentos. — Junto a esta vos envio uma poesia obra do Snr. Alvaro Gomes, instructor do Tiro de Guerra 329, desta cidade, cuja poesia foi dedicada á mulher Sanfelixta, e publicada em 30 de outubro de 1927.

Lendo o PARA TODOS (digo o Fon-Fon) de 20 de julho do corrente anno, deparei com a mesma poesia, e assignada pelo poeta Fritz Lopes Ferreira, o que muito me admirou, por saber que a referida poesia foi creação do auctor Alvaro Gomes.

E para que fique mais ou menos parecido quem é o pae da criança, venho por estas linhas, pedir que seja respondido na vossa secção do "Saibam Todos" qual dos dois é o engeitado, porque não posso me conformar que este use poesia do outro, e assignando como de sua auctoria.

Confiante que dareis claridade a lampada tão apagada, aqui permaneço ao vosso dispor, o admirador e amigo — *Kodack*. S. Felix — Estado da Bahia."

Agora, a poesia, que é o cavallo de batalha de tudo isso:

TEU NOME E'... MULHER

A's senhoritas de S. Felix

Foste um fragrante lirio immaculado! Agora,
Não és mais do que sombra, espectro de ti mesmo!...
Que é do luzente olhar de resplendor de aurora?
O riso casto e bom que abriste sempre a esmo?

Encantadora flor purissima d'
[ce
Orvalho que luziu, no lodo dest
[mundo
Rasgaste o puro, santo, alvi
[tente e
E te lançaste ao vicio, ao barat
[profundo

Era o luxo... o prazer... a car
[te attrahia
Pobre de ti, que vês fanadas til
[sõe
Passarem, como passa a nuve
[fugidia
Parecendo tocar nas constell
[ções

A missão da mulher, filhas, esp
[sas, mãe
O pudor que ennobrece, o dev
[que edific
Tudo esqueceste, louca, atraz de
[glorias vã
Sem pensar que isso morre e qu
[a virtude fica!...

Quando a mulher, o anjo expul
[dido de Deus
Conserva immaculada a flor d
[castidade
Não deixando poluir-se as azo
[que hão de ao ce
Leval-a aos pés de Deus, de tod
[a santidade

Honra o nome de ser divinizado,
[santo,
Que lhe coube na vida ephemer
[da terra
Não manches, por quem és,
[nome que amo tanto
Que tudo que ha de bello e cele
[tial encerra

ALVARO GOMES SOARES

São Felix, 30 - 10 - 1927.

GURYA (Capital) — Desconfio que V. Ex... é barbado... como eu. Quer dizer, a sua carta traz um nome de mulher. Mas V. Ex é tão mulher quanto Adão o foi no Paraiso — ao lado da formosa Eva, antes e depois da historia do fructo prohibido. Percebe?

Em todo caso, aqui estou. Mas só lhe posso dar a resposta que me pede, — pessoalmente.

E' logico, não é?

Meu telephone é — C. 4136 das 11 ao meio-dia e de 1 ás 5 da tarde. E' tudo, caro senhor, quanto lhe posso adeantar.

RUBENS CARDOSO (Capital) — Estão na cesta, os seus versos.

ARTHUR (Capital) — O senhor encontra os livros que deseja na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, n.° 166.

YVES.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 19-10-1929
Nome do consultante ....
....
Data da consulta ....

OS HOMENS SEM CHAPÉO

De NATHAN DEAN

LI-DAN estava em pé junto a uma janella de seu esplendido palacio. Era joven e, por conseguinte, bondoso. Em meio de seu luxo e esplendor, não se esquecia nunca dos desgraçados.

Chovia a cântaros. O céo chorava com amargura, e as arvores e as flores, acompanhando-o em sua dôr, derramavam tambem abundantes lagrimas.

Li-Dan compadecido, exclamou:

— Pobre infeliz o que com esta chuva, não tiver nem ao menos um chapéo com que cobrir sua cabeça!

E, voltando-se, disse ao mordomo:

— Desejaria saber quantos desgraçados ha em Pekin que não têm chapéo.

— Luz do Sol — respondeu Sung-He-San — ha alguma cousa impossivel para ti? A' hora em que o sol se puzer, saberás, oh, pae da aurora!, o que desejas!

Sung-He-Sang sahiu apressadamente á procura do primeiro ministro San-Che-San, a quem disse:

— A alegria do Universo, nosso gracioso soberano, está grandemente perturbado. Esses homens que andam sem chapéo pelas ruas de Pekim o inquietam, e elle quer saber hoje mesmo quantos são.

— Que patifes! — exclamou, indignado, San-Che-San.

E ordenou que chamassem immeditamente o chefe de segurança, Pi-He-Vo.

— Mas noticias de palacio! — disse-lhe. — O senhor e dono de nossas vidas notou certa desordem na cidade.

— Que? — balbuciou Pi-He-Vo, livido de espanto. — Não ha, porventura, um jardim cheio de arvores deante de palacio, que occulta quasi todo Pekim?

— Não sei como succedeu — respondeu San-Che-San. — Mas sua magestade está preoccupadissima com esses canalhas que sahem sem chapéo sob a chuva. E deseja saber hoje mesmo quantos são. E' necessario que providencieis nesse sentido.

— Chamem esse cão velho do Yur-Sung! E já! — gritou Pi-He-Vo, a seus subalternos, um segundo depois.

E quando o chefe das sentinellas da cidade, pallido de terror e tremulo, se atirou a seus pés, o mandarim lhe lançou uma verdadeira chuva de maldições.

— Cachorro, impio, miseravel, traidor! Queres que todos nos percamos por tua causa!

— Explicae a causa de vosso aborrecimento, Suprema Sabedoria — balbuciou Yur-Sung.

Nosso soberano em pessoa notou que ha indicios de desordem na cidade: andam pelas ruas grupos de ébrios, vagando em meio da chuva, sem chapéo... Dou-te de prazo algumas horas apenas — até á tarde — para que me faças saber quantos individuos nessas condições ha em Pekim!

Yur-Sung chamou seus sentinellas, que acorreram sem demora ao ouvir o soar ensurdecedor do gong.

— Canalhas! — gritou. — Vou enforcar-vos, assar-vos vivos... E' assim que cumpris com vossos deveres? E' esse o modo de cuidar da cidade? Anda por ahi uma infinidade de ébrios tramando algum complot. E' preciso que dentro de uma hora tenham sido presos todos os que não tenham chapéo.

Os sentinellas sahiram correndo a cumprir a ordem, e durante uma hora se verificou nas ruas de Pekim uma verdadeira caçada de homens.

— Prendei-o! Agarrae-o! — gritavam os sentinellas, perseguindo os que não tinham chapéo.

Arrastavam-nos para fóra dos cercos, das casas, dos jardins, e um minuto antes da hora fixada todos aquelles que estavam sem chapéo ficaram encerrados no cárcere da cidade.

— Quantos são? — perguntou Yur-Sun.

— 20.871 — responderam os sentinellas.

— Executae-os! — disse o chefe dos sentinellas.

E meia hora depois jaziam no pateo do cárcere os corpos sem cabeça de 20.871 chinezes.

Yur-Sung levou, então, o facto ao conhecimento de Pi-He-Vo, e este, por sua vez, foi avisar a San-Che-San, e o ministro informou ao mordomo.

A noite se aproximava e a chuva havia cessado. Todo o jardim resplandecia de belleza e exhalava delicado perfume. Li-Dan, de novo junto á janella, contemplava a paizagem maravilhosa.

— A proposito — disse a Sung-He-Sang: — não te lembras que me promettestes averiguar quantos homens havia em Pekim que não tinham chapéo para se proteger quando chovesse?

— O desejo do Senhor do Universo foi cumprido por seus servidores! — respondeu o mordomo.

— Quantos são? Tem cuidado, e dize-me a vedade!

— Em todo Pekim não ha um só homem sem chapéo! Juro, meu soberano senhor, que é a verdade absoluta — respondeu Sung-He-Sang.

Li-Dan sorriu com ar satisfeito.

— Como me sinto feliz — exclamou — ao ver a prosperidade de meu paiz! E' uma grande alegria para mim!

E San-Che-San, Pi-He-Vo e Yur-Sung receberam a ordem do Dragão de Ouro, como premio de seu paternal cuidado pelo povo.

CEREBOS
SALT

Aphorismos Escolhidos

E' possivel que um hespanhol se resigne a não ter talento. O difficil é resignar-se a que os outros o tenham.

* * *

Bemaventurados nossos imitadores, porque delles serão todos os nossos defeitos!

* * *

O verdadeiro carinho não é o que perdôa nossos defeitos, mas o que nol-os conhece.

* * *

Quereis ser agradaveis ás mulheres? Falae ás honradas com a mesma liberdade com que falarieis ás que o não são, e ás que o não são, com o mesmo respeito com que lhes falarieis si o fossem.

* * *

Quereis parecer originaes? Que o senso commum vos inspire. Sempre direis algo novo.

* * *

O mundo vive da mentira do amor, obstinado em contradizer a verdade da morte.

* * *

A obra do mau sempre é completa: si alguma perversidade deixam de fazer os maus, porque não lhes convem, essa o fazem os imbecis, embora não lhes convenha.

* * *

Não ha nada que mais se pareça com um homem tolo do que uma mulher sábia.

* * *

Não se deve censurar nunca as mulheres bonitas nem os reis por serem tolos. Porque é muito difficil deixar de o ser, rodeados que estão sempre de cortezãos.

* * *

Os homens perdoarão talvez ao que descobre seus crimes. Nunca, porém, aos que assignalam suas tolices.

* * *

Convem ter alguns amigos tolos para continuar estimando os que o não são.

* * *

O verdadeiro artista não faz obras para o publico. Prefere fazer publico para suas obras.

* * *

E' grande viveza antecipar-nos a offerecer o que sabemos nos vão pedir e por qualquer consideração não podemos negar.

* * *

Não estimamos em nada a amabilidade do que é amavel para todo mundo.

* * *

Muita gente boa que seria incapaz de nos roubar dinheiro, sem escrupulo algum nos rouba o tempo de que necessitamos para ganhal-o.

* * *

Quando uma virtude acha sua recompensa, já começamos a duvidar de que seja virtude.

* * *

Convem deixar, ao morrer, algumas dividas incobraveis, para que alguem nos chore com sinceridade.

(De "Palavras, palavras"...)

"As primeiras lagrimas que nos custa, são o baptismo do primeiro amor."

... ...

"Dizem que a musica expressa o ineffavel do sentimento, que não poderia expressar a palavra. Pois o beijo é a musica do amor."

... ...

"Fazer-nos rir quando estamos tristes, qualquer pessoa póde fazel-o. Fazer-nos chorar quando estamos alegres, isso, sim, é que só um póde fazer!"

... ...

"Bem sei que nós as mulheres amamos, ordinariamente, a quem menos o merece. E' que as mulheres preferem fazer esmola a dar premios."

(Fragmentos das "Cartas de mulheres").

Conselho aos empresarios: Si quereis que as senhoras frequentem vosso theatro, não tenhaes actrizes que gostem muito dos homens.

* * *

Já podeis dizer em uma obra que a chaminé está accesa, que o frio é siberiano, que neva, que está aberto o theatro Real e ha bailes de sociedade. Depois da leitura aos actores, nunca faltará um que se aproxime de vós, muito respeitoso, a perguntar-vos:

— Faça-me o favor de informar-me si a acção se passa no verão?

(De "Maximas e aphorismos theatraes").

JACINTO BENAVENTE

— Quando estamos verdadeiramente mortos? — perguntou João Blaze. — não ha muito tempo, se pensava que, quando o coração cessou completamente de pulsar. Depois, se chegou a verificar a reanimação de alguns seres nos quaes não se percebia palpitação alguma, e que não empanavam os espelhos collocados deante de suas boccas.

"Para mim, creio, e tenho um serio motivo para isso — creio que a morte só é completa algum tempo depois de ter cessado de pulsar o coração e de parar a respiração...

"Sim, penso que, com o emprego de forças subtis de apparelhos ainda não descobertos, se poderá fazer voltar á vida seres bem mortos, milhares de creaturas humanas tidas por mortas nos seculos dos seculos... Disse que tenho razões para crel-o, e o provarei."

• • •

Pouco depois da guerra, eu morava com minha tia Helena, á rua de Galileu, não longe do Arco do Triumpho.

Tinha feito vinte e quatro annos, e, durante tres, combatera no Somme, no Chemin des Dames e deante de Verdun, sendo ferido tres vezes, mas levemente, tão levemente que apenas me restam, agora, insignificantes cicatrizes.

Minha tia era uma bonissima e encantadora mulher, carinhosa e solicita, que me considerava como um filho e me destinava sua fortuna, excepção dos pequenos legados reservados a uma duzia de membros de sua familia, todos elles muito ricos para ter necessidade de herança alguma.

Eu era feliz a seu lado, e pensava viver alguns annos em sua intimidade, quando me apaixonei por Joanna Faraby. Os paes dessa moça eram velhos amigos de minha familia. Muito ricos, não queriam dar sua filha a um pretendente que não fosse rico, dono de rendas admiraveis, não por avidez, mas por principios.

Tudo, entretanto, se arranjou, graças a minha tia, que prometteu assegurar-me grande parte de sua fortuna, quando se firmasse o contracto nupcial, e inscrever-me no testamento como seu herdeiro universal.

A data do casamento fôra fixada para o mez de outubro. Eu estava impaciente mas feliz, porque minha tia e meus futuros paes politicos passavam o verão no mesmo recanto da França, de maneira que, assim, eu podia ver diariamente minha noiva.

Tudo caminhava perfeitamente bem, quando, de repente, uma congestão cerebral feriu minha tia. Corri como um louco á procura do medico, que residia a alguns kilometros do castello. Mas, quando voltei com elle, a enferma já havia expirado.

Fiquei como um desesperado, pois adorava minha tia. Nunca essa encantadora mulher e eu haviamos tido o mais leve desgosto. Ella fôra para mim a mais terna das mães adoptivas. Em summa: eu tinha a impressão de haver perdido a melhor parte de minha vida.

• • •

Era pela manhã. Preenchi alguns requisitos administrativos, escrevi aos parentes da finada, que moravam no outro extremo da França, e, em seguida, dei licença aos empregados, porque queria estar só á noite para velar minha querida tia.

Foram horas terriveis. Minha pobre tia estava completamente mineralizada. O rosto pareceu-me tão duro como de granito. As palpebras, mal cerradas, permittiam ver um olho semelhante a um olho de crystal. Tinha, sem exagero, todo o aspecto dos cadaveres mumificados.

Meus pensamentos eram sinistros. A intervallos, eu passeava pelo quarto e relia algumas cartas da extincta, a quem, ás vezes, contemplava, com essa veneração e essa estupidez que inspiram os mortos.

Umas tres horas antes do amanhecer, me lembrei de uma recommendação sua: tirar os papeis que se encontravam em uma pequena gaveta de sua mesa, que ella me havia indicado, dizendo-me: "Não te esqueças! E' minha suprema vontade! Encontrarás a chave em meu bolso."

Não havia outro remedio sinão obedecer a uma recommendação feita de modo tão formal. Não tive trabalho algum para descobrir a chave. Abrindo a gaveta, achei diversos papeis, entre os quaes se encontrava um testamento, que, é inutil dizel-o, estava em fórma legal.

Como eu tinha imaginado — uma vez que nunca duvidára de sua palavra — ella me deixava toda sua fortuna.

Mas, ao ler o papel, com ternura, notei, de repente, uma grave falta: não tinha data!

Por conseguinte, o testamento não tinha valor algum.

Imaginas a minha desesperação. Acabava de perder

a protectora, a quem amara ternamente desde a infancia, e perdera, depois, a noiva que adorava.

Fiquei como um louco. Louco de dôr. Creio que até tentei suicidar-me.

Não guardo nenhuma recordação precisa dos minutos que succederam a esses instantes. Permanecia prostrado, aniquilado, sem que me abandonassem os pensamentos lugubres. Subito, um trovão longinquo me chamou á realidade. Voltando-me para a janella, vi que todo o céo estava vermelho como fogo. Por um momento, pensei num incendio. Depois vi que se tratava de uma aurora boreal, a mais luminosa que eu vira. Resplandeciam todas as côres do arco-iris: o verde, o rosa, o violaceo, o amarello, o ouro...

A atmosphera estava suffocante. Atmosphera parecida com a dos dias tormentosos.

O cão latia no grande pateo, e outros cães, na campina, respondiam lastimosos. Eu sentia passar uma corrente electrica por minhas vertebras.

Abrindo a janella, contemplava o firmamento e a paizagem fantastica. Mas, longe de attenuar-se, minha dôr se aggravava deante do espectaculo.

Finalmente, me aproximei da morta. Pareceu-me que o semblante havia adquirido outra expressão, que estava menos cadaverico, que as palpebras se moviam. A bocca tinha expressão de vida, e julguei ver, duas ou tres vezes, entreabrir-se docemente os labios. Assombrado, permaneci como que hypnotizado deante desse rosto... "Dir-se-ia que revive" — pensei, preso de esperança e espanto ao mesmo tempo.

A aurora boreal tornou-se mais luminosa ainda, e um grande resplandor penetrou no aposento, fazendo empallidecer a luz da lampada.

E eis que o cadaver palpitou. As mãos se contrahiram... As palpebras abriram-se sobre dois olhos cegos que, rapidamente, se tornaram lucidos...

Aterrorizado, ergui-me de meu assento e retrocedi até á parede... No resplandor vermelho e verde da aurora boreal, vi levantar-se o cadaver, descer do leito e, muito lentamente, ir até á mesa, sobre a qual havia eu deixado o testamento. E vi minha tia tomar a caneta, escrever alguma cousa, para, depois, mais lenta e com uma ligeira vacillação, retornar á camara ardente e cobrir-se de novo com o sudario...

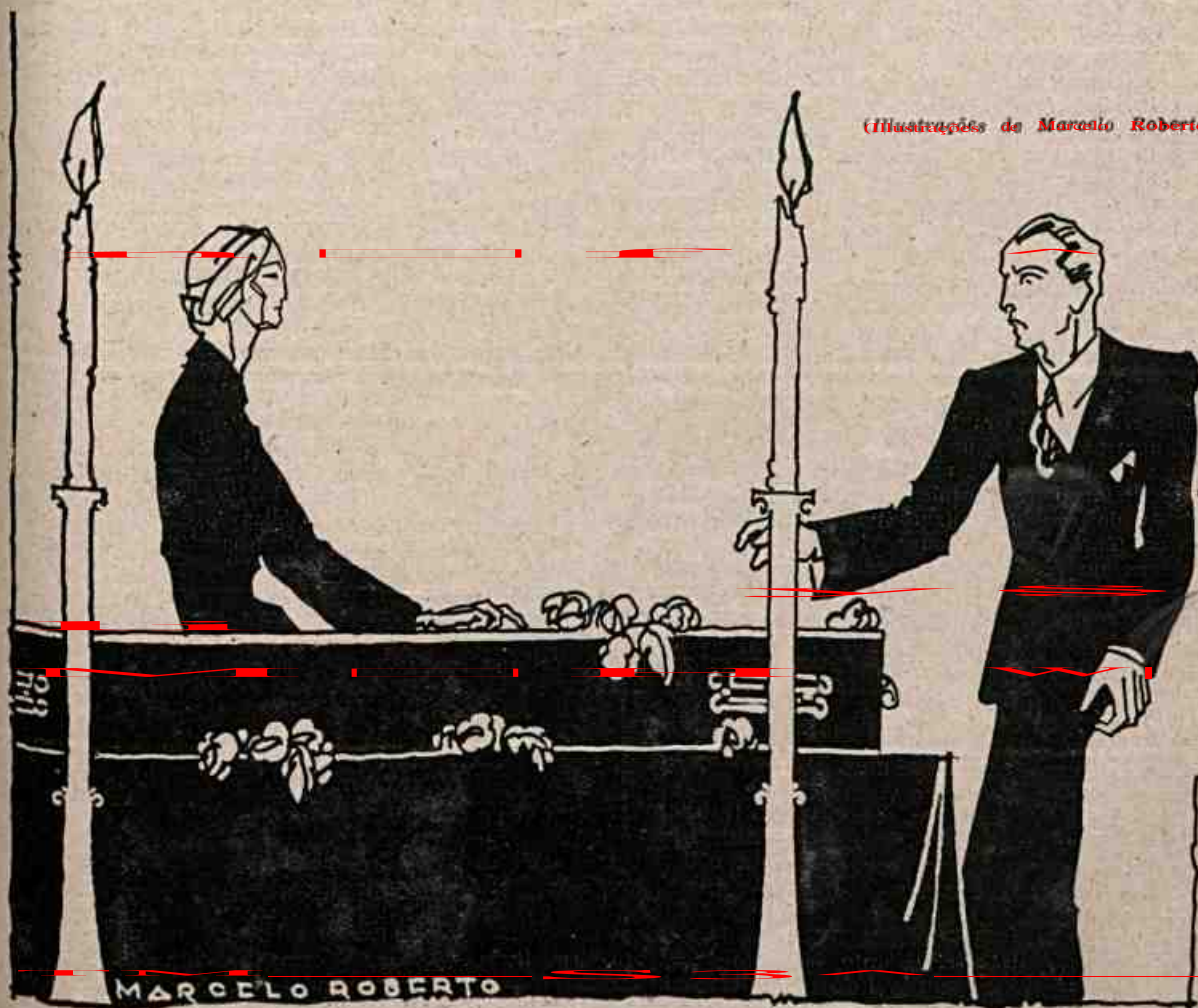
A aurora boreal desapparecia. A noite reinava novamente sobre as colinas longinquas... Durante dez longos minutos permaneci inteiramente paralysado pelo assombro e a emoção, sem poder dar um passo. Afinal, voltei a mim. A esperança renascia em minha alma: minha tia não havia morrido! minha tia vivia!...

Aproximei-me novamente do leito de morte. Aos ultimos resplandores da aurora boreal misturados aos da lampada, me inclinei sobre ella e toquei-lhe a cara... Estava rigida!... Havia readquirido seu aspecto cadaverico!... A morte possuia-a de novo!

Um quarto de hora mais tarde, pude chegar até a mesa e ler isto: minha tia puzera uma data no testamento, uma data que o fazia apparecer escripto no mez anterior, como si ella houvesse tornado do outro mundo para reparar seu esquecimento!

Depois pensei que a morte total chega mais tarde do que pensam os sabios e que virá um tempo em que se poderá chamar á vida os que se foram definitivamente, empregando para isso meios até hoje desconhecidos.

M.

(*Illustrações de Marcelo Roberto*)

O Doente do Leito 25

(VISÃO DE HOSPITAL)

NÃO seriam bastante escuras as tintas do odio para esboçar um retrato do doente do leito 25. Vimol-o, velho bastante alquebrado, na orla do abysmo dos 80 annos, as faces escarvadas pela cachexia, e as cordoveias ao pescoço repuxadas pelos tendões descarnados.

Os annos de porfiado labor, os ultimos estragos da molestia e a ingratidão tinham-lhe arregoado a saude e o peito, com seus mais anavalhados golpes.

Por dias, a fio, cercado pelos cuidados de companheiros de enfermaria, amparada a vida com a solicitude de mestres e estudantes, elle apparentando melhorias, confiava nas ephemeras e muito passadiças virtudes das mais acertadas medicinas, que o seu caso requeria.

O hospital esconde no seu bojo os mais crués apuros da desgraça humana. Quem professa os estudos medicos, cercado de enfermos, encruece a alma vendo a infelicidade a cada passo, a morte na ronda macabra entre os seus eleitos, todos ali collecionados em enfermarias brancas, muito brancas, silenciosas como tumulos.

O leito, já dizia um pensador, é o esboço da tumba: nelle o homem nasce, nelle vive o ultimo instante da vida.

Aquelle ancião alquebrado, com a respiração magoada pela dyspnéa tenaz, é bem o symbolo do quanto é verdade aquelle broquel antigo: *Um pae é para cem filhos, e cem filhos não são para um só pae.*

Elle resume um tragico fim de vida, num poente em que mais desvelos a edade avançada reclamava. Na sua imaginação esplendorosa haurida do sangue italiano, pela vida em fóra, nunca, de longe, vislumbrara que tão exilado dos seus expirasse num leito de hospital, como indigente.

Lá fóra, os seus afogam o tedio nas luminarias das festas, no fausto. Elle, ali jaz esquecido, com olhar baço, meio velado pela penumbra vespertina da morte.

Em mais de uma trintena de dias, por uma unica vez, recebeu a visita de duas moças de alto porte, recamadas pela mais fina "toilette", num "luxo cachorro", para aproveitar a exclamação de um enfermado, que era visinho daquelle ancião.

— Elle era de familia rica, tanto que as moças que vieram vel-o, uma vez, eram muito "enchapeladas", contava o doente do leito 12.

A vida é mensageira de cousas inverosimeis. Ninguém se esquiva dos seus labéos, e, por horas inteiras, eu meditava commigo proprio o que teria levado aquelle decrepito a procurar uma enfermaria de indigente para se medicar. Teria, por certo, medrado no seu encalço a infamia. Surprehenderam aos doentes as creaturas jovens que aqui, em visita, estiveram. Arrastavam, após de si, o luxo, competindo em belleza com as nymphas de Menalo. E, por instantes, os doentes da enfermaria viram com os olhos rasgados de espanto os "frou-frou" das sedas silenciarem ao contacto dos griseos lençoes de algodão do leito 25. Nunca o nosso velho fiara seus intimos segredos e afflicções aos seus companheiros. E, si a um e outro permittia uma palestra, era sempre minguada. Todos, a principio, lastimavam ver o patriarchal ancião de niveos cabellos, assim tão só, alcançando a extrema velhice emparedado pela falsa indigencia. A juventude sempre sonha numa remota velhice afestoada de conforto e attenção.

Vans promessas que os desenganos futuros sempre desmentem.

E vem finalmente o dia em que os recamos de imaginação, as ficções ingenuas da mocidade e os objectos das mais poeticas canções se reduzem a engenhosos projectos calcinados pelos mãos sucessos da vida.

Nesta ansia de escalar os alcantis da vida, abrazeado pela sêde da victoria, vae o homem, de monte em monte, levando de vencida os empeços e difficuldades.

O homem sempre anda no encalço da felicidade, e quantas vezes depois de muito porfiar, fica com sua má fortuna. A's vezes, no fim da luta, revolvendo e esforçando o seio da terra, o homem encontra um verme e se dá por pago e satisfeito, como diz Goethe no *Fausto*. Quem sabe si este conceito cabe ao velho do leito 25? Ninguem sabe, de certo, tudo de positivo deante de sua propria discreção, menos um seu amigo, que a miude, vinha vel-o.

No transe horrivel em que a saude desfallece ao menor sopro da morte, muito lhe valeriam os cuidados, que, porventura, os seus lhe dessem. A doença, afinal, é uma entrada da morte. E' o vestibulo da quebra da admiravel euphoria, que entretem a integridade perfeita da vida. O homem, esquecido do seu proprio ser, acastella em si um sem numero de funcções, que, perfeitas, fazem o seu regalo.

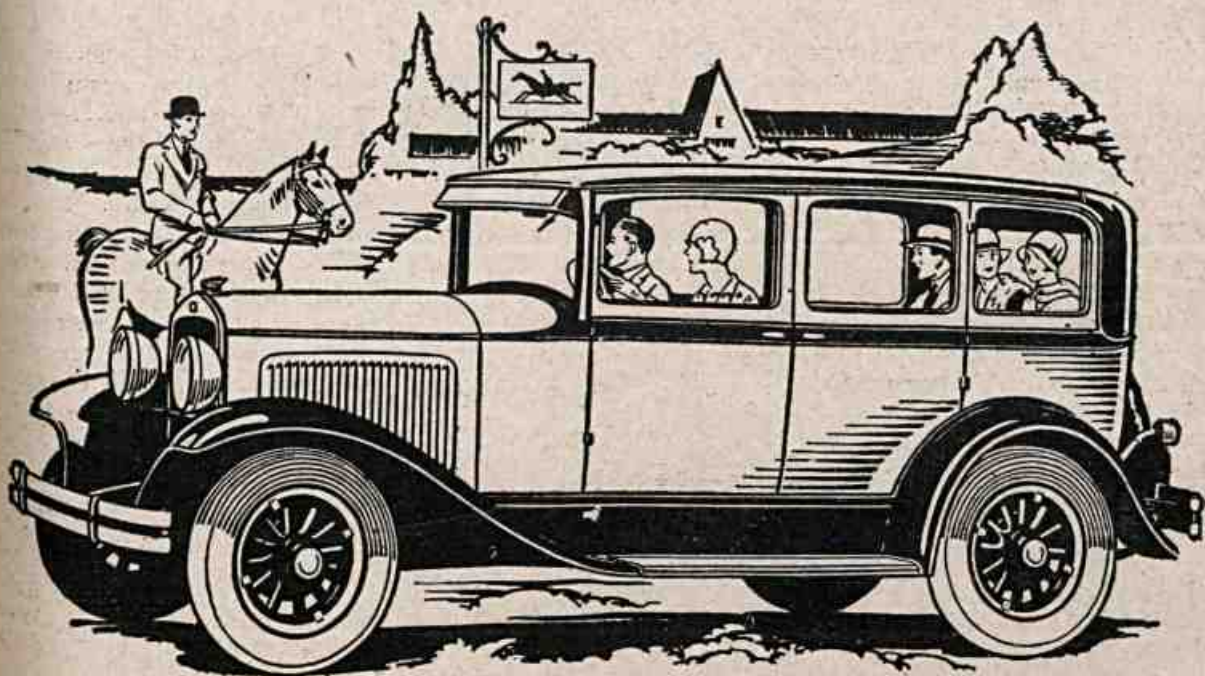
A Man is a dual being-physical and psychical — ensinava de plena voz Pottenger. E' para se crer neste velho conceito, que em cada tempo que passa, mais certo se mostra. Espirito alquebrado pela descrença, o proprio ar a minguar para elle, o doente do leito 25 é bem a mostra da derrocada do esforço e o quanto se esborôam, de choque, a gratidão e o beneficio. Creará familia, por muitissimos annos, cercando-a das primicias da mocidade, dando-lhe o relativo conforto do commum dos homens. Envelhecera no afan do trabalho, nos commettimentos da energia continuada e constructora, logrando ajuntar bens de fortuna. De seus dois filhos nunca recebera visita, um a opulentava os galões de capitão de mar e guerra, e outro de patente menor. Sempre abordoados aos hombros paternos, desde infantes, lograram elles, com educação superior, a ascenção na carreira das armas, por força, tão só de paterna ajuda e conselhos. Nem ensino facil teriam elles, quando não derivavam de familia de militar.

Não bastaram ao nosso doente todo este arsenal de providencias e ter espargido, por toda fórma, os seus esforços por todos os meridianos da vida. Casos como este, confrangem a alma, e encandescem o espirito de indignação. Acrescenta-se, a tudo isto, ter vindo o nosso velho enfermo, da casa paterna para o hospital, onde acreditam os seus ser-lhe o ambiente mais propicio, poupando-lhes os incommodos do desvelo.

Velho, muito senil, aprisionado pelas insidias do cancer, vivera os ultimos dias na afflicção das dores. Por noites inteiras vagava elle pelas nias da enfermaria, immune das reclamações e protestos de doentes e enfermeiras. Como um duende muito alto e coroado pelos nevados cabellos da velhice, os seus lamurios estrugiam dentro das paredes brancas da enfermaria.

Por uma noite, mais fundo o cancer mergulhou suas raizes tentaculares nas carnes já meio combalidas de muito soffrer, e assim pelo romper da manhã seguinte vimos depostas na mesa de marmore dos cadaveres, logar commum dos transeuntes dos leitos de hospital, as visceras, e todo aberto e ensanguentado o corpo do doente do leito 25.

IBRAIM CARONE.

De qualidade Chrysler e, no emtanto, de preço baixo

SALÃO PLYMOUTH DE 4 PORTAS—TAMANHO NORMAL

No PLYMOUTH, o mesmo que em todos os automoveis da Chrysler Motors, prestou-se a maior attenção a todos os factores que os automobilistas de hoje apreciam nos carros que possuem.

No que diz respeito a conforto, estylo, facilidade de conducção e verdadeira capacidade para desempenhar tudo o que se espera de um carro, este Plymouth de tamanho normal offerece vantagens que por regra geral só são encontradas em automoveis mais caros.

Uma infinidade de caracteristicas, ideadas e aperfeiçoadas para as criações Chrysler de preço mais elevado, acham-se incorporadas no Plymouth—emprestando-lhe uma distincção propria dos automoveis caros. O Plymouth tem garbo e elegancia. Tem um certo encanto que faz com que V. S. sinta orgulho em possuil-o.

PLYMOUTH

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTOR

Distribuidores:

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.:

AVENIDA RIO BRANCO, n. 247 — Tel. Central 1744 - 2407

O CONSELHO

(As duas irmãs — Laura, de trinta annos, casada; Tulita, de dezenove annos, solteira — conversam animadamente. Tulita chega da rua. Toca-se com um ligeiro véo, e prende entre as mãos um pequeno livro de oração ricamente encadernado).

Laura. — Vens da missa?

Tulita. — Não. Vou agora. Aos domingo, só se póde ir á missa de meio dia, quando já prestaram contas a Deus as criadas, os empregadinhos e as senhoras de sua casa, que vão carregadas de filhos... Não quiz passar por tua casa sem entrar para ver-te...

Laura. — Vaes só?

Tulita. — Só! Qual nada! Com a eterna dona Gertrudes. Deixei-a na sala de espera, junto á chaminé... Que dama de companhia tenho eu! Mais incommoda e mais inutil que um guarda-chuva...

Laura. — Por isso é que a deixaste junto á chaminé...

Tulita (rindo). — Exactamente.

Laura. — E teu senhor noivo, tambem o deixaste junto á chaminé?

Tulita. — Oxalá!... Elle nos espera na egreja...

Laura. — Que cousas dizes, mulher! Até parece que não estás satisfeita com Carlos...

Tulita (interrompendo-a). — Não. Satisfeita... não...

Laura. — Falas de um modo... Realmente Carlos é um homem modelo... Não? Descobriste-lhe algum defeito?

Tulita. — Não, Laura, não... Carlos, todo o mundo mo diz, é um homem perfeito... Mamãe diz que só com teu marido admitte comparação...

Laura. — Ella diz isso?

Tulita. — Sim. E é verdade: Carlos é joven, tem um grande typo, veste com elegancia. Sua carreira, brilhantissima, lhe offerece um grande futuro.

Laura. — Além disso, é um rapaz de familia excellente muito considerada.

Tulita. — Não te digo que não estou queixosa? Mamãe me diz que será, como teu marido, um esposo modelo.

Laura. — Sim. Alexandre é bom. Bonissimo para commigo.

Tulita. — E Carlos é, tambem, bonissimo, fino, cortez.

Laura. — Como Alexandre, sempre delicado para commigo...

Tulita. — E Carlos. Não ha homem mais amavel, mais delicado...

Laura. — Então?...

Tulita. — Não sei, Laura, minha Laura... Não sei... Carlos é bom, é honrado, e intelligente... e rico... Não o nego... Na verdade, não posso, não devo queixar-me... Mas... é-me difficil explicar-me. A seu lado sinto-me segura, tranquilla, defendida... Mas... Não o digas a ninguem, Laura: aborreço-me de um modo horrivel, atroz. Carlos é bom, amavel... Mas... sempre igualmente fino, igualmente, amavel, igualmente bom... Em um anno de noivado, não tivemos a menor rusga... Que mais posso pedir? *(Approximando-se, confidencial, de sua irmã)*. No emtanto, Laura, eu me aborreço junto delle. Penso, com horror, no que será toda a minha vida a seu lado: sempre igual, sempre a mesma... Dize-me, Laura: como Alexandre é um homem assim, tão semelhante a meu noivo, tu, com tua experiencia, podes aconselhar-me... Serei feliz?...

(Abre-se a porta do quarto de vestir, e uma criada avisa):

— Senhorita, o senhor diz que são onze em ponto. Que ele já está prompto, e a espera para sahir.

Laura (á criada). — Diga ao senhor que vou immediatamente.

(Laura senta-se deante do espelho e vae se apromptando rapidamente. De repente, se volta para sua irmã e lhe diz, cortante, energica, respondendo a uma subita inspiração):

— Tulita, minha irmã, não te cases com Carlos!...

JOÃO FERRAGUT

: : Um Duello que não se realizou : :

De JORGE DOLLEY

O senhor Radieux entrava em sua casa. Levava, na mão direita, um ramo e uns pasteis para sua mulher e na esquerda, uma caixa de cigarros para seu amigo Ernesto.

O senhor Radieux, commovido pelas recordações da juventude, recebêra Ernesto em sua casa, dava-lhe todos os ternos usados, convidava-o para almoçar e jantar sete vezes por semana, e havia-lhe emprestado cinco contos de réis.

Quando ia entrando na sala, ouviu o ruido de um bofetão. Deixou cahir os pacotes, abriu a porta, e viu seu amigo Ernesto com a mão nas faces.

— Teu amigo é um atrevido! — disse-lhe sua mulher. — Teve a ousadia de dar-me um abraço.

— Tu?! Fazer-me isso a mim, que te visto, de dou de comer e ainda te empresto dinheiro!

— Basta, cavalheiro! — atalhou, muito dignamente, Ernesto de Laulairé. — Sou homem de mundo e estou ás suas ordens.

— Que queres dizer?

— Que tens que bater-te com elle — respondeu sua mulher.

— Tens que bater-te para reparar esta offensa.

— Está bem. Bater-nos-emos.

— Naturalmente! — disse a senhora Radieux, muito orgulhosa, pensando que dois homens iam bater-se por causa della.

— A que arma?

— A pistola.

— Seja.

— Mas, para bater-se a pistola — observou Ernesto — é preciso um sobretudo, e eu não o tenho.

— Meu marido lhe emprestará um. O do dia do casamento. Vou buscal-o, e tambem lhe trarei um chapéo côco.

A senhora Radieux voltou dentro de alguns minutos com o sobretudo e o chapéo côco.

— Bello sobretudo! — exclamou Ernesto, olhando o forro de sêda.

E vestiu-o immediatamente.

— Mas não é tudo .

— Ha mais alguma cousa?

— Para bater-me, preciso de dinheiro. Tenho que alugar as armas, um carro, pagar um medico...

— De quanto precisa?

— De um conto de réis, pelo menos.

— Aqui o tem. Com este, são seis contos que me deve.

Ernesto guardou o dinheiro.

— Está resolvido, agora?

— Ainda não podemos baternos.

— E por que? — perguntaram, furiosos, os senhores Radieux.

— O código da honra prohibe bater-nos com um homem que nos deve dinheiro.

— Aqui está seu recibo — disse o senhor Radieux, extendendo um papel a Ernesto. — E agora, que nada mais me deve, já se póde bater commigo.

— E vou correr o risco de matar um homem como você? Nunca! Este duelo é impossivel.

E cahiu nos braços do senhor Radieux, á quem abraçou com força.

— Mas...

— Basta. Nem uma palavra mais. Está tudo esquecido. Convido-vos os dois a jantardes commigo em um restaurante.

— Mas...

— Não te alarmes: tenho dinheiro.

E tirou do bolso o conto de réis destinado a pagar as pistolas, o carro e o medico...

Lars Hanson da Metro-Goldwyn-Mayer

Cavalheiro ou...

Qual será o seu "papel" na vida?

Stacomb mantem o cabello penteado

No cinema, como na vida real, o cabello cuidadosamente penteado indica o homem prospero, refinado ou culto; desalinhado e revolto, assignala o vencido na vida, o negligente, o bohemio. No primeiro caso STACOMB é indispensavel; no segundo desnecessario.

STACOMB é um crême opalino, subtilmente perfumado, que torna o cabello obediente e submisso. Não é um dos productos que o fazem graxento ou empastado; nem é como a agua que se evapora logo e o deixa quebradiço e sem brilho. Um pouco de STACOMB applicado pela manhã, o mantém alinhado e brilhante todo o dia, conservando-o sedoso e são.

Nas melhores perfumarias e pharmacias, ou remette-se amostra mediante $800 em sellos postaes.

WARNER INTERNATIONAL CORPORATION
Rua Conde de Bomfim, 214 — RIO DE JANEIRO

Palavras de uma mulher que completou sessenta annos -- De Carmen Sylva (EX-RAINHA DA RUMANIA)

DESDE minha primeira juventude desejei chegar aos sessenta annos, porque sempre julguei que esta idade era de paz e esquecimento: eis-me chegado ao extremo do duodecimo lustro, e agora vejo que esta idade é ainda mais bella do que eu imaginava. Vou dizer-vos como é, para que vos exulteis sabendo que, depois de uma vida longa e ás vezes trabalhosa, chega para todos uma época de intima serenidade espiritual, que é como uma antecipação da felicidade do céo. E' como si começesse para vós uma nova infancia, uma vida neva; é como si deixasseis longe, ás costas, tudo quanto vos apresson a existencia... que só então vos parece entrar devéras no reino da luz. E' a cessação de todo resentimento e de todo odio, o perdão de quantos vos causaram odios e dores. Por que dizeis: "Bem se vê que não souberam quanto mal faziam, pois de outra maneira não teriam coragem bastante para fazêl-o."

Então passaes indifferente, porque junto as cousas que tanto e por tão longo tempo almejastes possuir, nem vos attrahem nem os desejaes, pois vistes como tudo é passageiro e nada no fundo vos é necessario. Tudo o que aprendes pelo caminho, por esse caminho que se chama vida, e nem sempre o aprendeis com prazer nem com facilidade.

A grande escola do Senhor é uma escola muito séria, e os trabalhos que Elle nos obriga a cumprir como testemunhas são muito mais duros e pesados que o castigo que se impõe aos estudantes preguiçosos...

Quando vos achaes perto dos sessenta annos sentis a impressão de que já não vos resta grande cousa a aprender na terra e que não haveis de realizar grandes trabalhos como castigo... Sessenta annos são como uma corôa composta só de ar e de ether, e a qual o bom Senhor Deus, com grande complacencia, vos colloca com suave mão, sobre os brancos cabellos, de sorte que vos parece ter ganho tanta paz que possaes infundil-a no coração de vossos semelhantes como uma promessa daquella outra paz que sorrirá a seu espirito quando houverem esgottado todas as suas forças e mmover os pesados moinhos nos quaes maquilaram toda a vida os grãos de ouro do dever. E é então que chega, afinal, o verdadeiro sentido da alegria, o qual consiste já no facto de que nada nos reste a fazer, mas na impressão de que, quanto façamos podemos fazel-o mais habilmente que no passado; de fórma que já não nos occorra poupar nossas ultimas energias, mas possamos repousar de vez em quando e sentar-vos e socegar-vos e recordar e lançar a vista para o futuro ou, o que é o mesmo, olhar para o céo.

Quanto a cessar de trabalhar, feitos meus sessenta annos, não penso nisso. Pelo contrario: penso trabalhar mais do que nunca, si Deus me der tempo e forças.

Sinto que tenho o dever de fazer solenne a descida de uma bella vida, transformando este entardecer da existencia numa formosa festa para quantos nos acompanharam no labor e se fatigam junto de nós, encorajando-vos com um olhar, com um grito, com uma phrase de confiança. Agora devemos procurar tornar-lhes bella a tarde de seu dia e preparar-lhes a que paz á custa de tantos sacrificios ganharam, e dar-lhes o poder de gozar comnosco a serenidade do ocaso de nossa jornada terrena.

Sabeis, filhos queridos, por que a velhice é para nós algo augusto e veneravel? Porque vós não podeis comprehender o que os velhos comprehendem: como ainda póde sorrir alguma esperança no cumulo de toda desesperança, como pódem mudar em suave licôr vital as amargas bebidas do calice da vida, como faz a bondade de Deus para salvar do fundo de todo abysmo humano o infeliz a que já o abysmo traga. De sorte que, assim, não nos seja licito sentir-nos pequenos na fé e possamos entrar serenos no porto ao abrigo de todo furioso furacão e penetremos tranquillos no pequeno aposento cujas paredes hão de ser luminosas, porque nossos olhos cansados precisam de maior cópia de luz, e a lampada da mesa ha de resplandecer viva, porque de noite a vista não nos assiste como dantes...

Do mesmo modo, si o aposento de nosso coração é lindo e alegre, limpo de todo átomo de pó do caminho, de toda mostra de tranquillidade e desabrimento, então lhe achamos tão milagrosamente tranquillo, que parece que sempre é domingo e que sôam sempre os sinos para alguma festa na qual já não possamos tomar parte como outr'ora, dançando e cantando, porque a garganta está rouca e os pés cansados. Mas é um espectaculo que vos enche de alegria tanto ou mais que na mocidade, pois então levareis á festa um ardente anseio de inapagaveis desejos não extinctos. De modo que aquella alegria não era alegria verdadeira. No aposento, o bater de azas de uma abelha ou de uma mosca sôa como campainhas vibrando em dia feriado; a luz que cáe dos brancos extendaes é tão temperada e tão refulgente; o relogio tem um pendular tão grato no ouvido; a flor no vaso ou no floreiro esparge um perfume tão bom, que parece que de todos os recantos salta á alma um só grito: Paz!...

Sessenta annos são o confim, passado o qual começa verdadeiramente a velhice, quando, maravilhados de toda cousa nova, deixamos que os moços nos contem todos os descobrimentos e invenções, e lhes damos o prazer de sentir-se mais ageis de mente e mais dispostos, para a acção do que nós. Sessenta annos são o limite para além do qual cessamos de ler e de estudar com toda assiduidade, pensando que o bom Deus nos deu a sciencia que não era necessaria e que é hora de os outros saberem mais e chegarem mais longe do que nós. Teriamos nascido em outra idade si nos fosse dado saber o que as gerações futuras apenas chegarão a conhecer. Por fim, aprendamos a contentar-nos e a não extender á mão ávida á sciencia nova, que o cerebro já está descansado e novas conquistas o estafariam. O que vós outros, filhos, venerais em nossos cabellos brancos é esta decidida e invencivel renuncia a tudo o que até aqui não conseguimos possuir; este não querer passar a barreira que nos poz o Senhor Deus; este recolher em paz as azas até que nos resôe a voz que nos permitta transpôl-as em toda a sua largueza para o ultimo vôo...

— Que o senhor vos dê um coração limpo e pensamentos nobres em toda vossa vida, para que os sessenta annos encontrem tão puros e luminosos como nosso aposento, tão capazes de perfume e de bem como a flor que o bom Deus deixa florescer em tempo.

Oh, que formosos, que formosos são os sessenta annos! Eu sei que elles cumprirão a promessa que me fizeram. A vida cumpre sempre o que promette si a gente sabe interrogal-a com acerto e si não lhe pede mais do que ella póde dar.

O Senhor abençôa nossos sessenta annos, põe sua mão bemfeitora sobre o coração cansado e aquieta seu palpitar, livrando-o de todo temor e suavizando-o da carga dos cuidados quotidianos, tirando-lhe de cima o peso das maiores responsabilidades, e nos diz que já sahimos de trabalhos e difficuldades e que chegámos ao tempo de repousar e santificar a festa.

Oh, queridos, queridos sessenta annos!

COLUMBIA

VIVA - TONAL

O DISCO PREFERIDO PELO PUBLICO

PELO MELHOR REPERTORIO DE MUSICAS GRAVADAS

PELO MELHOR TALENTO USADO PARA GRAVAÇÃO

POR NÃO TER CHIADO — GRAVAÇÃO VIVA-TONAL

A' VENDA NAS BOAS CASAS

Distribuidores Geraes :

BYINGTON & C.

Rua General Camara, 65 — RIO DE JANEIRO

S. Paulo — Santos — Curityba — Rio Grande — Porto Alegre — Recife

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER."

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 42

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1929

NOCTURNO

(Historia de um homem triste)

"Eu vinha pelo caminho da vida, taciturno e exhausto no meu silencio de contemplativo. A tarde morria. Havia em torno de mim, na immensa campina que eu atravessava, a mesma quietude mystica de minha alma. Nem um gorgeio de ave, nem um ruido de arvore quebrava a doce poesia dessa melancolica serenidade crepuscular. A brisa vespertina não soprava. O silencio era a unica voz que se debatia nesse desolado ambiente de solidão e de tristeza...

* * *

A unica voz não, que a voz da minha angustia de peregrino cansado tambem se fazia ouvir, desalentada e amarga, no deserto verde da campina... A voz do silencio e a voz da minha angustia... Duas vozes que eram dois silencios infinitos...

* * *

E a tarde continuava a morrer, suavemente, silenciosamente... E eu continuava a avançar no meu caminho, no meu solitario caminho de viajôr do sonho e da illusão. Em cima, o céo azul se arqueava, compassivo e sereno, sobre a areia que eu pisava, sobre as arvores que me cercavam, sobre a grande mudez que me envolvia... A luz do crepusculo — pallida luz que ainda me alumiava na minha triste peregrinação — já começava a declinar, já começava a se agitar na invasão das trevas. E sobre o caminho infinito que eu trilhava cahiram, em breve, as sombras da noite...

* * *

Mas uma hostia purpurea se ergueu no horizonte e o caminho, o meu pobre caminho desolado, se tingiu de sangue na quietude immensa da noite. Era a lua cheia que surgia para illuminal-o. Essa lua vermelha e redonda foi subindo, foi subindo para o meio do céo, e perdendo a sua côr de sangue, para vestir-se de branco e clarear a osteira dos meus passos...

* * *

Agora, todas as cousas eram brancas, tinham scintillações de prata. A areia do caminho, as arvores, o proprio céo que me espiava lá de cima... Dir-se-ia que a noite vestira o seu traje candido de noiva... Uma noite linda, luminosamente clara!...

* * *

Eu chegava ao termo da viagem. Havia só um resto de caminho á minha frente. Um resto de caminho rutilantemente illuminado á luz da lua. Para traz, a estrada que eu percorrêra, no meu grande, no meu profundo silencio de sonhador. Eu quasi já não podia andar. Estava mais exhausto, mais triste, mais torturado no meu desalento. Sentia o cansaço, o esfalfamento das grandes jornadas...

* * *

A lua banhava-me a cabeça, como banhava a campina. Mas a campina, quando a lua se foi, com a noite, para dar logar a um novo dia, voltou ao seu verde alegre da vespera, sob o beijo quente do sol. Minha cabeça, no emtanto, que era sombria como a noite, branquejára com a luz da lua..."

MARTINS CAPISTRANO

Letras Mattogrossenses

MATTO-GROSSO, um dos Estados mais remotos, quanto á distancia, é um dos mais proximos pela cultura. Terra de heróes e estadistas, não podia deixar de ser, egualmente, berço de poetas e oradores.

Cuyabá tem o seu cenaculo de artes e letras (o Centro Matto-Grossense) e dali começam a irradiar nomes fadados a grande projecção.

Ha uns dois annos, o meio intellectual carioca teve de travar conhecimento e firmar justas sympathias por um poeta de relevo — José de Mesquita. Este ficou sendo, desde então, o poeta da "Garça", que assim o sagrou, em prosa limpida, D. Aquino Corrêa, prosador e poeta da primeira linha e, além disso prelado verdadeiramente archangelico que reune á pureza e á bondade, uma illuminada intuição de arte e uma cultura polymorphica e scintillante.

José de Mesquita, o admiravel lyrico de "Garça" e de "Sinhá Violante", é tambem e principalmente, um suave inspirado da musa civica. Em "Terra do berço", livro todo escripto em bôa lingua e harmoniosos rythmos, anda deveras o nume de um bello poeta. No capitulo — "Dourados".

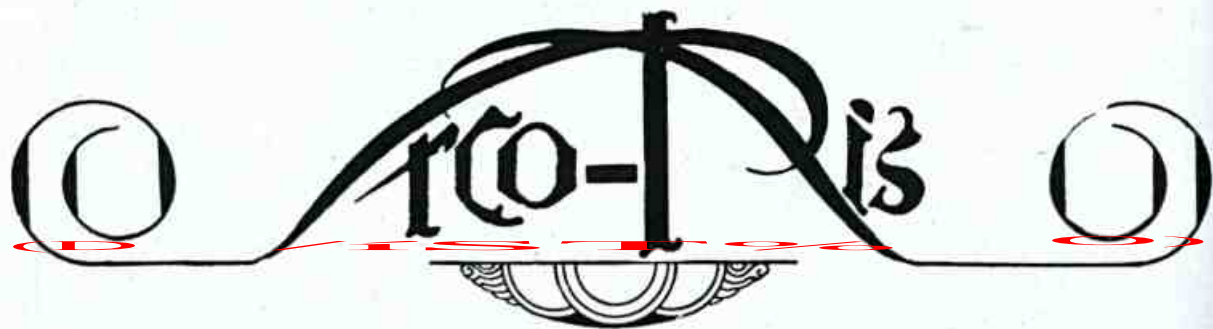
"Tarde. No acampamento o silencio é profundo. E' a hora da sesta. O rio escachoando apenas rompe a calma..." na Tapéra, na "Velha Cathedral", e em todo o capitulo dos Symbolos o cantor se revela pintor eximio e poeta enamorado de sua terra e sua gente.

Vem-nos ás mãos esse bello livrinho, da mesma remessa em que colhemos mais um excellente opusculo de D. Aquino, a "Carta ao meu Vigario Geral".

D. Aquino, em Roma e Turim, em toda a sua triumphal excursão á Europa, de onde ha pouco regressa, não foi, apenas, o diplomata e o Arcebispo-poeta em diurna peregrinagem *ad limina apostolorum*: o escriptor esteve tambem em viva actividade. Além dessa admiravel *Carta ao meu Vigario*, D. Aquino, que é um dos 40 cardeaes das nossas Letras, brindou-nos com um pequeno estudo modelar — *"Quem é o papa?"* impresso em Turim, escripto com elevação de conceitos e uma limpidez verbal digna de ser louvada e imitada.

LÉO - FABIO

OS novos officiaes da Armada, recentemente promovidos ao posto de segundos tenentes, por occasião da visita de apresentação que fizeram, ha dias, acompanhados do ministro da Marinha, ao sr. presidente da Republica. O dr. Washington Luis e o almirante Pinto da Luz apparecem, na photographia, ladeados pelos jovens officiaes.

SABBADO ultimo, os salões do Automovel Club do Brasil estiveram galantemente alvoroçados com a festa infantil que ali se realizou e que constituiu uma nota de grande expressão para a petizada pertencente á «élite» carioca.

CHRONIQUETA

O sol morrendo, de um lado.
Do outro, a lua despontando.
E o meu canario normando,
num prazer desesperado,
cantando,
vibrando,
como que se despedindo
desse entardecer tão lindo,
desse tão lindo sol-pôr...
Olha a Lua que vem vindo,
meu amor!

Ora, um canario que canta!
Um plenilunio que nasce!
Desde que este mundo é mundo,
todo mez, a Lua-Cheia
se levanta
e mira a face
no fundo de cada poço
ou no fundo
de cada coração moço
que divaga e devaneia
atrás de illusões de amor.
Mas... esse lindo sol-pôr,
tudo tão triste e tão lindo...

Olha a lua que vem vindo,
meu amor!

Vês lá longe uma palmeira,
junto áquelle arranha-céo?
Por menos que a gente queira,
cáe na vida verdadeira,
rola do setimo céo...
Tanta gente ha que desminta
toda a sincera effusão
destes velhos sentimentos!
E, de seu arranha-céo
de vinte ou mais pavimentos,
mão direita ao coração,
revirando olhos ao céo,
ria da minha emoção:
— Mil oitocentos e trinta...
— Byron... Musset... ou Dom João!
Mil oitocentos e trinta?
Muito bem.
Chega a tempo a evocação
da saudosa época extincta...
Pois, felizmente ahi vem
Mil novecentos e trinta.
E é bem possivel talvez
que, apesar do modernismo,
o Romantismo
venha até nós outra vez...

E VANIDADE...

D. QUIXOTE E SANCHO PANÇA

D. QUIXOTE é o symbolo do sonho, do tumulto, da fantasia, da illusão e da mentira. Sancho Pança é a realidade pratica, material, o espirito do chatismo, da vulgaridade, do utilitarismo.

Um sonha; outro, mede a vida, dia a dia, sensatamente, sem confiar nas causas aleatorias.

Creando esses dois symbolos, Cervantes, o genio hespanhol, construiu a dualidade que preside ao destino dos homens, que vivem para as grandes realizações da Belleza.

* * *

Póde-se mesmo avançar o axioma de que, na alma de todo o poeta, ha um D. Quixote e um Sancho Pança.

E é bem possivel que assim seja.

Do contrario não se explicaria essa duplicidade de pessôas, que se revela em todos nós que somos capazes de terçar armas pela defesa de um verso lindo — como antigamente os cavalleiros medievaes se batiam, até a morte, "pelo seu amor, pela sua dama e pelo seu rei"...

* * *

A vida, com as suas exigencias, nos absorve para nos confundir com a turba-multa.

No choque com o lado pratico da existencia, esquecemos a nossa personalidade fantasista, para que predomine aquella que vive para a materialidade flagrante das coisas. Sentimos a necessidade de contrariar o paradoxo de Wilde, — que suggere: "Devemos ser sempre um pouco inverosimeis".

Por quê?

Pela vida! A culpa é da vida estupida que somos forçados a viver — sentindo e pensando com o cerebro raso de Sancho Pança.

E nesse caso temos um aspecto desse dualismo que se produz em todos nós, que cultuamos a Belleza; nós que nos extasiamos deante de um crepusculo, como deante de um bronze, de um marmore, de uma téla, ou ouvindo uma sonata de Schubert, um nocturno de Chopin, um verso de Dante ou de Byron.

* * *

A outra personalidade que ha em nós outros é o D. Quixote. Isto é, aquelle que combate os moinhos das coisas vãs e vulgares, e sonha, e soffre, e ama, e se enleva nos arroubos do seu proprio Ideal.

Ai de nós si não fôsse esse dualismo! Ai de nós si possuissemos, como a maioria dos homens, o temperamento quadrangular de Sancho Pança!

Foi talvez pensando no horror dessa communhão com a vulgaridade da turba-multa que Vargas Vila póz esta revelação nas paginas illuminadas do seu "Huerto agnóstico": "La Multitud me espanta e me encoleriza; frente a ella sinto o loco deseo de huirla o de domarla"... Foi ainda — certamente — pelo mesmo motivo que Stecchetti escreveu estes versos enthusiastas e de louvor ás coisas bellas da vida:

.... e il canto mio sará perfetto,
tipo de l'ideale in poesia...

* * *

Eu, por mim, tenho esse doce consolo na vida: no convivio dos homens, sou um homem como todos os do meu sexo; fóra desse convivio, sou, subjectivamente, aquelle que desejaria ser sempre, sempre...

Mlle. Trina Fonseca, num recorte artistico do seu perfil. (Photo De los Rios

FARPAS — Não sei si acontece o mesmo com os senhores que são obrigados a escrever literatice... Não sei. Mas o que acontece commigo é muito curioso.

Ouçam meus senhores...

E' verdade que nós outros nunca escrevemos o que de facto sentimos. Pelo menos, quando sinto algum béguin por uma pequena loura, — o que escrevo só se refere á morena; si é de uma bruna para quem se voltam os meus pensamentos, a figura literaria que apparece nos meus escriptos, é uma loura ou uma ruiva. Tomem nota.

Dest'arte, eu não revelo nunca a verdade do meu sentir.

Outras vezes, si estou alegre, feliz, contente com a vida e as mulheres, o que escrevo é choroso como um dia de inverno. (Pitigrilli diria: um guarda-chuva molhado e fechado...) No emtanto, si estou anniquilado de tristeza, si o meu intimo se abate sob o peso de uma pungente amargura, — dou a impressão de um homem risonho — para quem a vida é uma bôa pilheria.

Dissimulação? Mas está claro. Não tem graça que venhamos mostrar a nossa alma, como os caixeiros-viajantes desdobram aos olhos da sua clientela as amostras dos seus artigos de venda...

Uns poderiam gostar da qualidade dos productos; outros poderiam desdenhal-os.

Ah, é tão difficil encontrar alguem que nos comprehenda, que partilhe as nossas mesmas emoções, reflectindo, como um lago, a mesma paizagem que o rodêa... a mesma doce paizagem subjectiva...

Emfim, nós, os que vivemos da penna, em geral não revelamos a nossa verdadeira alma, quando escrevemos para o publico.

Diz Paul Géraldy que vivemos através das palavras. Sim, porque essas palavras são como o disfarce, a mascara do que sentimos.

Partindo desse principio, quero chegar á conclusão de que, apezar de tudo, quando escrevemos necessitamos de um elemento emocional verdadeiro.

O nosso thema é o amor? Então será indispensavel que pensemos em alguem (esse alguem, é claro, será uma mulher) a quem amemos ou que seja digna dos nossos pensamentos sentimentaes...

Pois bem, eu hoje desejaria escrever sobre uma creatura a quem amasse. Passo uma revista na memoria, vejo um pelotão dellas, não posso admittir que nenhuma seja digna dos meus pensamentos affectuosos.

Escrevo: Angelica di Maio, Ada, Edelweiss, Vera (ha duas, aliás); Mimi Bluette, Marion, Guiomar e tantas outras, cujos nomes me cáem da penna.

Mas, instinctivamente, — como quem realiza um trabalho penoso — a minha penna torna a riscar esses nomes. Risco, risco, risco... E o que fica depois é uma garatuja sobre o papel.

Desculpem, meus senhores, si esta nota saiu um pouco imbecil. A culpa não é minha...

«A alma encantadora das ruas» — diria João do Rio.

CLARO-ESCURO — Dr. Yves — Tenho um amigo que anda sinceramente apaixonado. Mas não é muito pratico na arte de amar. Elle é desses que dizem tudo como devem ser. Declara que ama. Affirma que soffre. Jura que o silencio e a indifferença da amada lhe fazem mal.

Ai, do meu amigo! Elle é pouco pratico em materia de amores e de coração feminino. Ignora que a mulher ama pela incerteza de saber que é amada. Esquece que ella não é como a Esphynge do Deserto, mas é contradictoria como um paradoxo. Sem duvida, não leu a observação de Balzac: "O amor cria na mulher uma mulher nova: a da vespera não existe mais no dia seguinte." E isso só se dá para o prejuizo do homem.

A de hontem era má? A de hoje será peor.

Não! O meu amigo é ingenuo. Elle faz mal em dizer que a ama. A mulher gosta da incerteza. Gosta de sentir-se na duvida. A duvida póde levar o amor á ruina, como certos venenos; mas é o seu unico e verdadeiro alimento.

O amor é como as verdades, no dizer de Oscar Wilde. Ella cessa de dizer uma verdade, quando todos acreditam nella. Assim é o amor: é preciso que elle pareça sempre uma bella mentira para que os amantes possam crer que elle existe...

De resto, ha no amor uma fatalidade.

Quando uma mulher finge que não nos vê, boceja quando falamos ou oppõe sempre uma difficuldade, um embaraço, um principio, um ponto de vista para nos recusar um beijo, — é inutil qualquer tentativa de reconquista. E' o unico estado morbido para o qual a medicina não conhece remedio: o fastio do amor.

Ah, o meu pobre amigo! Elle não sabe que a perda de um affecto só se repara com a acquisição de um affecto melhor...

CARICATURA — Vi, sim. Juro como vi uma baleia comendo.

Ella entrou na elegante casa de chá. Vinha remando no ar. Muito gorda, — como aquella figura de Baccho, — suarenta, mettida num vestido marron, largo como si fosse o vestido de uma barrica, um chapéo grande, cheio de cerejas — de cerejas, vejam só! — sentou-se á minha frente. Abanou-se com um leque de panno. Bufou como uma sereia. Inchou as bochechas como Eolo e tornou a soprar.

De parte, eu estou vendo os gestos da baleia humana...

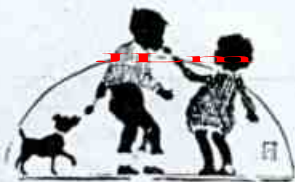
Vem o garçon. Curva-se deante della. Ella torce o nariz (baleia tambem tem nariz?) mira o cardapio, bezunta-se de *rouge* e pó de arroz, — que sacrilegio! — e bufa para o garçon:

— Sorvete de crême.

— Só?

— E doces.

Quando o garçon volta com a consummação, a baleia, isto é, a matrona, avança no sorvete como si estivesse tomando uma sopa de camarão... no fundo do oceano...

Principiou pelo sorvete, depois entrou nas mães-bentas, nos *petits-fours*, nos bolos, nos pasteis Santa Clara... Virgem Nossa Senhora! Que Gargantua! Quando acabou tudo aquillo, pediu um chá com torradas (De lado, eu só estou tomando nota...).

O garçon não acreditou:
— Chá com torradas?
— Sim, senhor. Por que não?
— E' que eu tinha ouvido mal... Perdão!

O chá com torradas chegou. A baleia, isto é, a madame de largas banhas, engulia todo aquelle *petit-diner* (ou *avant-diner?*) O nome não importa. O que importa é saber que ella avançou no chá como si estivesse comendo um delicado bonbon.

Pagou uma fortuna. Não deu gorgeta. Ergueu-se e lá se foi, porta afóra, a bufar e a remar, como si estivesse na Guanabara ou na praia Maria Angú.

O garçon, despeitado, regougou:
— Lorpa! Moloch de saia!
— Baleia! — descompuz eu.

Pois, meus senhores, querem saber de uma coisa? Essa cavalheira sahiu da casa de chá e entrou no primeiro restaurante.

Juro como é verdade.

ESTRELLINHAS — "Amica, nella mia stanza c'é ancora il vostro profumo di donna giovine..." E' assim que o personagem de Pitigrilli se dirige a Susanna, depois de uma linda tarde de amor...

Eu direi: Amiga minha, nas minhas mãos ainda ha aquelle perfume quente e complexo, indefinivel, dos teus cabellos de oiro, e que se espalhava no teu apartamento, cujos tapetes amaciavam o soalho e cuja luz, adoçada sob o chapéo do abat-jour, parecia se diluir como uma sonoridade illuminada...

Oh! As minhas mãos ainda guardam a sensação do teu corpo elastico e flexivel; os teus olhos, de um claro que não era cinza, nem ouro, nem verde, nem azul, mas que reflectia todas essas nuances alegres e, ao mesmo tempo, suaves — os teus olhos ainda me magnetizam, com a sua flamma ironica e fatal.

A minha bocca... Oh, mas para que recordar o desespero de fogo que havia em cada um desses beijos, que passaram como asas em chammas?

Ah, minha querida! Ha certas imagens que só nós outros, os homens de espirito, poderemos sentir. E' necessario possuir um sexto sentido, bastante apurado aliás, e do qual participa a nossa sensibilidade, para que as possamos perceber e penetrar.

Asas em chammas!

Concebes essa imagem?

Figura um beijo alado e chammejante, fugindo do vulcão das nossas boccas incendiadas, para o azul do Infinito sereno, numa ascenção impassivel e eterna!

No amor, o que é perduravel é justamente a recordação do que se perde ou não se póde alcançar.

"Nada do que acontece — affirma Oscar Wilde — tem a menor importancia."

A importancia está é naquillo que não acontece.

Para mim, — com o teu perfume, os teus olhos claros, os teus cabellos côr de folha madura, o teu corpo elastico, — foste apenas o projecto de um incidente, um facto que imaginei, um caso que concebi, o esboço de um episodio, o esquisse de um acontecimento, uma ficção, a sombra de um sonho, o motivo de uma legenda, um bello conto de Perrault, ou talvez "l'oiseau bleu" de Maeterlinck...

«Tirae a mulher do mundo, e o vereis despovoado» — dizia Alexandre Herculano.

...E no emtanto, — vê quanto póde a imaginação — nas minhas mãos ainda ha aquelle perfume quente e complexo, indefinivel, dos teus cabellos de ouro, e que se espalhava no teu apartamento...

MELANCOLIA — Dr. Yves — Ha dias em que a gente amanhece com a alma semelhante a um areial varrido por um tufão. Um tufão.

Sentimos que ella está rasa, lisa, limpinha de altas emoções, de grandes sentimentos. O que resta sobre ella são pequenos destroços, residuos de coisas antigas, imprestaveis, seixos, galhos seccos, folhas mortas.

Percebem a metaphora?

Essas coisas inuteis, esses detritos são os restos das illusões, das saudades vividas, das esperanças mortas, dos sonhos mutilados, dos affectos desfeitos...

Ha nisso um pouco de allivio, uma certa serenidade para a alma, onde o silencio repousa, mas, ao mesmo tempo, a desolação é mortal, é dolorosa, desorienta e entristece.

A nossa alma parece um immenso Sahara, onde não ha o perfil de um beduino, mas apenas o impeto bravio dos simuns e a tristeza dos crepusculos, dos luares e das madrugadas sem aves e sem rosas.

Mas acaso será melhor essa alma deserta e calada — sem o tumulto dos martyrios do amor, ou valerá mais a pena de sentil-a vibrar como um vulcão, sob as lavas ardentes das paixões?

"That is the question" — Eis a questão, como dizia o louco principe da Dinamarca.

Por meu turno, não sei o que dizer. Emile Zola sustenta que, "après l'amour, il n'y a plus que la mort."

Porventura, quando a nossa alma se esvasia de todo, não será a propria morte que nos toma em vida?

Bataille é da seguinte opinião: "L'amour est le grand refuge de l'homme."

Emfim, que se deve preferir: o amor, como refugio contra os desesperos e os fracassos da nossa alma, ou o silencio, a solidão, como refugio contra o proprio amor?

Não é muito facil a resposta. E, nesses casos, cada um de nós resolve por si.

Tudo — creio eu — depende de estados de alma.

Eu hoje amanheci com a minha alma vasia. Despida de sonhos, de affectos, de alegria, de esperanças, de tudo. E, no emtanto, eu me sinto tranquillo, feliz, socegado — porque não tenho em quem pensar, não sinto remorsos, não amo a ninguem, não tenho cuidado, e olho a vida com a mesma indifferença com que fito as mulheres — as mulheres que, paradoxalmente, têm sido a minha vida e, ao mesmo tempo, a minha morte...

O telephone

PELA ultima vez me utilizei, hoje, do telephone para ouvir-lhe a voz. Foi você mesma quem attendeu. Foi você mesma quem disse, do outro lado, o numero que eu tanto conheço, porque está escripto, com algarismos de sangue, no meu coração desolado. Você, hoje, nessa terceira e ultima tentativa, me aniquilou com o seu silencio. Fez-me ficar odiando o telephone. O telephone, que eu suppunha fôsse ainda o pacificador, o reconciliador das nossas almas. Eu já tinha uma certa prevenção com o telephone. Achava-o estupido e mal educado, quando, minutos a fio, esperava, impaciente, uma ligação consoladora. Irritava-me, quasi sempre, o classico "numero, faz favor!" das telephonistas.

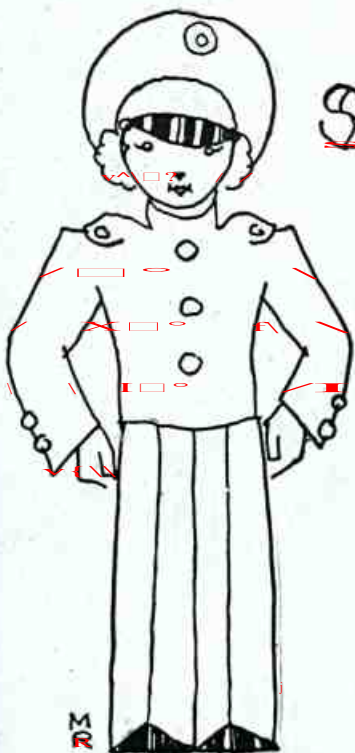
Agora, depois que você, tres vezes, me negou o consolo telephonico de uma explicação pelo apparelho de Graham Bell, eu tomei um rancor de morte ao telephone. Considero-o o maior inimigo do amor. Porque eu não acredito que você não me queira bem. Apesar das suas dissimulações femininas, sinto que ainda não morreu aquelle affecto bom que esplende nos seus olhos, quando você, insensivelmente, fita os meus olhos, num fugitivo lampejo de carinho. Você tem medo de mim. Apenas. Eu não sou nenhuma féra, mas sou um homem que gosta de você, e talvez o unico que tenha conseguido penetrar a sua alma e deixar no seu coração de mulher essa marca de amor que não se apaga nunca. Pretenção... Perdôe-me!

Você tem medo de mim por isso. Sabe que é muito arriscada uma approximação entre um homem e uma mulher que se amam. Sabe que a resistencia humana é relativa, (com licença do meu mestre Enstein...) e sabe, tanto quanto eu, que um dia nos esquecemos de enfiar a mascara que nos protege contra nós proprios: contra os nossos desejos, contra os nossos enthusiasmos sentimentaes, contra a nossa ousadia... E então...

O seu silencio telephonico de hoje foi uma surpresa que me torturou. Mas eu não creio na sinceridade desse silencio. Você, hoje, não se esqueceu da sua mascara, e eu deixei a minha em casa... Foi por isso que lhe telephonei. Foi por isso que quiz, mais uma vez, ouvir-lhe a voz longinqua e doce. E ouvi-a. Ouvi-a no seu silencio constrangido e amargurado. Nesse silencio que me retalhou a sensibilidade passional, mas que não conseguiu ainda transformar em odio o grande amor que lhe tenho. Eu sou um homem profundamente sincero e não posso, ás vezes, representar este papel irritante da nossa comedia. Hoje, não consegui ser o artista de hontem. A manhã estava nevoenta. Minha alma estava triste. Meu coração sentia saudade de você. Dominava-me uma vontade immensa de ouvir-lhe a voz. O telephone tentou-me. Estava tão perto de mim... Era só tomar o receptor, encostar a bocca no transmissor, pedir a ligação, aguçar o ouvido, e esperar. Foi o que fiz.

Você attendeu. Disse o numero com a doçura de sempre. Mas, quando me reconheceu a voz, teve medo, e appelou para o silencio. E o silencio veiu em seu soccorro. E você não disse mais nada. Não podia dizer. A mulher sabe fingir melhor do que o homem. E' mais artista.

O telephone... Eu hoje esqueci a mascara em casa. E por causa desse esquecimento, fiquei odiando o telephone...

Mauro, meu soldadinho de chumbo.

(*Para o meu filhinho* Mauro Thibau, *esta pagina com o infinito carinho de sua mãe*)

SOLDADINHO DE CHUMBO

UM, dois, tres!... Avante, marche! Meia volta... volver! Apresentar armas! Continencia!...

Soldadinho de chumbo... que galanteza! Faces coradas, leve covinha, riso de rosas desabrochadas, olhos pequenos fulgindo malicias... e a aba do bonnet que rebrilha, lustrosa...

Soldadinho de chumbo... que prosinha empertigado! Farda kaki, gola alta e bem fechada, letras de oiro a scintilar, grandes bolsos abotoados, corpete cintado, calças compridas... e que elegancia delicada e pura!... Um jasmim cheiroso, por capricho, fardado...

Um, dois, tres, apresentar armas!

Cinco annos apenas, e a primeira fardinha! Que risadas frementes, e que alegria!... Que enthusiasmada convicção!

Marcha forte, vira, revira, faz continencia, corre ao espelho... soldadinho faceiro!...

Soldadinho de chumbo... meu filhinho adorado!

Farda kaki bonnet lustroso, rigido porte...

A patria é grande... é poderosa e bella...

Não vá ella algum dia me pedir meu soldadinho de chumbo... para brincar de guerra... para brincar de morte...

MEU FILHO!

O filhinho cresce... o filhinho esquece...

Como está ficando peralta e independente! Já não quer que a mamãe lhe arranje amorosamente os cabellos ondulados... Prefere-os lisos, prefere-os á vontade.

Já não quer que a mamãe lhe corte a comida e lhe prepare o pratinho... Pretende comer com garfo e faca tal o papae...

Já não quer ficar junto á mamãe no carinho morno de seu regaço, no aconchego do lar... Deseja correr e fazer diabruras com os amiguinhos...

O filhinho cresce... o filhinho esquece...

Ainda hontem — tão pequenino! — a mamãe o despia, o lavava, o vestia, como si fôra risonha boneca...

E elle no peito alvo, soffregamente, bebia o leite que lhe matava a fome, que lhe estancava a sêde.

E no collo macio ficava a brincar, ficava a dormir, e pela mão materna ensaiava os passos... tão medroso e desageitado!

Mamãe, para elle, era tudo: supremo appello, queixume suave, protesto extremo... "Mamãe... mamãe..." balbuciava a todo instante.

Si em tudo e por tudo dependia della!

O tempo se foi...

O filhinho cresce... o filhinho esquece...

Já agora vae com todos... prefere os outros...

Pobre mãe! Evolue com elle... esquece tambem... esquece a boneca, o teu enlevo... Mas não digas nunca: "Meu filho!"

Elle não é teu... A vida emprestou-t'o... a vida o retoma... A vida o chama... e elle se irá...

O filhinho cresce... o filhinho esquece...

POETA FUTURISTA

MEU filhinho é um grande poeta futurista.

Elle tem apenas cinco annos, os cabellos loiros e ondeados, e no seu rostinho delicado os olhos pequenos e escuros, em duas fendas alongadas, brilham de malicia.

Elle só tem cinco annos, porém, qual poeta, possuirá imaginação mais inventiva ou visão mais original das coisas?

Para elle, caixinhas de papelão são carros e trens de ferro, grãos de milho um rebanho de carneiros e papel picado iguarias deliciosas...

Quando elle se acha no balanço, todos que o vêm erram. Pensam que está se embalando, e é falso; está montado no seu cavallo baio, que galopa fogoso.

Elle quebra os brinquedos para lhes alterar as formas, e constróe outros com os destroços obtidos.

Meu filhinho é um poeta futurista porque as invenções delle só elle mesmo é que as entende.

Uma noite de céo muito puro, o meu poeta ia entre o papae e a mamãe pela rua deserta que a lua cheia banhava.

"Mamãe, disse elle, olha a roda do automovel de papae do céo..."

E a lua se occultou por entre umas nuvens, insultada com aquella irreverencia.

Na verdade, meu filhinho tem um grande talento futurista...

petite source

INAUGURARAM-SE, sabbado ultimo, no Palacio das Festas, á avenida das Nações, a Segunda Exposição Nacional de Leite e Derivados e a Primeira Exposição Nacional de Horticultura, promovidas pela Sociedade N. de Agricultura, e sob os auspicios do sr. ministro Lyra Castro, que compareceu pessoalmente, com outras autoridades, á ceremonia inaugural. A primeira das photographias desta pagina mostra os organizadores das duas Exposições com os jornalistas que visitaram o recinto do certamen na manhã de sexta-feira, vespera da inauguração.

. . .

ANNUNCIOS

Acabo de ler um annuncio curioso. O irmão de uma «moça decente» gratifica, com um conto de réis, a quem conseguir para a mesma um emprego publico. Apesar de tratar-se de um negocio de absoluta discreção, elle merece commentario...

Essa coisa de gratificar arranjos de emprego

A' solennidade inaugural da Segunda Exposição Nacional de Leite e Derivados e da Primeira Exposição Nacional de Horticultura, realizada sabbado á tarde, no Palacio das Festas, estiveram presentes, além do sr. ministro da Agricultura, o chefe da casa militar da presidencia da Republica, general Teixeira de Freitas, representando o dr. Washington Luis; diplomatas, jornalistas, industriaes e representantes de outras altas autoridades. São tres flagrantes da inauguração desse certamen o que focalizam as nossas photographias.

• • •

Sendo moda, tanto que nos jornaes apparecem annuncios seductores pela offertas de propinas.

Mas, este tem, ao menos, uma originalidade.

O rapaz diz que a irmã é uma «moça decente», aviso significativo para a época de liberdades extremas...

E tudo estaria muito bem, si o annuncio não fosse indecente...

• • •

TREPAÇÕES

Luiz Augusto, filho do dr. Lauro Vasconcellos.
(Photo Annunciato)

GOSTARIAMOS de saber em que vae dar uma historia começada ha dias, num cinema perdido lá para as bandas de certo bairro chic.

Film romantico na téla e outro tanto na platéa...

Beijos e mais beijos em um e outro lado, deixando antever uma vida de venturas, vida que o *film* condensava numa união para sempre, até a morte, e que os personagens da sala ensaiavam realizar, ás escancaras, para que a assistencia mordesse os labios de inveja...

Quando se fez a luz e o espectaculo acabou, ella e elle ainda prolongaram a scena, partindo de mãos dadas, até a porta, onde se separaram com um *até breve*...

Até breve, sim, porque, no dia seguinte, ambos appareciam numa casa de chá, onde quasi repetiram a scena da vespera.

Mas, como havia luz, muita luz e *garçons* curiosos, o brinquedinho ficou adiado para quando se annunciar...

Vamos ficar attentos, pois o *fim* da historia deve ser interessante.

SI madame pudesse medir o tamanho do amor que aquelle moço alto, moreno, intelligente e franco lhe dedica, não seria tão cruel para com o joven advogado. Dar-lhe-ia o coração, dar-lhe-ia a alma, dar-lhe-ia tudo... Porque, positivamente, elle o merece. O moço moreno sente, pela linda senhora de olhos de topazio, uma paixão tão terrivel, que o traz em constantes inquietudes. Vive pensando nella. Onde quer que esteja, só vê a figurinha clara de madame, os seus olhos côr de ouro, o seu sorriso fascinante... Ella o acompanha por toda parte, enchendo-lhe a vida de ansiedade. Acompanha-o com o magnetismo do seu encanto luminoso.

Entretanto, não a persegue como um D. Juan de esquina. Contempla, embevecido, a sua silhueta fina e branca. Procura fital-a nos olhos doirados, quando ella está perto delle. Provoca um sorriso dos seus labios...

E madame parece tambem gostar delle. Martyriza-o, porém, com o tantalismo de uma promessa de amor que nunca se realiza. Concede-lhe a fascinação de um olhar, sorri ás vezes para elle e ás vezes lhe fala... Mas é só. Não lhe diz que o ama, ou que seria capaz de amal-o. Não lhe diz nada.

O moço anda numa angustia de fazer pena. Madame é tudo para elle.

E ella sabe disso. Mas finge que não sabe, só para torturai-o.

Que estranho prazer madame acha nisso?

AQUELLA lourinha de olhos claros, apezar do seu typo, é o retrato daquella moreninha de olhos negros e flammantes. Quer dizer, quem vê a loura, vê a morena no typo claro; e quem vê a morena, vê a loura no typo bruno.

Ora, acontece que um certo escriptor já teve um grande *penchant* pela morena.. Um bello dia, brigaram. Mas nunca mais elle poude esquecel-a. E ella, tel-o-ia esquecido? *Chi lo sa?* Quem sabe o que sente um coração de mulher?

O caso é que o escriptor móra perto da loura e da morena. Isto é, mora entre uma e outra. Assim, elle adora a loura, que já reparou na sua sympathia por ella, sem lhe conhecer a causa; e adora a morena, porque afinal já está gostando da loura — porque esta parece muito com a primeira.

E' um circulo vicioso, em torno ao qual giram muitos corações incoherentes...

Entendem essa complicação? Não vale a pena entender. Bem razão tem Pascal: "En amour, un silence vaut mieux qu'un langage"...

MAS, afinal, de contas, como é que se conta a historia? Mademoiselle vae casar com um cavalheiro que já está amarrado a outra, pelo "conjugo vobis"? Não póde ser, mas a verdade é que ella frequenta tudo quanto é bailes, festas e reuniões, em companhia do cavalheiro casado e que traz uma opala no dedo.

Acaso ella gostará da opala do engenheiro ou quer apenas fazer figuração com o "chapéo alheio", isto é, o marido... da outra?

Não; isto não está certo. Mademoiselle, que tem tanta *pose*, não se deve dar ao desfructe de querer usurpar um coração que já tem dona e está garantido a esta pelas leis dos homens e a de Deus...

Emfim, vamos vêr em que param as modas.

A interessante Wilma, filhinha do casal Nelson Pinto da Luz, é a primeira neta do almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha.

LAMPEJOS

Não sei como possa comprehendêl-a. Você é um enigma indecifravel. E' a esphynge da minha vida. Um dia, os seus olhos acariciam os meus olhos com um pouco dessa esperança que conserva a chamma do nosso amor. Outro dia, nem um vago e longinquo sorriso illumina o seu semblante fechado. A's vezes, você me diz, no silencio eloquente do seu olhar, que ainda me quer bem e que seria capaz de ser minha. Outras vezes, num gesto displicente, dá a entender que me odeia.

No emtanto, eu sou sempre o mesmo para você. Recebendo caricias ou sentindo o espinho da ingratidão, tenho sempre, para você, aquelle grande sorriso amoroso que não me abandona quando a tenho perto de mim.

Em troca dessa estabilidade sentimental, você me dá o tormento das suas attitudes impenetraveis.

Não sei como possa comprehendêl-a. Você é um enigma indecifravel. E' a esphinge da minha vida...

PAULICÉA

A Paulicéa dos nevoeiros e das republicas de academicos, a terra da poesia e do sonho é, hoje, um dos maiores centros de actividade commercial e fabril, da America do Sul.

O seu passado de romantismo ficou lá nas quebradas das suas colinas, envolto num manto de saudades...

Hoje, as chaminés, com os seus enormes penachos de fumo, indicam uma vida de trabalho intenso, vida onde os sonhos vão direito para a moeda, não havendo logar para os adoradores da lua e dos livros de versos...

* * *

O Grajahú Tennis Club alcançou mais um successo mundano com o seu grande baile do ultimo sabbado, commemorativo do quarto anniversario daquella sociedade. Foi uma festa linda, rutilante e animada, que reuniu elementos dos mais finos na «élite» do novo bairro carioca. Esta pagina fixa dois aspectos do baile de anniversario do Grajahú Tennis Club, cuja actual directoria apparece na photographia de cima.

LANTERNAS DE PAPEL

PALHETA

LUAR

A luz cobria com sua caricia a planicie toda. O encanto languido das noites claras boiava no ar. E havia em tudo uma seducção de amor...

Longe, na beira do rio que rolava aguas de prata, uma linha de grandes eucalyptus formava como que um muro de folhagens azuladas e ourelados de luz. Uma nevoa fina, argenteada, demorava no contorno fugidio das montanhas distantes.

O dr. Angelo Fioravanti Bittencourt, antigo funccionario da nossa Policia Civil, acaba de ser promovido, por decreto presidencial, ao posto de chefe de secção da contabilidade da repartição central. Foi um acto justo do governo, pois o dr. Angelo Bittencourt é uma intelligencia clara e estava, portanto, indicado para o logar em questão.

CHUVA

As nuvens grossas, pejadas de agua, arrastavam-se dolorosamente sobre a face gris do céo. E dellas as linhas liquidas continuamente desciam sobre a terra empapada.

Tudo reluzia molhado e o espelho das poças e das lagôas rebrilhava por toda a parte. As canas e os arvoredos pareciam mortos, espectraes, por traz das cortinas liquidas. Nenhum rumor, sinão a monotonia das biqueiras que gorgolejam, dos pingos que tombam, do chuveiro que vergasta as folhagens lavadas, relavadas. E, dia e noite, o continuo bater da chuva sobre os charcos do chão.

AREAL

A immensidade das areias á beira do mar se estivava sob o calor e a poeira de oiro do sol. Havia morros que pareciam de prata polida. Havia dunas que lembravam a limalha de cobre. Havia cômoros, que nem os velhos, grisalhos. E havia praias ligeiramente avermelhadas.

Raros tons verdes de vegetação manchavam o areal immenso, banhado de luz quente. E, no fundo do céo azul, á distancia, outras dunas fugiam como sombras cinzentas.

FLORESTA

Verdura magestosa e humidade morna como a de uma sala de banhos. Os troncos das grandes arvores formam uma sala hypostylica, cujos entablamentos são as folhagens de todos os tons do verde. Um cheiro de môfo erra no ar e as camadas de folhiços apodrecem em silencio, nas gretas do sólo. Ha rumores subtis e mysteriosos que povôam a solidão. Pela corda das lianas, os saguis sobem e descem em acrobacias. O canto das aves morre esmagado pela espessura verde. E as fôlhas mortas, que caem com preguiça da coma dos gigantes vegetaes hirtos entre as suas sapopembas, espiralam e tonteiam demoradamente no ar, como si este fôsse espesso qual o de uma estufa.

NOITE

Todos os contornos se adoçam na obscuridade. Nem uma linha mais forte nos offende a vista. E, apesar dessa quietação e do silencio, de onde nossos olhos nada distinguem, parece sempre que vae sair uma qualquer coisa mysteriosa...

O silencio, ás vezes, é tão grande, tão forte que entra n'os nossos ouvidos como entra o som. E o riso ironico das aves nocturnas cortado como uma faca. No espaço negro vôa a asa mais negra ainda da coruja.

A sombra espessa envolve tudo como uma onda impalpavel. Os seus dedos invisiveis apagam as côres, os perfis, os vultos, mergulhando os accidentes da natureza, as obras dos homens e os proprios homens na mesma densa escuridão, quasi apagando a vida...

DIA

Como que os clarins tocam pelo espaço toda a marcha triumphal da alegria de viver!

A luz que chove sobre a terra parece que tem voz e que canta. Céo azul. Campos verdes. Casas brancas, de telhados vermelhos. E, não só os olhos bebem, encantados, essas côres festivas, como a alma nellas nutre o seu prazer. E o corpo que a leva tem ganas de saltar como um bicho do matto.

MAR

A costa alteia-se, depois morre em praias argenteadas. A força das torrentes rasgam nas paredes de pedra ravinas profundas, onde medram algumas plantas. E, adeante, é o tapete achamalotado do mar que se estende ao sol radioso até a linha recuada do horizonte.

Ora, é anilado e sereno ou acinzentado e espelhante. Ora, é leitoso e preguiçento ou verde e untado de luz. Ora, espreguiça-se ronronando, com eflorescencias brancas na pelle de sussuarana, ou desencadêa-se, espumejante, a uivar descabellado, sem côr e sem luas, açoitando as areias e as rochas, ululando longe, a bracejar para o céo como um desesperado...

ENGENHEIRO Lucas Soares Neiva, cuja personalidade se impõe na Central do Brasil pela sua competencia, energia e justiça. Com 34 annos de relevantes serviços, perlustrou todos os postos technicos até o de sub-director da 5.ª Divisão. Por occasião de seu anniversario, a 18 do corrente, recebeu as demonstrações da estima de quantos o conhecem e o preito de admiração de todos os ferroviarios.

PARA A "CASA DO ESTUDANTE"

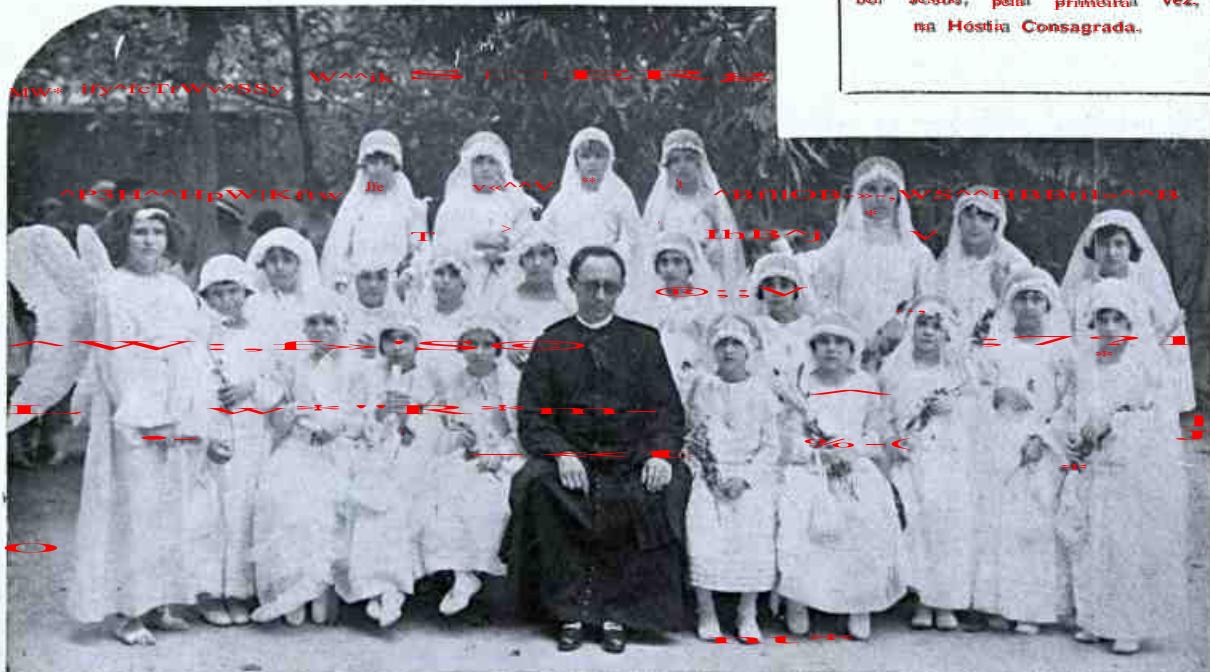
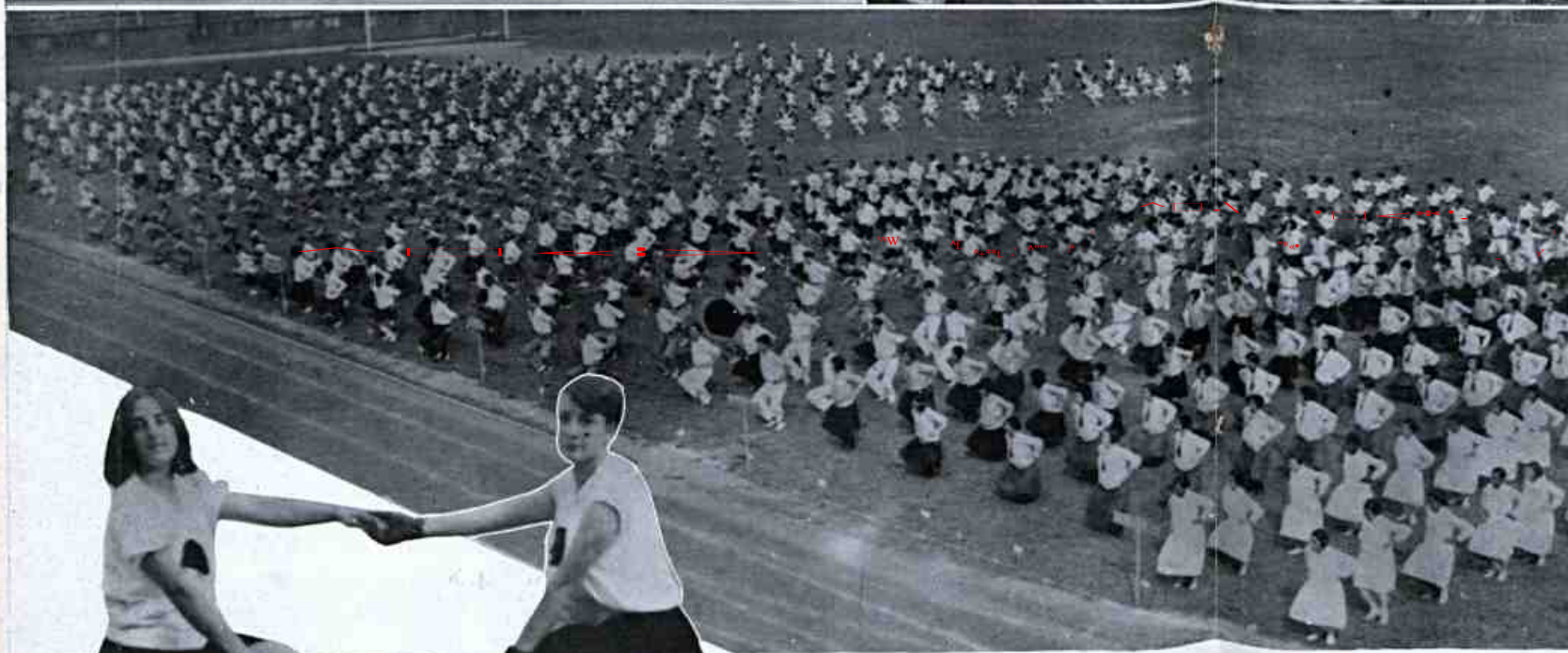
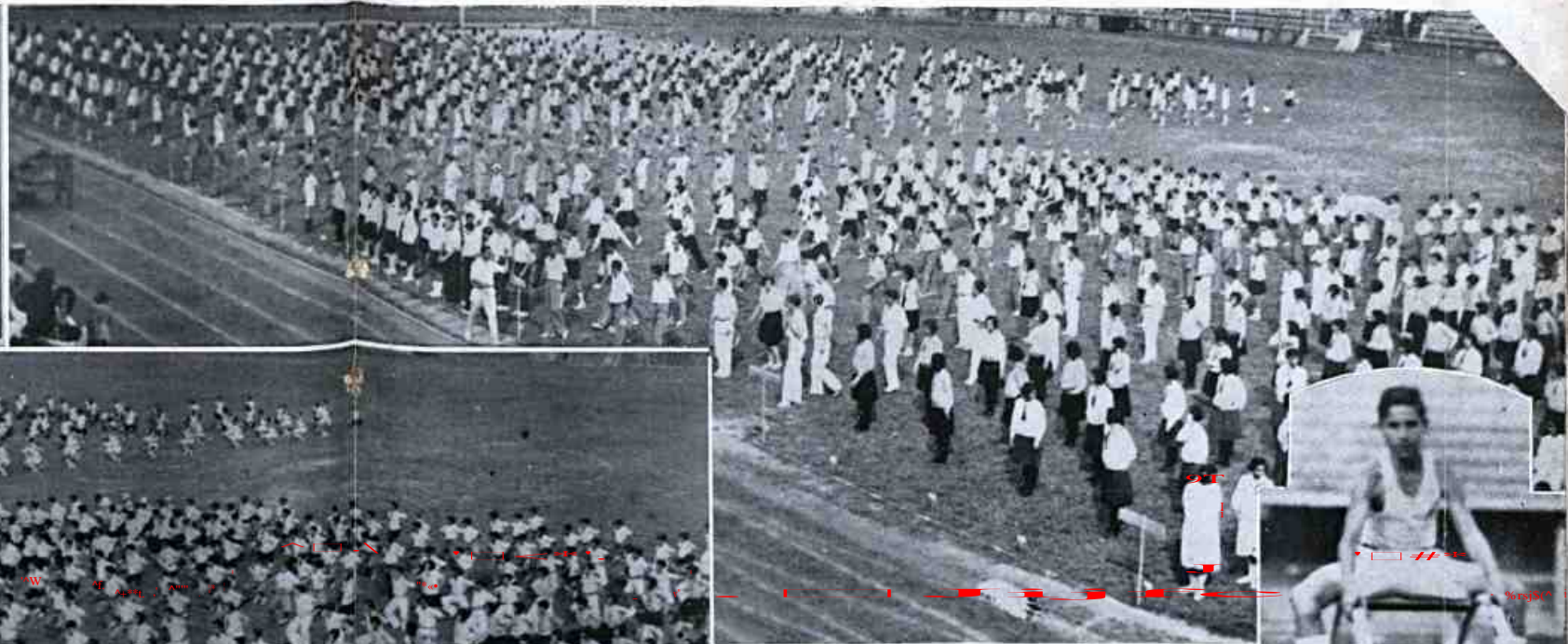
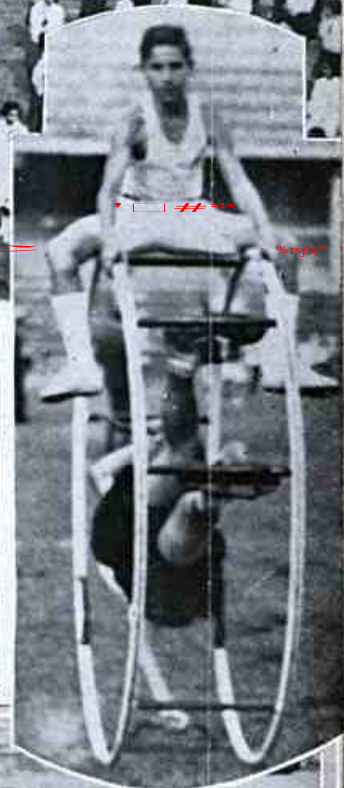
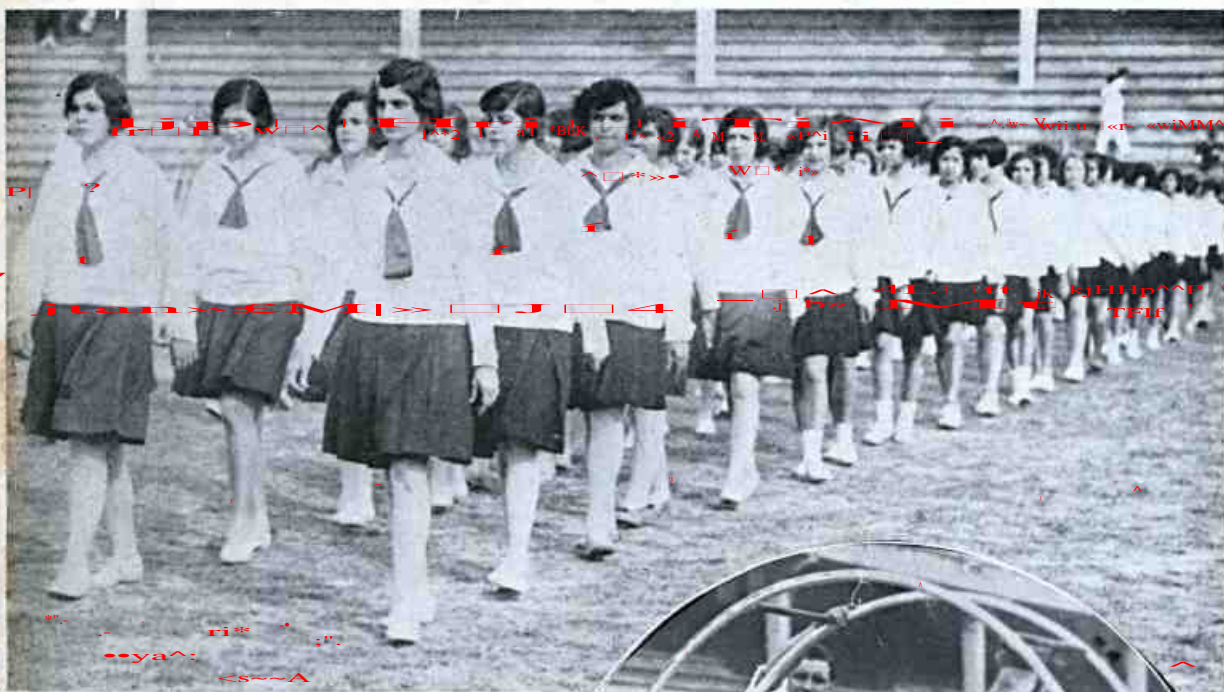
A sra. Maria Antonietta dos Santos Allen offereceu, por intermedio de FON-FON, á "Casa do Estudante", o quadro de sua autoria intitulado "Carocha", e no qual a pintora, modestamente, poz a firma de *Nieta*.

FON-FON já se desobrigou da incumbencia que lhe confiara a sra. Maria Antonietta dos Santos Allen, fazendo entrega, á commissão executiva da "Casa do Estudante", do quadro, que será vendido em beneficio daquella grande obra meritoria.

FILIGRANAS

Na noite silenciosa, a lua boia no alto do céo envolta numa gaze levemente sanguinea. No parque deserto, ramalham as arvores ao sôpro da ventania. E' um cão prisioneiro uiva desesperado ao longe.

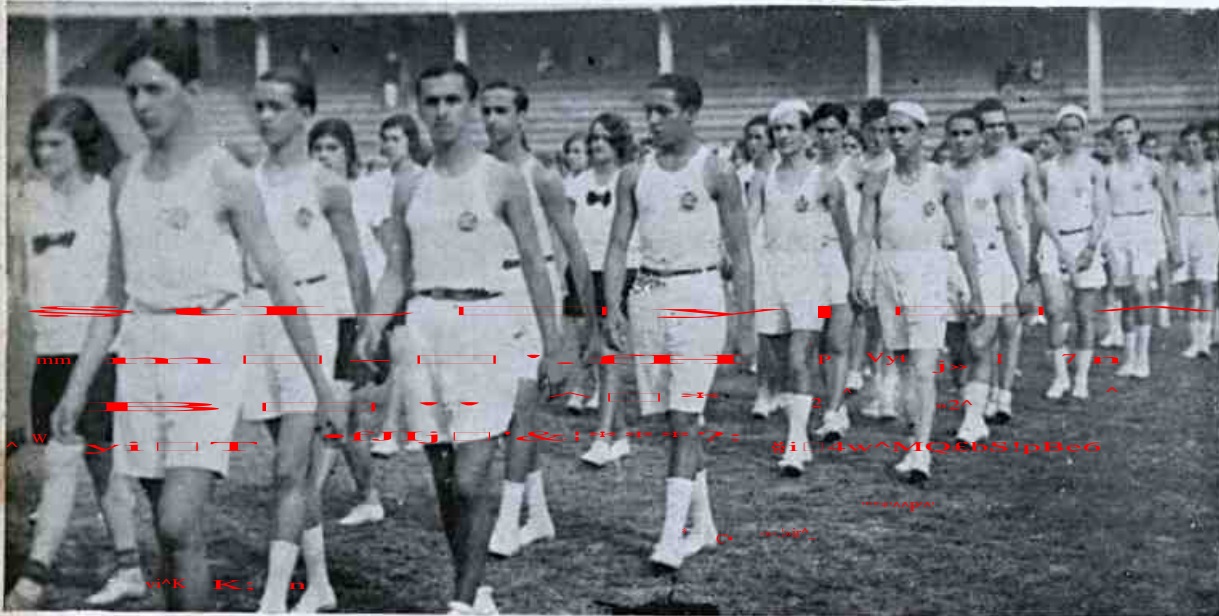
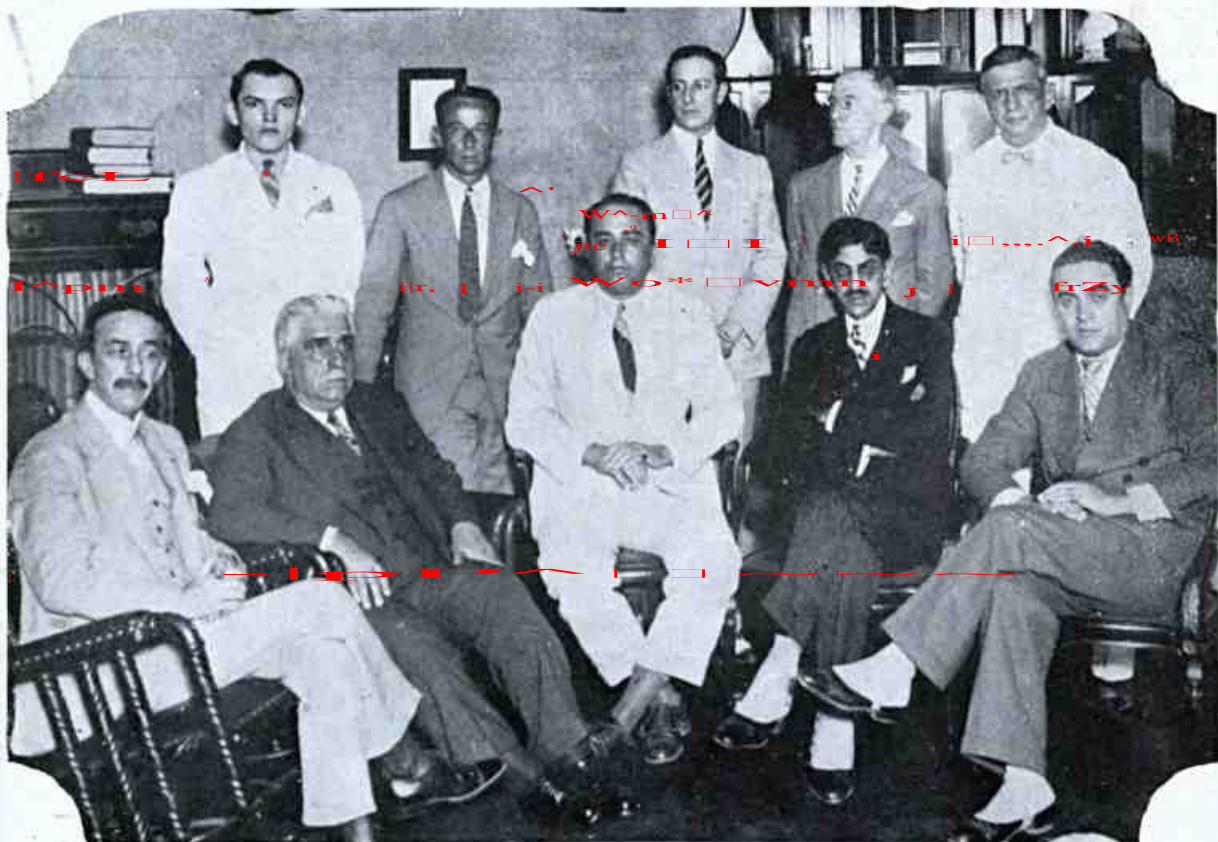
Meu coração é como a noite silenciosa. Gazes enrubecidas apagam o seu luar. O vento agita a vegetação dos seus desejos recalcados até ás raizes. E aquelle cão que uiva desesperado ao longe é a minha saudade prisioneira...

O dia 3 de outubro corrente foi uma data feliz para os pequenos alumnos do Externato Pitanga, que fizeram sua primeira communhão na matriz de Copacabana, sob a direcção espiritual do revmo. monsenhor Alvim. Os néo-commungantes apparecem nas photographias desta pagina depois de comparecerem á sagrada mesa eucharistica para receber Jesus, pela primeira vez, na Hostia Consagrada.

«Mens sana in corpore sano». E' a divisa latina, inspirada no espirito da Grécia, que não comprehendia a formosura do espirito sem a formosura do corpo. — Em boa hora esse principio foi preconizado pelos promotores da «Semana da Educação». Ahi está uma demonstração dessa iniciativa, que muito contribuirá para o aperfeiçoamento eugenico das novas gerações do Brasil. — Esse flagrante foi apanhado no «stadium» do Fluminense Football Club, na penultima quinta-feira, por occasião do torneio de gymnastica, ali realizado.

FLAGRANTE do torneio de gymnastica que a Associação Brasileira de Educação promoveu no «stadium» do Fluminense F. C., na tarde de 10 do corrente, em que foi commemorado o «Dia da Educação Physica», com o concurso de varios estabelecimentos de ensino secundario desta capital e de Nictheroy.

FILIGRANAS

Renunciar.

Eis ahi uma palavra que deve ser o pesadelo de muita gente. Que ameaça nella se encerra para todos quantos na existencia somente vêem o lado material e em cujo espirito não brilha a menor luz de vida interior! Quanto desespero nella se deve conter para os que se apegam a todos os bens passageiros deste mundo!

Felizmente, acostumei-me a lidar com ella desde a minha infancia e, si não tivesse de tão longe aprendido a renunciar, certo já teria mergulhado no desespero. Porque cada um de nós tem o seu sésamo gravado na porta do destino e «renuncia» foi a palavra magica que a fatalidade me deu por mote.

NA residencia do dr. A. Porto d'Ave, reuniu-se a Commissão de Bandeirantes que promove a demonstração politica Julio Prestes-Vital Soares. Na photographia vêem-se os membros dessa commissão, que são os seguintes: da esquerda para a direita, sentados: dr. Mario Bello, director geral dos Telegraphos; dr. Antonio Martins, medico; dr. Gustavo Barroso, director do Museu Historico e membro da Academia Brasileira de Letras; dr. Mauricio de Medeiros, deputado federal e professor da Faculdade de Medicina, e dr. A. Porto d'Ave, engenheiro e presidente do Club dos Bandeirantes. No segundo plano, em pé: sr. Hermes Augusto Athayde, jornalista; dr. Manoel Ferreira, medico; dr. Murillo Lavrador, jornalista e advogado; dr. Pereira Lessa, sub-director do trafego dos Correios, e João Augusto Alves, industrial e commerciante.

FILIGRANAS

Já reparastes nos pares de namorados e amantes que occupam os bancos dos nossos jardins? Como elles são milhares, a observação não é difficil. A mulher está sempre encolhida, cabisbaixa, pensativa, desconfiada. O homem passa-lhe o braço em torno do pescoço ou da cintura e fala, baixinho, quasi junto ao seu ouvido, embriagando-a com declarações, perseguindo-a com pedidos, esmagando-a com supplicas, procurando vencel-a.

E' a eterna repetição daquella scena do mirante, de que fala o Eça:

— Sim, sim, meu bem!

— Não, não, meu amor!

E até parece mesmo que é o homem o tentador. Entretanto, a Biblia diz o contrario...

* * *

FILIGRANAS

Todas as noites, quando busco o meu bairro distante, por essas curvas illuminadas que beiram a bahia e o oceano, vou olhando, por desfastio, os automoveis velozes que vêm para a cidade e, por conseguinte, correm em sentido opposto ao meu omnibus. E no fundo semi-escuro de quasi todos lobrigo um casal enlaçado, as cabeças confundidas num beijo cinematographico...

Cidade do amor! A voluptuosidade aqui desce do céo azul e quente, espalha-se pelo velludo dos verdes matagaes e escorre da ossatura granitica das serras que as nevoas da tarde e da manhã vestem de gazes azuladas.

Cidade do amor!...

* * *

INAUGUROU-SE no dia 4 do corrente, no cemiterio de S. João Baptista, o mausoléo de Francisco Alves de Oliveira, bemfeitor da Academia Brasileira de Letras, mandado erigir pela mesma instituição. O trabalho esculptural foi confiado ao artista brasileiro sr. Samuel Martins Ribeiro, da Escola Nacional de Bellas Artes. Ao acto inaugural esteve presente toda a directoria da Academia, varios outros academicos e funccionarios da secretaria da illustre sociedade.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Um dia, como aquelle lendario e torturado rei do Ulster que, cançado de ser senhor e soberano de seu reino, foi bater á porta da humilde casa de um d r u i d a, a pedir-lhe que lhe ensinasse a sciencia dos sonhos, para que elle tambem pudesse sonhar, tambem eu fui bater de mansinho á janella silenciosa de teus olhos, a implorar, súpplice e confiante, que elles illuminassem a noite de minha alma, já que nenhuma outra luz tivera o poder de nella penetrar, transfundindo-lhe a c a r i c i a morna e clara de sua irradiação.

E, com minha alma illuminada, guiada pela luz serena e casta de teus olhos, eu, apezar de tudo, de tanto soffrimento e de tantas desillusões accumuladas dentro de mim, tinha a certeza de que ainda poderia marchar, pela estrada longa da vida, sempre a sorrir e a cantar, em busca das terras longinquas e sagradas onde os anseios de meu coração fossem encontrar a verde e acariciada Chanaan da minha felicidade, tão louca e dolorosamente perseguida.

Mas, a janella de teus olhos apenas se descerrou um pouco para mim, e apenas, por um momento, illuminou, ella reou, num deslumbramento de luz, a sombria e profunda caverna da minha tristeza interior. E cerraste-a de novo, depois de deslumbrar e fascinar para sempre, com a festa da tua luz, o pobre que, cançado de carrear mundo afóra a noite sombria de seu soffrimento, pensou encontrar em ti o raio de luz que buscava, a consolação que tanto desejava, a ti que pedia descesse sobre si o amor leal e bom por que tanto ansiava — toda a felicidade que, durante annos a fio, sonhou e acariciou.

Tu eras, porém, uma mulher como as outras e peor, mesmo, do que as outras, porque sequer não tinhas coração. Tu eras apenas uma luz, luz feitiça e fallaz, incapaz ainda de semear o bem e a consolação, de sorrir bondosamente, de acolher, como se acolhe uma irmã triste, a sua e a dôr de outrem.

Mais do que eu, muito mais, acredita, talvez soffras, um dia, quando, em derredor de ti, buscares e não mais encontrares um coração amigo, que pulse

A joven pianista Maria José Thomaz, alumna do professor Barroso Netto, e que este anno foi laureada com medalha de ouro, pelo Instituto Nacional de Musica.

de fazer arder, alimentar e elevar para o céo da bondade, do carinho e do amor, o incenso e a myrrha votiva da pyra de um coração para outro coração.

E tive pena de ti, eu que fôra te supplicar um pouco da tua luz. E tive desejo de te offerecer todo meu coração, amargurado, sim, e cheio de soffrimento, mas capaz por si e tambem pelo rythmo do que deverias ter e que não tens. Porque tu estás condemnada a viver pelo coração dos outros, dos raros que possam comprehender tua alma impassivel, indifferente, teu sêr sem vibração propria, sem rythmo interior.

Mas, nesse dia, quando sentires que todos, cançados de ti, te abandonaram, vem e bate á porta do coração amigo e generoso que a ti tanto se dedicou — tanto que o acabaste desprezando — e elle se abrirá para ti e tu encontrarás ainda, nesse refugio, um pouco da consolação, da bondade e do carinho... do amigo...

SORRINDO...

Meu sorriso, hoje, é o sorriso da minha melancolia, o sorriso da minha tristeza, o sorriso do meu desencanto, a se descerrar não mais para ti, mas para a minha propria dôr. E, na paz, na quietude crepuscular que desce sobre a terra, sobre as coisas, sobre mim, meu sorriso inebria-se, serena e abnegadamente, a sorver o calice da grande, immensa amargura da minha resignação.

Que importa, sinta, através delle, todo o desencanto de minha vida? Que importa, emquanto elle se abre nos meus labios, no grande e mysterioso livro do destino, esteja eu a lêr a impiedosa sentença da minha desventura: "Não vejo para ti, sobre os immensos joelhos do destino, nem um signal de amor, nem uma scentelha de gloria, nem uma hora sorridente!"

Ainda assim, hei de sorrir, para a minha dôr, para a minha amargura, para a tua maldade, para a tua ingratidão...

SEARA ALHEIA

LUZ FLOTANTE
Y BLONDA...

Gastón Figueira

Oh, luz flotante y blonda
[que en los campos
dispersas tu canción
plena de vida fuerte y
[jubilosa.
enervada de amor!...

Cómo tu hechizamiento
me penetra
y tu fulgente voz
en mis arterias glisa en
un espasmo
de infinito dulzor!...

Todo mi ser emocionado
se abre
en una bendición
a ti, perpetuamente ale-
gre e joven,
a tu inmenso esplen-
dor!...

Y en este prado que las
huellas guarda
de algún antiguo dios,
es mi alma, frente al lím-
pido horizonte,
un reflejo de sol!...

ROSAS DE SANTA THEREZINHA

Meu principe e meu grande amor — Que tem você, meu querido amigo? Que afflicção é essa que, sinto, lhe amargura a alma e lhe tortura o coração?

Uma duvida cruel assalta-me o espirito e traz-me, tambem a mim, meu querido — á sua Santa Therezinha, sempre tão serena, tão calma e tão resignada — todo o doloroso éco da angustia que o domina e avassala!

Sua carta, já a li e reli um sem numero de vezes e quanto mais a leio e releio, procurando entender-lhe a vaga expressão das entrelinhas, mais confusa, inquieta, mais afflicta vou ficando...

Meu Principe... perdôe-me, perdôe á sua pobre Maria do Céo, que só tem, na vida, a fortuna do seu amor e a felicidade de se sentir... escrava do seu "senhor", meu Principe... será (não, não póde ser! seria cruel de mais!) mas será que outra mulher, outro amor, meu Principe, m.. tenha roubado seu coração e, com elle, todo o meu suave e consolador céo de... peccado, na terra?

Não, eu estou louca, não é, meu querido, que isso não póde ser?

Escute, estou a chorar, e não quero ser injusta com você agora. Sinto me tão triste, tão desalentada... Aguardo nova carta sua, para que melhor possa comprehender o seu estado de alma actual e tambem seu coração, que não sei bem se ainda será meu...

Uma braçada de rosas, desta vez orvalhada pelas minhas lagrimas, envia-lhe a sua sempre fiel, humilde e dedicada — *Maria do Céo.*

PETIT-BLEU

Vou crer em ti, mais uma vez, para, mais uma vez, dentro de pouco tempo, ter nova desillusão de teu amor. Acredita, porém, que essa será tambem a ultima, porque, até lá, espero já te haver comprehendido e desvendado todo o mysterio que faz de ti a Esphynge torturante da minha vida.

Como aquella Isis, mysteriosa e implacavel, dos egypcios que, impiedosamente, fulminava o audacioso que tentasse erguer uma ponta ao véo que a encobria, tambem tu, velada e mysteriosa, és a minha deusa enigmatica, impassivel, timida, temida e temerosa...

Perdôa-me, desde já, o gesto... temerario e audaz, irreverente e impio, com que vou tentar levantar o véo do mysterio que vela tua alma e teu coração de mulher...

SOCIEDADE

Recepções — Commemorando a passagem da data natalicia de seu illustre esposo, a embaixatriz Rodrigues Alves abriu os salões de sua elegante residencia para uma recepção ás pessoas de seu vasto e distincto circulo de relações.

— No palacete da Legação da Polonia, o encarregado de Negocios daquelle paiz, sr. Stanislas Gluski, offereceu uma encantadora "soirée" a um grupo de amigos do corpo diplomatico aqui acreditado e elementos de destaque da sociedade carioca.

Foi uma linda festa, a que as dansas e as partidas de "bridge" deram uma nota de grande animação.

Jantar dansante — Promette grande animação o jantar dansante que o Fluminense Football Club offerece, hoje, a seus distinctos socios e exmas. familias. Essa reunião elegante estava sendo ansiosamente aguardada e, certo, diante do carinho com que a vinha preparando a directoria do Fluminense F. C., vae proporcionar momentos de encanto a quantos nella tomarem parte.

Conferencias — No salão nobre do Automovel Club fará, hoje, sua ultima conferencia, o conde Keyzerling, que dissertará sobre "Inspiração e Educação".

DIDI Caillet («Miss Paraná», que tanto successo obteve entre nós, por occasião do concurso de belleza de Galveston, está de novo no Rio. A gravura acima focaliza um aspecto do seu desembarque no cáes do porto.

(Photo De los Rios)

Um modelo vivo de Jean Patou em Biarritz

Eis a elegancia para viajar em avião

SOMBRAS CHINEZAS

■ PHOTO FILM DA CIDADE ■

NÃO ha como e por onde se fugir ao que o inexoravel destino, nos seus cégos e ineluctaveis designios, traça a cada mortal.

A mim, por exemplo, me coube a ingrata sina de ser uma eterna victima desses diabretes meio nús, meio vestidos que andam a encher de pernas, quasi sempre finissimas comm'il faut, e de sorrisos bregeiros e de olhares tentadores, a Avenida e outros recantos chics desta maravilhosa cidade das Melindrosas mais catitas e dengosas deste mundo.

*

MELINDROSA é um inferno vivo a fazer a gente arder a fogo lento — o fogo chispante dos olhos della e outras especies de calor tropical que não convém referir num dia de canicula como este.

E eu estou certo de que estou condemnado para sempre ás penas infernaes do amor... em brasa de Melindre.

Que fazer?

Estava escripto e, agora, é aguentar firme a encrenca que arranjei para cima de mim.

E as coisas, desta vez, tomaram uma feição perfeitamente idiota, fóra de tudo que seria concebivel no caso.

*

POIS bem, vejam só o que se está passando de tetrico, de tragico, de funambulesco e machiavelico na vida do idiota do Esaú: Melindre, zangando-se hontem, commigo, arrebitou o nariz, cujas azas sopraram como um folle, empertigou-se — a serigaita! — e.... ameaçou-me com a.... policia!

Ora vejam só, minha gente!

Não pensem, porém, que se trate de certos casos extremos que acabam sempre na pretoria. Não. O facto é bem outro, e o que me vale é que ainda tenho elementos a meu favor.

A nota do escandalo, essa é que eu temeria, se Melindre, logo depois, não abrisse a chorar e a pedir-me perdão.

Cada uma...

*

PASSO, porém, a historiar os acontecimentos.

Aquella Quinta da Bôa Vista, com aquelle bambusal fechado e umas sombras de arvores amigas e protectoras, é uma especie de jardim de tentação. Um par, um casalzinho, ali, sempre será tentado a brincar de Adão e Eva, porque o logar positivamente convida a gente a expandir-se um pouco... excessivamente.

*

ACREDITEM, porém, que sou um homem incapaz de abusar, sem ser tentado e só quando estou pelas ultimas, é que appello para o attracção e outros processos de carinho um tanto violentos.

Mas, os factos, agora, e vejam se Melindre não foi a culpada:

Sentados a um banco rustico, de mãos dadas, os olhos a se metterem uns pelos outros, eu e Melindre

VIRGILIO Mauricio acaba de publicar um volume interessantissimo: «O Trapezio da Vida», de fino gosto artistico, como trabalho material, e de excellente espirito literario. O novo livro do brilhante escriptor, que foi editado em S. Paulo, teve, naquella capital, um exito surprehendente. Prestigiosas figuras do mundo artistico e intellectual da Paulicéa fizeram a Virgilio Mauricio uma manifestação de alto apreço pelo apparecimento de seu livro.

* * *

estavamos a nos fazer os mais doces e carinhosos protestos de amor.

Em dado momento, ella, abrindo a bolsinha, tira de lá um marron glacé e leva-o á bocca, deixando-o entre os labios, emquanto brejeiramente sorri para mim.

O que é que se poderia comprehender disso, de uma provocação como essa a um cidadão que é doidinho, doidinho por marron glacé assim preparado!

Não tive duvida: avancei no marron de Melindre, que o enguliu, rapida, e eu a julgar que estava a chupal-o demorei um tempão de labios grudados aos labios della.

Emfim, um beliscão maior chamou-me á realidade e foi quando Melindre, feito uma furia, berrou-me na cara:

— Bandido de Esaú, agora ou tu casas commigo ou vou á Policia dizer que me desrespeitaste!

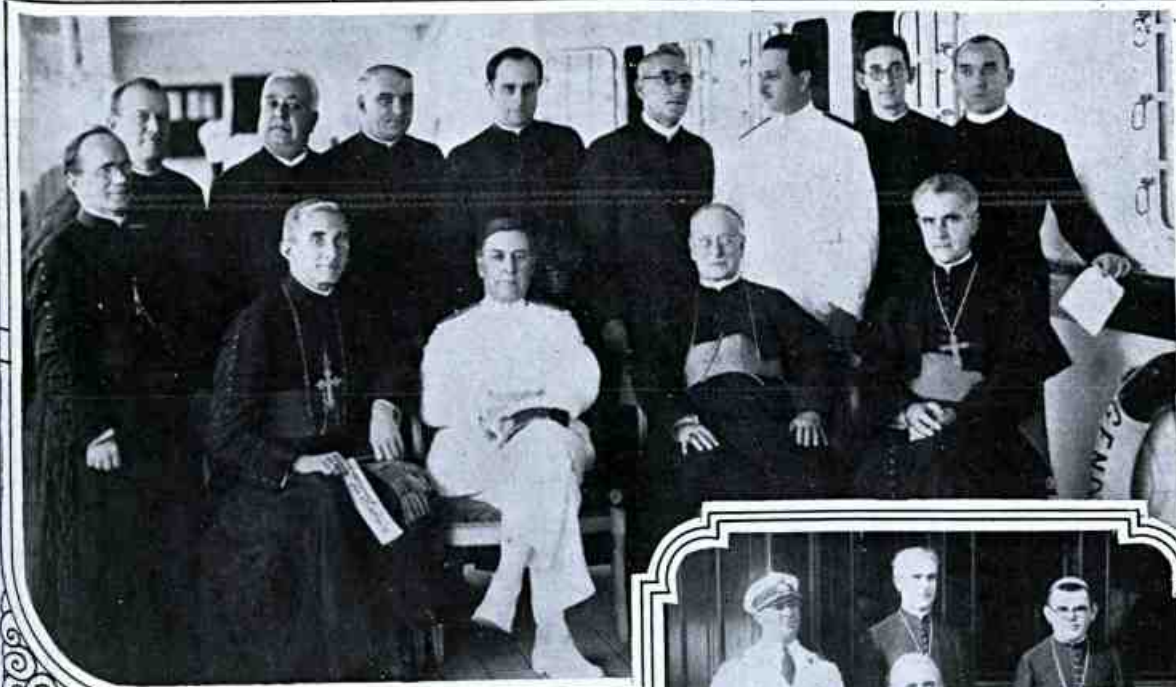
Vejam só! Essas Melindrosas têm cada besteira!

*

DAMNEI-ME tambem, chamei-lhe serigaitazinha malcreada etc. e quando ella viu que eu estava mesmo disposto a mandal-a ás favas, abriu a chorar, agarrando-se a mim e a perguntar-me, blandiciosa, se queria outro marron, que ella estava era brincando, como brincadeira era tudo aquillo...

— Uma brincadeira que não faz mal, não é, Esaúzinho?

— Sim, minha filhinha, puramente innocente...

ESAÚ & JACOB

D. Aquino Corrêa, arcebispo de Cuyabá e membro eminente da Academia Brasileira de Letras, acaba de regressar da Europa, para onde seguira em maio ultimo, afim de assistir, em Roma, ás festas da beatificação de D. Bosco. As photographias desta pagina mostram o illustre prelado brasileiro a bordo do «Conte Rosso», que o conduziu ao Velho Mundo, e do «Conte Verde», que o trouxe de regresso ao Brasil. Em cima: D. Aquino Corrêa com os brasileiros que viajaram com s. ex. revma. no «Conte Rosso», em maio do corrente anno, vendo-se tambem no grupo o dr. Antonio Retschek, ministro da Austria em nosso paiz. Ao centro: grupo em que apparecem o arcebispo de Cuyabá, o bispo de Trojillo (Perú), d. Carlos Garcia Irigoyen; o bispo de Paraná (Argentina), d. Julian P. Martinez, e o secretario de d. Aquino Corrêa, revmo. padre Theodoro Kolczycki. Em baixo: D. Aquino a bordo do «Conte Rosso» em companhia do bispo d. Julian P. Martinez, do bispo de Sorocaba (S. Paulo), d. José Carlos Aguirre, e do commandante Olivieri.

Se ao desalento que a tu'alma invade
não existe mais força que se opponha:
— Fecha os teus olhos á Realidade!
E sonha!

A' luz dos sonhos teus,
tu, que vives na terra humilhado e vencido,
te sentirás grandioso, como um Deus,
em constellados páramos perdido...

Emquanto a alma devaneia,
Eldorados interminos transpões...
Possuirás á mão cheia
o oiro espiritual das illusões...

Poderoso senhor de edades priscas,
terás gloria e fortuna... E se quizéres,
serão tuas escravas e odaliscas
as mais lindas mulheres...

Architecto de esplendores!
Soberbo creador de maravilhas!
A vida há de sorrir-te; quando a olhares,
através das vidraças multicôres,
do teu palacio de encantadas ilhas!...

Serás poeta!... Sonharás, cantando,
ao luar, — toalha de altares, estendida
sobre as montanhas verdes —, a envolvêl-as!
Emquanto, numa prece commovida,
a Noite vae desfiando
o seu rosario de estrellas...

Genios estranhos te conduzirão
a saber os sentidos mais profundos
da Vida... do Amor... da Creação...
E sentirás a musica dos mundos,
Como uma festa, no teu coração!

Periga, pois, teu Sonho? Fiel vassalo
a defendel-o, sem temor, accorre!
Se é preciso morrer para salval-o:
— Morre!

Morre, porém, de pé!
Entre heroico e risonho,
— Guerreiro que não teme e não se cansa! —
vibrando, na hora extrema, por teu Sonho,
a lança da tua Fé
e o clarim da tua ultima Esperança!

E ainda ao morrer, golpeado e exangue,
agitando nas lutas mais renhidas,
desfraldada no jôrro das feridas,
a bandeira escarlate do teu sangue!...

OS professores do Lyceu de Artes e Officios inauguraram, sexta-feira penultima, á noite, sob o patrocinio da Sociedade Propagadora de Bellas Artes, a sua primeira exposição de trabalhos artisticos. O acto foi solemne e teve a presença das altas autoridades, intellectuaes, jornalistas e muitas familias.

FILIGRANAS

— São lindos estes jardins!

— E' verdade, mas...

— Mas o que?

— ... são tudo o que ha de mais europeu e, portanto, de menos tropical, de menos brasileiro.

— Como assim?

— Naturalmente. Gramados verdes e canteiros de flôres que o sol estiola e demandam rigorosa e carissima conservação. Aguas domesticadas em repouso. Tudo arrumadinho, sem a nossa força, a nossa pujança, a nossa desordem espalhafatosa. E até amendoeiras, para deixarem cair as folhas e lembrarem o outomno que nunca tivemos...

— Jacobino!...

— Afrancesado!...

* * *

Entrei no café e sentei-me. Tomei da chicara de louça ordinaria e trabalhosamente deitei-lhe o assucar do instrumento hygienico de tortura moderna que se achava ao alcance da minha mão. A voz do criado berrou-me no ouvido:

— Simples ou com leite?

— A' ingleza, respondi. E puz-me a mexer o liquido fumegante, olhando as paredes do estabelecimento. Davam-me a impressão de haverem sido pintadas com a lingua, tão lisinhas e minuciosamente desenhadas eram as horriveis paizagens orientaes que as ornavam. Um attentado contra o bom gosto. A um canto, esta indicação: *Pintura Imaginaria de Fulano.*

Imaginaria! Esplendido! Só mesmo imaginaria...

NO salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio realizou-se, sabbado á tarde, o torneio de oratoria sobre a Constituição Federal, promovido pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, entre os alumnos das Faculdades de Direito da Republica officialmente reconhecidas. Compareceram, para tomar parte na prova final desse interessante concurso, os representantes de seis estabelecimentos: senhorita Maria Luiza Doria Bittencourt, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; Fernando Scalamandré, da Faculdade de Direito de S. Paulo; Jovert de Souza Lima, da Faculdade de Direito de Bello Horizonte; Hermes Barroso, da Faculdade de Direito do Ceará; José Mansur Guerios, da Faculdade de Direito do Paraná, e Francisco Bittencourt Junior, da Faculdade de Direito de Nictheroy, que apparecem na photographia acima.

Os Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio das Relações Exteriores

O espirito de sadio e elevado idealismo em que sempre se inspirou a politica exterior do Brasil, fixando as directrizes de sua tradicional linha de acção de accordo com as mais largas expressões do seu liberalismo historico, creou, para o Itamaraty, no continente, e mesmo fóra delle, a situação de prestigioso relevo e de irrecusavel autoridade moral que tanto honra a nossa chancellaria.

Não só, porém, na elegancia e elevação de suas attitudes, de sua brilhante e efficiente actuação no scenario da politica continental e mundial, vem o Itamaraty prestando ao paiz os valiosos serviços que tanto lhe enaltecem o nome.

Ao espirito esclarecido de seu actual dirigente, o sr. Octavio Mangabeira, logo resaltou a importancia, a utilidade, e a opportunidade de uma iniciativa a ser introduzida no apparelhamento geral daquelle complexo departamento do serviço publico com a creação dos Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio do Exterior, iniciativa logo tornada realidade, o cujas vantagens, ha cerca de um anno, vinham sendo objecto de ensaios e de experiencias que bem cedo comprovaram e positivaram os magnificos resultados do novo apparelho de propaganda do Brasil no estrangeiro e dentro do proprio territorio nacional.

Confiada, pelo sr. ministro das Relações Exteriores, ao ministro Helio Lobo, a obra de coordenação e organização desses serviços, o illustre diplomata patricio, dando inicio á sua tarefa enquadrou-a dentro das linhas geraes do seguinte programma de acção, ampliado e melhorado á proporção que a experiencia e a pratica diarias iam aconselhando novas medidas, suggerindo providencias novas:

1) Distribuição diaria ás agencias telegraphicas, com séde no Brasil, de uma folha sobre assumptos economicos e commerciaes, como meio de as habilitar com informações adequadas sobre os factos principaes de nossa vida.

2) Remessa semanal ás embaixadas e legações, consulados e addidos commerciaes, de um boletim telegraphico de identica natureza, para divulgação.

3) Distribuição pela via postal ás missões diplomaticas, consulados, addidos commerciaes, camaras de commercio, etc., duas vezes por semana, de informações economicas e

GRAPHICO de distribuição de informações dos Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio das Relações Exteriores no paiz.

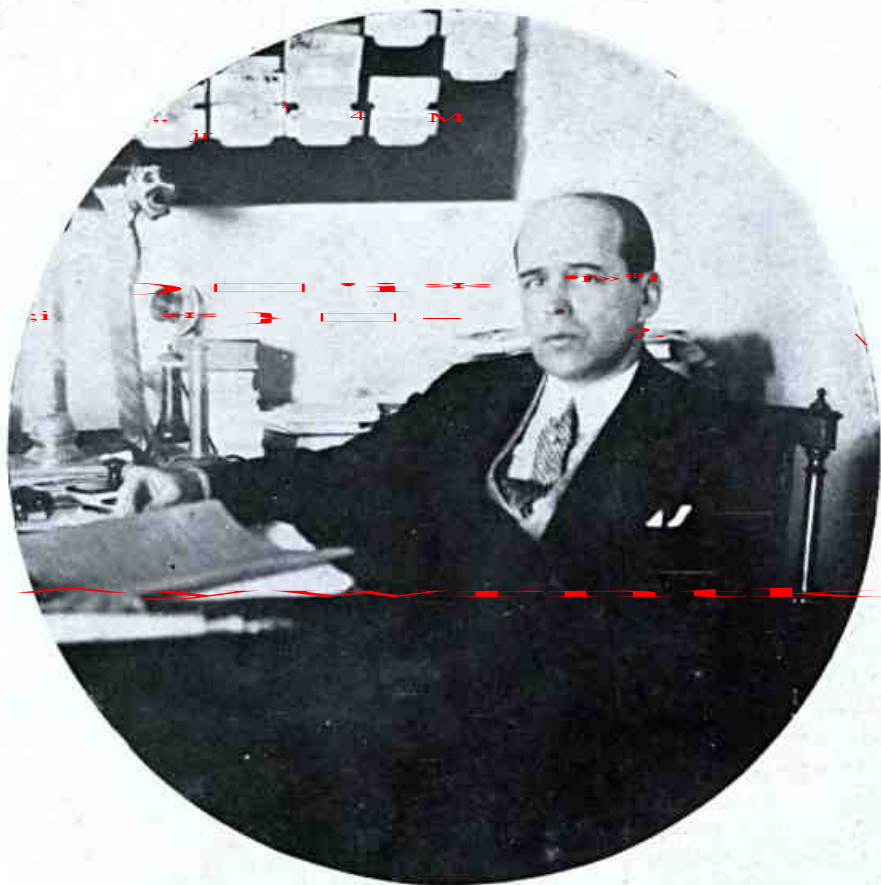
commerciaes sobre o Brasil em geral e os Estados em particular.

4) Organização de questionarios sobre os artigos de exportação, aos nossos agentes diplomaticos e consulares.

5) Publicação de um annuario com dados modernos e concretos sobre o Brasil, o que é, como em todos os paizes, elemento muito necessario de informação fóra.

6) Organização, no estrangeiro, de um serviço de publicidade sobre cousas capitaes de nossa vida economica e commercial e o exame do que daqui é remettido de varias fontes.

7) Procura de um melhor resultado geral de conjuncto, pela coordenação dos esforços, melhor distribuição da actividade e indispensavel estimulo das missões diplomaticas, consulados, addidos commerciaes e camaras de commercio.

8) Estudo de nossas relações commerciaes com os paizes compradores, afim de se habilitar o governo, ouvidos os ministerios da Agricultura e da Fazenda, a tomar orientação que nos está a aconselhar a competição de mercados, questão primordial na qual deixamos de acompanhar, com grave prejuizo nosso, o movimento geral depois da guerra. Para avaliar da importancia desse estudo, basta dizer que mais de um paiz europeu collocou os artigos brasileiros na tarifa maxima, continuando, entretanto, com uma só excepção, a gozar aqui da minima para sua producção, apezar de medidas legaes que nos apparelhavam com a necessaria defesa. Bem se descreve a falta de elementos da Secretaria de Estado, neste assumpto, quando se vem a saber que não possuia as tarifas estrangeiras para orientação.

S. excia. o ministro Helio Lobo, a cuja competencia e admiravel capacidade de trabalho foi confiada a organização dos Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio das Relações Exteriores.

Com relação á tarefa dentro do paiz, o ministro Helio Lobo, em sua interessante exposição, assim lhe fixou os varios aspectos: distribuição do serviço recebido das embaixadas, legações, consulados e addidos commerciaes, afim de que tenham o maximo resultado; cooperação com os organismos officiaes e particulares para melhor acção de conjuncto; entendimento com os Estados para seu maior beneficio."

O que se fez, dentro dessas linhas geraes, em pouco mais de um anno, no Itamaraty, ultrapassou á melhor espectativa dos que vinham acompanhando com o maior interesse a admiravel iniciativa do ministro Octavio Mangabeira, maxime tomando-se em consideração as difficuldades a remover, decorrentes da "extensão territorial do paiz, dos tropeços normaes da burocracia, da falta de recursos materiaes e pessoaes, da deficiencia da educação nacional, sobretudo no que se refere á producção e industrialização dos artigos de venda", como accentua o ministro Helio Lobo.

Assim orientado, procurando realizar, de modo pratico e concreto, os objectivos que determinaram sua creação, o novo apparelho de informação e propaganda do paiz foi, ha poucos dias, officializado, tal o exito com que vinha funccionando. E seus resultados praticos já se vêm fazendo sentir mesmo no exterior, interessando-se a imprensa estrangeira pela mais ampla divulgação de nossas coisas, tanto que mais de trezentos jornaes e revistas de varios paizes publicam, hoje, larga e regularmente, informações brasileiras de ordem economica e commercial.

Tres dependencias da nova ala do Itamaraty são occupadas pelos Serviços Economicos e Commerciaes. Na sala que occupava seu organizador, o ministro Helio Lobo, funccionam os trabalhos de irradiação das informações enviadas pelas nossas representações no exterior, trabalho feito por meio de folhas

avulsas distribuidas, regularmente, duas, tres vezes por semana, a numerosas publicações do norte e do sul do paiz, autoridades federaes e estaduaes, associações de classe, institutos economicos, camaras de commercio, commerciantes, agricultores, etc. Ha, ainda, o "Boletim dos Serviços Economicos e Commerciaes", publicação mensal de grande interesse e utilidade pelos assumptos que divulga, com uma tiragem de varios milhares de exemplares.

O exame dos tratados e accordos de commercio em vigor, as questões de tarifas, as nossas permutas mercantis com os demais paizes, o estudo dos mercados estrangeiros de consumo, etc., são ainda outros tantos trabalhos inherentes á finalidade mesma do novo apparelho do Itamaraty.

Em outra sala processa-se não só o expediente commum, que é vasto e complexo, constando de papeis recebidos e expedidos diariamente, como tambem se organizam as informações geraes de natureza economica e commercial, comprehendidas as oriundas dos Estados, que são largamente divulgadas no paiz e no exterior, enviadas que são ás nossas embaixadas, legações, consulados, e ás camaras de commercio estrangeiras, etc.

O movimento de nossas bolsas de titulos é tambem, mensalmente, remettido para o exterior, trabalho cujo alcance e utilidade são evidentes.

Na sala, emfim, em que funcciona a secção de estatistica, outro importante trabalho é confeccionado: o boletim telegraphico diario que, reunindo as mais interessantes informações, muito contribue para o pleno exito dos Serviços Economicos e Commerciaes, cuja instituição constitue um dos traços mais caracteristicos e accentuados da visão pratica e esclarecida, do alto e patriotico descortino do ministro Octavio Mangabeira, e talvez o maior serviço prestado pelo eminente chanceller a seu paiz.

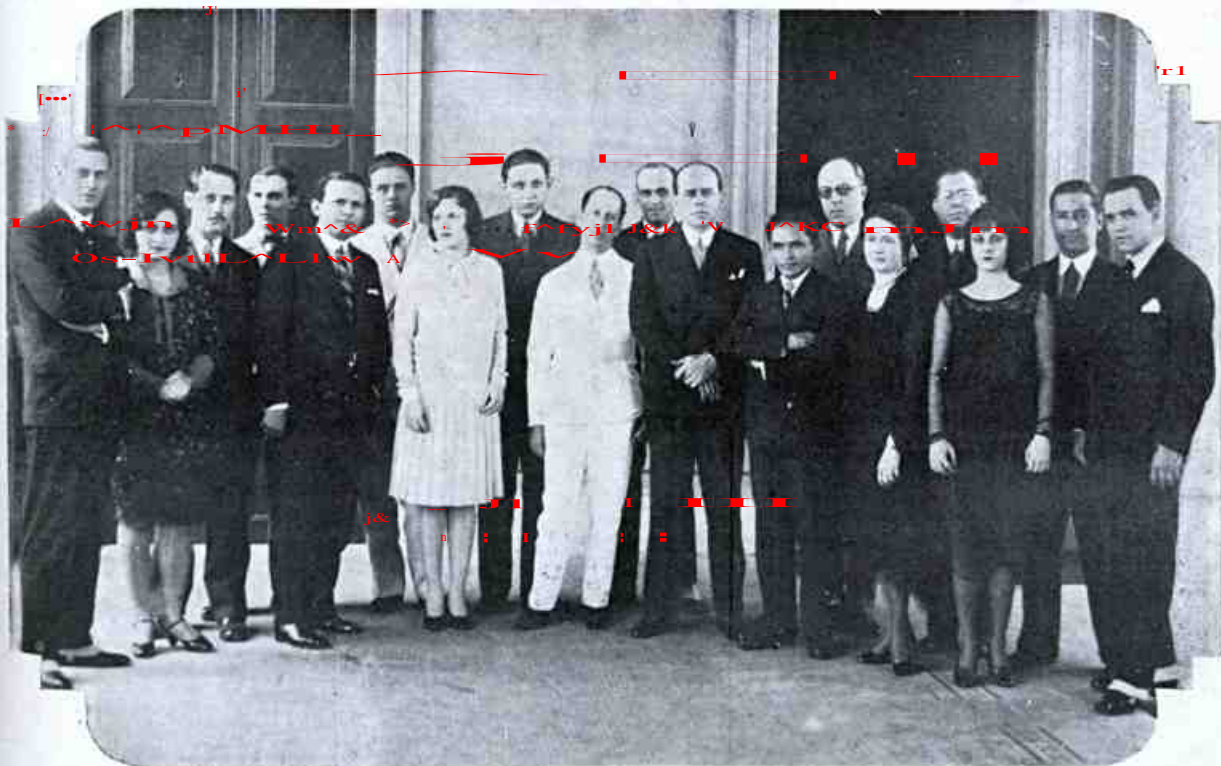
Publicamos, a seguir, como um documento interessante, o decreto que deu organização official aos Serviços Economicos e Commerciaes, que, ha mais de um anno, vinham funccionando com pleno exito, correspondendo, ampla e satisfatoriamente, aos altos objectivos que inspiraram esse notavel emprehendimento do sr. Octavio Mangabeira:

"O presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando da autorização contida no art. 3º do decreto n. 5.648, de 8 de janeiro de 1929, resolve:

Art. 1.º — Ficam instituidos, no Ministerio das Relações Exteriores, os Serviços Economicos e Commerciaes, subordinados directamente ao ministro.

Art. 2.º — O director será um funccionario da secretaria, do corpo diplomatico, ou do corpo consular, que o ministro designará, sem qualquer outra remuneração além dos vencimentos ordinarios, e que, em regra, não deverá permanecer, no desempenho desta commissão, por mais de dois annos.

Funccionarios dos quadros do corpo diplomatico e do corpo consular, que se encontrem no Brasil em gozo de ferias regulamentares, ou situação analoga, serão chamados a servir, nas mesmas con-

UMA das salas da nova ala do Itamaraty, onde funciona uma das secções dos Serviços Economicos e Commerciaes.

GRUPO em que se vê o ministro Helio Lobo cercado por todos os funccionarios e auxiliares dos Serviços Economicos e Commerciaes.

dições, completando-se o pessoal com os contractados, para serviços technicos, dentro da dotação respectiva da lei da despeza vigente.

Art. 3.º — Os Serviços Economicos e Commerciaes terão por objectivo:

a) colligir, desta capital e dos Estados, os respectivos elementos, para o fim de manter, em relação ás repartições no exterior, diplomaticas e consulares, um serviço permanente de informações do Brasil, especialmente sobre assumptos commerciaes e economicos, e que as referidas repartições deverão utilizar, ou divulgando-as convenientemente, pelos meios ao seu alcance, ou destinando-as a esclarecer, sobre a especie, quaesquer interessados. Dessas informações, as que forem resumidas em boletim diario, com o mesmo destino, poderão ser fornecidas ás agencias ou correspondentes telegraphicos de jornaes estrangeiros, e algumas serão divulgadas pela radio-telegraphia;

b) elaborar, para as missões diplomaticas e os consulados, instrucções que os orientem sobre os encargos a desempenhar, e questionarios indicando-lhes as informações e obter, de conformidade com a zona em que, respectivamente, funccionem, sob os pontos de vista do commercio, da immigração e do credito, ou dos assumptos connexos;

c) recolher os esclarecimentos, que assim forem conseguidos, bem como os que collectar, sobre a materia, de jornaes ou revistas estrangeiras, ou de quaesquer outras fontes de investigação, reduzindo, o que convier ser conhecido, a informações precisas, para os devidos fins;

d) organizar e manter, aperfeiçoando-o gradualmente, um serviço de informações sobre tudo que, no estrangeiro, interesse ao commercio exterior, a cada qual dos productos da exportação brasileira, á immigração e ao credito externo;

e) constituir, mantendo-o actualizado, um archivo de leis de impostos, accordos commerciaes vigentes, estatisticas de commercio exterior, etc., dos differentes paizes com que tenha o Brasil relações commerciaes, ou possa estabelecel-as, de maneira a poder cooperar para os necessarios estudos sobre o tratamento de que goza a exportação brasileira, em confronto com o que se dispensa á producção similar das outras procedencias, e com o que se adopta no Brasil para as importações correspondentes, visando os convenios, ou quaesquer outras medidas, que entendam com a defesa da dita exportação;

f) tomar conhecimento do que fôr citado, no estrangeiro, sobretudo em annuarios, ou publicações especializadas, a respeito do Brasil, para promover, em consequencia, a rectificação dos equivocos, ou instruir os editores com dados mais precisos e completos, que possam ser adoptados nas novas edições respectivas;

g) publicar o "Boletim dos Serviços Economicos e Commerciaes", e prestar o seu concurso para a diffusão, no estrangeiro, em mais de um idioma, do "Annuario do Brasil", ou de publicações analogas.

Art. 4.º — O ministro baixará as instrucções que julgar convenientes á bôa execução deste decreto.

Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1929, 108.º da Independencia e 41.º da Republica."

Um Presidente Constructor – A Acção do Sr. Manoel Duarte no Estado do Rio

EM sua ultima edição, FON-FON estampou alguns trechos esparsos, destacados da importante peça official que é a recente mensagem apresentada á Assembléa Legislativa do Estado do Rio, pelo illustre chefe do executivo fluminense presidente Manoel Duarte.

Nesse notavel documento convém distinguir, para apreciar cada qual de per si, as tres modalidades da acção geral, fecunda e efficiente, desenvolvida no organismo do Estado pelo eminente homem publico que lhe dirige os destinos neste momento: a acção méramente administrativa, a economico-financeira e a politica.

Remodelando varios departamentos do serviço publico afim de que os mesmos melhor pudessem corresponder ás necessidades a que tinham de attender, o sr. Manoel Duarte introduziu no apparelhamento administrativo do Estado as reformas que mais se recommendavam, ao mesmo tempo que creava obras novas, de grande utilidade, e cujos salutares resultados já se vêem fazendo sentir, positivando, de modo concreto, a intelligencia, o acerto e a conveniencia das iniciativas tomadas.

E' o que, com legitima satisfação, s. excia. poude registar, na sua recente mensagem, mostrando o exito obtido pelas suas iniciativas, e evidenciando, assim, que seu brilhante programma de governo não ficou apenas em palavras, e vae sendo realizado de accordo com as condições orçamentarias do Estado.

Na instrucção publica, porém, é que mais se desvelou a acção reformadora, benefica e opportuna do presidente Manoel Duarte. A reforma parcial do ensino introduzida por s. excia. nesse importante departamento do serviço publico está a attestar o esforço constante da actual administração fluminense para sempre fazer melhor. A esse respeito, a mensagem que analysamos vulgariza informações interessantes e dados que evidenciam o interesse do illustre chefe do Estado no seu proposito de dar ao mecanismo do ensino primario, profissional e normal uma organização tão perfeita e efficiente quanto possivel.

Assim é que, dentro das linhas do schema a seguir, adoptado como criterio racional e didactico a observar na continuidade dos estudos —

Jardim de Infancia;
Escola de 1º. grão.
Escola de 2º. grão.
Escola complementar.
Escola normal. Curso de aperfeiçoamento;

Grupo escolar: Escola profissional. Escolas technicas. Curso secundario. Cursos superiores — foi modelado o plano da reforma introduzida, no tocante á seriação dos cursos.

Nesse patriotico proposito de dotar o Estado de uma organização escolar modelo, o sr. Manoel Duarte, depois de fixar, com exactidão, as caracteristicas essenciaes do ensino pre-escolar, enquadra a Escola Maternal e o Jardim da Infancia na sua legitima funcção de apparelho didactico. Com a creação da escola complementar, s. ex. visou não só manter a continuidade no plano educacional como fazer desse instituto "o coroamento dos estudos primarios, com o objectivo de offerecer melhor preparo, especializado em determinadas disciplinas, aos candidatos ao curso normal, habilitando-os com base solida a arcarem com os estudos mais desenvolvidos naquelle instituto de ensino profissional e para o qual os candidatos ao mesmo se transferiam, da escola primaria, numa transição profundamente desfavoravel, sem um lastro conveniente — como accentúa s. excia.

A creação dos cursos nocturnos, a introducção, nas escolas, do ensino dos trabalhos manuaes peculiares a ambos os sexos, as modificações no regimen de licenças dos professores e no horario escolar, sempre que isso fôr aconselhavel, o rejuvenescimento dos quadros do magisterio publico, etc. são outros tantos pontos que mereceram a attenção do chefe do Estado no seu plano de reforma do ensino.

O ensino pratico profissional e agricola e instituições complementares, como o escotismo, foram tambem objecto de especial cuidado e solicitude. E sobre o escotismo e outras instituições complementares diz a mensagem:

"Tratou o novo Regulamento do escotismo, como escola pratica de educação moral, civica e physica e dispoz sobre a fundação da Associação Escolar de Escotismo; cogitou do Pelotão do Dever e da Saúde; prescreveu sobre as Caixas Escolares, Colonias de Ferias, classes differenciaes, Boletim de Instrucção e Museu Pedagogico."

No ensino normal introduziu tambem o sr. Manoel Duarte varias innovações, afim de melhor adaptar esse instituto ás necessidades da época e ás modernas theorias educacionaes, como a divisão do curso em dois

S. excia. o sr. dr. Manoel de Mattos Duarte Silva, presidente do Estado do Rio de Janeiro.

cyclos: o cultural e o profissional. Procurando ainda proporcionar ao professorado fluminense uma mais ampla e solida cultura s. excia. creou, com a reforma, o Curso de Aperfeiçoamento, que corresponde ao de uma escola normal superior, e que será feito em dois annos.

Não ficaram, porém, sómente ahi, os pontos essenciaes com que a reforma attingiu o ensino normal. Annexo á Escola Normal foi instituido um Curso Commercial, com o objectivo de offerecer ás alumnas que concluem o cyclo cultural e não desejam ser professoras, uma outra profissão util e compensadora, como a de guarda-livros, contador, stenographo, etc."

Na Escola Normal outros aspectos da reforma assignalam ainda as vantagens das novas medidas e praticas adoptadas, como a organização da bolsa escolar, como apparelho de assistencia; do serviço dentario — parte integrante da hygiene escolar; da carteira de saude para que se acompanhe o bem estar physico da alumna; do premio de viagem assegurado á alumna que se destacar no curso normal com distincção; da indispensavel uniformidade dos programmas, cessando a anomalia de duas escolas officiaes adoptarem para a mesma materia programmas diversos; da obrigatoriedade do uniforme escolar, que é muito proveitoso á disciplina; do concurso de preparadores de chimica e physica; das reuniões artisticas promovidas pelos proprios discentes; da bibliotheca escolar; da applicação de tests etc.

Assignala-se ainda o governo do sr. Manoel Duarte, no Estado do Rio, por uma outra feição que dá á sua intelligente e patriotica administração relevante destaque: referimo-nos á sabia politica de reconstituição financeira e estimulo economico que s. excia. vem executando, dando vida nova a todos os departamentos do trabalho e da actividade fluminenses. Construindo estradas, estimulando a producção, coordenando a acção dos municipios, ampliando a obra de saneamento do Estado, atacando as obras dos portos de Nictheroy e Angra dos Reis, e procurando solucionar, emfim, todos os problemas de que dependem o progresso material do Estado e o desenvolvimento de suas fontes de riqueza, o sr. Manoel Duarte vem se revelando um administrador dotado de uma nitida e perfeita visão das necessidades mais vitaes da importante unidade da Federação confiada á sua direcção.

Ha, porém, na mensagem, e fóra da mesma, traços que emmolduram a physionomia desse notavel estadista num quadro de accentuada e forte expressão — os que nelle revelam a acção do homem politico. Era preciso, de facto, que a capacidade do estadista, evidenciada de modo tão concreto no exito da acção do administrador, se reflectisse tambem na acção do homem politico, para que a obra de bem publico por elle executada não tivesse a deformal-a a eiva, tão commum, nas praticas republicanas do Brasil de hoje, da intolerancia dos chefes de Estado como representantes das organizações partidarias a que pertencem. E a acção politica do sr. Manoel Duarte, já dotando o Estado de uma lei eleitoral capaz de assegurar aos cidadãos fluminenses o pleno e livre exercicio do direito do voto e, com elle, a garantia da verdade eleitoral, já demonstrando por outras iniciativas o alto e nobre liberalismo em que sempre se inspirou, impõe-se, neste momento, ás sympathias e admiração de todo o paiz pela elegancia moral de suas attitudes.

O testemunho dos factos ahi está para comprovar quanto tem sido modelar e exemplar a obra de bem publico, isenta de faccionismo, que o illustre chefe do executivo fluminense vem realizando no seu Estado, para honra de seu governo, orgulho de seu povo e admiração do Brasil.

O porto de Nictheroy, em construcção, conforme foi projectado.

Mulher, digo a teu ouvido...

QUE, quando quizeres interessar a um homem, te mostres sempre alegre. O unico argumento que jamais convence aos homens a favor do amor é a dôr e a tristeza.

— Que procures ser livre, porque a unica cousa que vale na vida é a serenidade, e só se tem serenidade quando se tem liberdade.

— Que, quando houveres feito tudo para conquistar o amor de um homem e não o tiveres conseguido, te resta um ultimo recurso: não fazer mais nada.

— Que as mulheres se enchiam de amor pelos homens em virtude dos favores que lhes têm feito, e que os homens as esquecem por esses mesmos favores.

— Que, si amares, não sejas desconfiada, pois a desconfiança é egoismo.

— Que, si amares, não perguntes si és amada, pois é bastante amar: o proprio sentimento é a verdadeira felicidade.

— Que, quando um homem te offender, não esperes que nada nem ninguem te faça esquecer a raiva de haver sido offendida, nem mesmo a morte do offensor.

— Que com a violencia e a imposição nunca conseguirás o amor.

— Que deves preoccupar-te de gostar si quizeres ser amada.

— Que quando o amor é amor, nada pede e tudo dá.

— Que nunca poderás saber qual dos teus amores foi o maior: si o primeiro ou o ultimo.

— Que o amor, de uma ou de outra maneira, é sempre o culpado dos erros das mulheres.

— Que o coração não se satisfaz nunca, que é optimista, e que até no inverno julga viver em primavera.

— Que procures não perder o caminho da vida, porque na vida nada se encontra novamente. A vida não anda nunca para traz.

— Que tenhas cuidado quando quizeres raciocinar um disparate, porque nesse caso as mulheres só dizem grandes absurdos.

— Que, si as mulheres sabem soffrer, é porque os homens lhes ensinaram essa amarga sciencia, que ás vezes, sua maior fortuna, que é ás vezes, sua maior desdita.

— Que Deus perdôou sempre as mulheres que amaram muito.

— Que tenhas cuidado com as grandes paixões, porque são ellas que desequilibram a alma.

— Que a mulher poucas vezes é completa; que para sêl-o, é mistér que seja um pouco formosa, um muito intelligente e muito sentimental. Ha muitas pobres timidas, que não sabem falar; muitas bôas que são tôlas; muitas más que são perversas.

— Que o grande segredo da mulher é interessar sob estes tres aspectos essenciaes: formosura, intelligencia e sentimento. A que possuir esses tres privilegios terá encontrado o segredo de ser, para o homem, noiva, mãe, mulher, amiga e irmã.

MERCE TUBAU.

CASMURRICES...

NAQUELLE club da élite reune-se, semanalmente, uma parte aristocratica da sociedade carioca. Lá estive domingo ultimo. Gostei. Como das vezes anteriores, notei muita alegria, muita animação.

Espiritualmente falando, tenho, porém, 70 annos — não danço mais, não sou adepto do *flirt*, estou, emfim, "blasé"... Prefiro, quando vou a esse logares, ficar de "camarote"... a observar coisas interessantissimas, que passam aos outros. Assim é que vi uma encantadora menina de 17 annos, quando muito, cujos olhos azues, cujos cabellos loiros, muito loiros, cujo corpo admiravel, de "fausse maigre", pareciam scintillar desejos, accender e atear paixões.

Esses attractivos faziam a loirinha alvo preferido de muitos adoradores. E ella, creatura do seculo XX, deu expansão a seu temperamento. Foi muito procurada — dançou muito e... talvez empolgada pelos doidos fox-trots, esquecendo-se de si propria, excedeu-se um pouco. Fiquei triste deante de tanta desenvoltura, dominado pelo desencanto que de mim se apossou e, ao mesmo tempo, tive pena dessa creatura — ella, que, coitada, na ingenuidade de seus 17 annos, não estava comprehendendo por que razão era preferida e insistentemente procurada para dançar.

Como um velho, quero dar-lhe um conselho — ser mais recatada e menos desenvolta na proxima reunião.

Falaram tanto della, mesmo aquelles para quem ella foi excéssivement "boa". Boa e camarada.

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1929.

Dalmo Meira.

O PREMIO

De ANGELA ROUSSET DE SAN MARTIN

APESAR da maneira cortez e do tom affectuoso que empregou o gerente para dizer-lho, a realidade era esta: havia trabalhado durante um anno consecutivo na casa, pondo ao serviço da mesma sua vontade, suas energias, seus sonhos, seus ideaes, e recebia a recompensa: despediam-no, punham-no na rua como alguma cousa velha e imprestavel.

Sentado deante do gerente, no luxuoso gabinete que este tinha na fabrica, Jorge Roldão, ferido pela ingrata noticia, olhou fixamente seu superior, como que procurando lêr através dos seus traços physionomicos o que silenciavam seus labios.

O gerente era um homem de quarenta annos, aproximadamente, loiro, de fortes mandibulas, ligeiramente corado, olhos azues, pequenos, enterrados entre espessas sobrancelhas. Todo elle revelava sua origem de saxão. Falando, parecia concentrar toda sua attenção em uma espatula que fazia gyrar entre os dedos.

A indignação, que com grande esforço podia conter, estalou em Jorge Roldão.

Mas, por que o despediam?

— Causas promovidas — proseguiu o gerente — por cargos, injustos, desde logo, mas contra cujos argumentos desmoronou toda a bôa vontade que puz de minha parte para mantêl-o em seu posto.

Soluçando quasi de raiva, Jorge replicava. Não fôra, desde o começo, um empregado exemplar? Havia procedido sempre com correcção, respeitando seus chefes, mesmo aqueles que não o mereciam, e dando raro exemplo de lealdade para com seus collegas. Ninguem se atrevenia a negal-o. Justiceiro, imparcial, humano, tenaz, laborioso e incansavel, sacrificou até seus dias feriados para o cumprimento estricto de seu dever. E era despedido!...

Os papeis se haviam trocado. Jorge Roldão parecia, agora, um superior admoestando a um seu empregado. O gerente deixou de lado a espatula, e olhou Jorge com asperez, na imminencia de se encolerizar. Mas, depois de um breve silencio, se lhe foi illuminando o semblante até recobrar doçura.

— Senhor Roldão: eu reconheço plenamente suas bôas qualidades, e oxalá pudesse dizer o mesmo de muitos empregados... Particularmente, creia-me, eu sinto perder um auxiliar como o senhor. Afinal, deixe-me seu endereço..., seu telephone... E' possivel que chegue a precisar do senhor.

Jorge Roldão tinha vinte e quatro annos. Alto, moreno, de cabello negro, olhos pardos, grandes, expressivos, nariz recto, bocca bem desenhada, na qual se esboçava sempre um sorriso — bem se podia considerar um bello typo de homem brasileiro. Unico varão em sua familia, veiu ao mundo quando seus paes já perdiam a esperança de ter um filho varão. E cresceu mimado e querido por todos. Pensou-se para elle numa carreira de proveito. Mas, desde pequeno, era surprehendido com livros de versos nas mãos, demonstrando grande affeição pelas letras. Ninguem tentou siquer contrariar suas inclinações, e assim poude elle realizar seus sonhos. Tinha o futuro garantido pela fortuna de seus paes, e se dedicou inteiramente á literatura. Chegou a editar seu primeiro livro de versos. Isso foi um alento e continuou escrevendo.

Um depois do outro, seus paes, adoecendo, foram deixando este mundo. Suas irmãs foram casando, e cada uma levou seu dote. Elle, pouco a pouco, foi consumindo o seu. Alguem insinuou-lhe sobre a conveniencia de tirar lucro de seus escriptos. Elle suppoz isso uma profanação e preferiu buscar outro meio de vida. E foi assim que chegou a se empregar na casa de onde agora era despedido.

Nem gerente nem empregado tiveram mais o que dizer, e se despediram com um aperto de mão.

Jorge sahiu da gerencia, e, caminhando pelos coredores da fabrica, deixou aquella casa. Uma rajada de vento gelado fêl-o estremecer. Ao chegar á esquina, se deteve para apreciar pela ultima vez o imponente edificio da fabrica. Um longo apito annunciou a hora da sahida dos operarios, que dentro de poucos minutos começaram a surgir pela ampla porta, que parecia a bocca de um monstro vomitando gente.

Só então sentiu Jorge que uma grande angustia o invadia.

Recordou o dia em que começára a trabalhar nos escriptorios do centro. A' noite, quando regressára a sua casa, a sós em seu quarto de pensão, uma grande rebeldia se apossou delle. "Não... Não voltarei mais! — disséra comsigo. — Eu, um poeta, um idealista, relegado ao anonymo labor de um escriptorio!" E deitára-se resolvido a affrontar a vida sob outro aspecto.

Mas chegára a manhã, e o relogio despertador sôára asperamente. Soára como um chamado á luta, á vida. Jorge segurára a campainha, e o compassado tic-tac que seguia parecia dizer-lhe: "Que mais queres? Todo trabalho, quando é nobre, se póde idealizar. Por que claudicar antes de tentar? Acaso a poesia só existe nos versos? O rotineiro labor de um escriptorio, tomado com amor, com enthusiasmo, poderá ser acicate para tua imaginação... Terás novas idéas... Crearás novas imagens..."

Vestira-se ás pressas e fôra o primeiro a chegar, áquelle dia, ao escriptorio da fabrica.

E assim foram passando os dias, os mezes. De tarde em tarde, um grito de revolta tentava estalar: era a luta entre seus ideaes de poeta e suas obrigações de empregado de escriptorio. Não podiam ser plenamente satisfeitas as duas cousas. O esfalfante trabalho do escriptorio deixava-o extenuado,

(Conclue na pagina 66).

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas.
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0877
Administração: C. 4186 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 3 - sob.
Caixa do correio, 1481.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 3, Rua Tronchet, Paris. — 18, 21, 23, Ludgraste

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil. — 5, rua Alcino Guanabara, — 5, Tel. C. 2431

RIO DE JANEIRO

RADIOS, DISCOS E VICTROLAS

L. MENDES

RUA GONÇALVES DIAS, 64

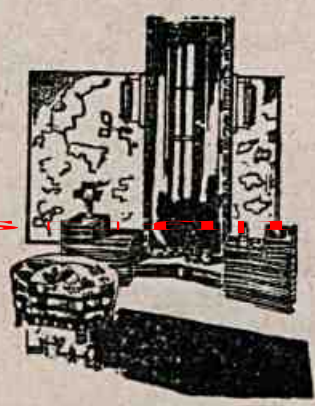
Endereço Teleg. STEINITE

Tel. Central 0852

Distribuidor dos Famosos productos **STEINITE**

A ultima palavra em receptor de radios e phonographos electricos.

LAUBISCH - HIRTH

Moveis de distincção e decoração geral de interiores

Fabrica:

RUA RIACHUELO, 81-87

Telephone Central 4764

Ender. Telegr., «RIOMOVEIS»

Exposição do Centenario

GRANDE PREMIO

Exposição e venda:

RUA DO OUVIDOR, 86

Telephone Norte 5128 Tapeçaria: Central 5170

Com importante stock de nossos fabricados, sedas, cretones, tapetes orientaes e europeus, cortinas, etc.

Ender. Telegr. «MOBILART»

VARINHA DE CONDÃO

UMA BOLSA DE PANNO PARA O DIA

— Essa bolsa de panno (fig. 1) executa-se do seguinte modo: corta-se um grande pedaço de lã beije tendo aproximadamente 28 cm. de comprimento e 20 ou 27 cm. de largura. Essas medidas variam naturalmente, segundo o tamanho do fecho da bolsa. Estas estão determinadas para um fecho de 22 cm. de comprimento (tamanho commum) A B, na fig. 2 a metade do comprimento interior do fecho (esticando um pouco a fazenda) C A, deve ser igual ao comprimento do prolongamento vertical do fecho.

Sobre a lã beije applicam-se duas tiras verticaes de lã azul marinho, de 2 cms. de largura por meio de um pesponto com sêda azul marinho. Essas duas tiras são cortadas, no centro, por duas outras tiras juntas e parallelas, da mesma fazenda e da mesma largura.

Cortam-se em seguida 26 pequenos triangulos de lã azul marinho e 24 pequenos triangulos de

(Fig. 1)

(Fig. 3)

lã vermelha do tamanho dos que se vêem na figura 2. Esses triangulos devem ser beirados com ponto de casear, com fio de ouro, nas faces lateraes. Depois são collocados sobre a lã beije alternadamente um vermelho e um azul marinho, presos com ponto de casear com fio de ouro pela base e pelo cimo. (fig. 2)

Do outro lado da fazenda prega-se o forro da bolsa de sêda beije obedecendo ás mesmas dimensões.

Juntam-se em seguida os lados da bolsa. O lado A D (fig. 3) junta-se com o lado A C e o lado B F com o lado B E com um pesponto pelo avesso.

Arma-se então a bolsa com linha grossa azul marinho passando os pontos simultaneamente na lã, no forro e nos furos do fecho. Os lados G H e I J são fixados sobre o lado horizontal do fecho. Os lados C G, H E, D I e J F são fixados sobre os prolongamentos verticaes do fecho.

A alça da bolsa é feita com uma fita de lã azul marinho beirada com pontos de festão com fio de ouro cujas extremidades são enfiadas nas argolas do fecho.

(Fig. 2)

AGASALHOS LEVES

Já se foi o tempo em que ser doentio e pallido era bonito, era poetico. Os vates cantavam a alvura transparente, a fragilidade de suas amadas. E moça desgostosa em amor, que se prezasse tinha por obrigação inilludivel tornar-se quando menos... tuberculosa. Não porém com esse nome antipathico e antiesthetico chamava-se a enfermidade dos delicados, dos espirituaes. Dizia-se consumpção, doença de enlanguescimento, e sua causa mysteriosa ainda apparecia cercada de uma aureola de prestigio e de sonho.

Porém hoje, que se sabe ser causada não pelo amor mas por um feles bacillo (que falta de poeta!) e que todo mundo conhece seu perigo de transmissão, seus accidentes horriveis, eil-a como bem merecia definitivamente posta á porta das inspirações poeticas.

A musa moderna é a saúde... olhos brilhantes, faces em rosas desabrochadas... E tem toda razão a humanidade de hoje. Doença é bonita apenas nos livros. Na realidade é sempre triste, feia, mesquinha... Quando não repugnante.

Mas por que essa pregação de hygiene, hoje, dirão minhas leitoras surprehendidas... quem sabe si ella nos vae annunciar algum xarope?... Será que está virando feminista, como Petite Source e em vez de nos fallar de modas vae defender idéas... dynamistes?

Minhas amiguinhas, si assim estão pensando podem todas tratar de se confessar amanhã, domingo, antes da missa. Porque estão fazendo julgamentos temerarios. Não vendi minha Varinha de Condão a nenhum pharmaceutico para lhe louvar os preparados, nem virei feminista.

Toda essa conversa sobre assumptos tão feios era simplesmente para chegar á conclusão de que é preciso, quando não se tem uma saúde de ferro — e ainda assim — ter cuidado com os resfriados tão communs nas sahidas de theatros e de bailes, principalmente no verão. Parece paradoxo e não é. No inverno todas se acautelam e somente sahem á rua depois de um curto repouso, si estiveram dançando, e bem abrigadas nas suas capas e mantas. Com o calor facilitam. Sahem sem agasalhos. Parece-lhes que uma simples écharpe de gaze basta. E si a temperatura muda, si uma chuva sobrevêm eil-as desprevenidas, enfrentando descuidadamente a mudança de temperatura.

Para evitar essas imprudencias é de grande utilidade a ultima novidade parisiense em materia de "ensembles": o "ensemble" para a noite.

Consiste em um vestido de baile trazendo por complemento um pequeno palitot com mangas que, sendo a *toilette* de sêda ou renda, a transforma em traje de rua. Tem, pois, ainda a vantagem de fazer duas figuras, além dessa de agasalhar sem ser em excesso.

Na fig. A vemos um "ensemble" para a noite de tulle e de renda negros. A blusa é de renda, ornada sobre uma pala de tulle. Dois babados de tulle enfeitam a saia nas cadeiras, dois outros alargam-n'a em baixo. O cinto é de tulle fechado por duas camelias côr de rosa. O casaco de renda semilongo, termina por tres babados de tulle que se sobrepõe aos da saia, occultando o terceiro, o pedaço de renda da saia.

Fazenda necessaria: para o vestido: renda, 2 m de 1 m de largura; tulle, 3 m de 1 m,80 de largura. Para o casaco, renda, 3 m de 1 m de largura, tulle 2 m,50 de 1 m,80 de largura.

(Fig. A)

OVOS PARA O ALMOÇO — Excellente alimento, apreciado pela maioria e que nunca aborrece são os ovos. Entretanto, como em tudo na vida, a variedade augmenta o valor, não devem as donas de casa por descuido e preguiça de se preoccupar com isso, deixar que todos os dias os ovos do almoço sejam servidos da mesma forma. Nada custa dar ordens á cozinheira para que elles venham cada dia de um modo. Eis algumas receitas appetitosas:

Ovos recheados: Cozinham-se tres ovos. Cortam-se ao meio e retiram-se as gemmas que se desmancham com uma colher de manteiga. Desfaz-se uma colher de maizena em meia chicara de agua e se accrescenta á gemmas e á manteiga. O migáo assim obtido vae a fogo brando até ficar pastoso. Depois separa-se a massa em seis porções que são enroladas e vão rechear as seis metades das claras vazias. Cobre-se com môlho branco.

Omelette de presunto: Numa chicara de leite cozinham-se duas colheres de maizena. Retira-se a mistura do fogo e juntam-se a ella tres ovos cada um por sua vez, mexendo-se bem tudo; em seguida junta-se presunto muito bem picado e faz-se a omelette, que deve ser servida muito quente.

CINDERELA.

atrophiando-lhe o espirito. E muito raramente conseguia elle fazer uma composição com acerto. E então, para reanimar-se, dizia a si mesmo: "Quando eu estiver mais tempo aqui, serei designado para um logar mais importante, e isso me compensará o esforço de agora."

Recordou tambem quando, pouco a pouco, fôra conhecendo melhor seus companheiros de trabalho; as qualidades de uns e os defeitos de outros. As intrigas, as injustiças que saltavam á vista, de que o que menos trabalhava fingia ser o que mais se empenhava. O doloroso que lhe resultára habituar-se a ver tudo e difficilmente calar, e não poder calar ás vezes para, depois, se arrepender de ter falado.

A pouca sympathia, apesar de seu modo de proceder, que inspirava a alguns, que, estava bem certo disso, eram os causadores de sua demissão.

O edificio da fabrica havia desapparecido de seus olhos, e as scenas diarias foram desfilando.

O PREMIO

(Conclusão)

* * *

Pensou na ingratidão e na maldade dos homens. Pensou que todos elles eram um bando de cães famintos disputando uma presa a dentadas. E entrou-lhe um surdo rancor contra os homens, seus semelhantes quanto á apparencia exterior, mas de uma baixeza de alma unica. Conservára-se dono de si, altivo, mantendo sua personalidade de homem integro, lutando com coragem, com enthusiasmo, e recebendo aquelle premio: despedimento!

Lembrou-se de seus bons companheiros, a quem penalizaria a ingrata noticia. Viu o logar em que, diariamente, se sentava para iniciar seu trabalho, experimentou já o muito que estranharia tantas cousas que, á força de vêl-as e tel-as nas mãos, lhe eram familiares, queridas... Teve pena de si mesmo. Pena e raiva de ser tão sensivel. Que fraqueza! Si uma porta se fecha aqui, outra se abre alli!... Entretanto, não conseguia resignar-se.

Enorme pennacho de fumo sahiu da chaminé da fabrica. Jorge o viu elevar-se alto, muito alto, até confundir-se com as nuvens, no céo. Pareceu-lhe que eram suas energias que, depois de esprimidas, não ficavam assim como fumaça... Denso, o fumo sahia da chaminé, tomando formas humanas. Viu a cabeça de phoca, alongada e lambida, de um de seus chefes... Viu outro, rechonchudo, com o sorriso falso á flôr dos labios. Viu tambem cabeça loira da dactylographa, que o olhava entre risonha e trocista... Comprehendeu tantas cousas!... Voltou dolorosamente a cabeça. Começou a sentir frio, um frio intenso, que, atravessando as carnes, lhe chegava á alma. Suspirou profundamente e se dirigiu á estação, sentindo atraz de si o desmoronamento de suas mais nobres aspirações.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Eu já canto a minha terra
Como canta o sabiá;
Sabonetes d'EUCALOL
Eu só quero agora cá...
As virtudes que elle encerra
Nenhum outro as haverá.

João Francisco de Lacerda Coutinho.
Rua Real Grandeza 88, C. 3.

Chi Namel
ESMALTES, TINTAS, LACAS E VERNIZES
Chi Namel
RENUEVA BRILLO
PARA NUTRIR
LIMPIAR
BARNIZADOS
EN GERAL
TEM V. S. MOVEIS DE APPARENCIA VELHA?

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

A MARAVILHOSA MENTIRA DE NINA

DA UFA

Cinema — RIALTO — Temos a certeza que um espirito artisticamente educado, com uma noção clara da Belleza e da arte não occorreria a triste idéa de preferir a esta obra de sentimento, de encanto e de poderosa magia espiritual uma pellicula de futilidade, de mulheres mais ou menos nuas, de cousas sem nexo e de enredos sem alma, como que por vezes atormenta por ahi a paciencia do publico carioca. Digamos antes de mais nada que a direcção e a technica d'esta producção da Ufa eguala vantajosamente o que, sob estes pontos de vista se produz no mundo. E postas estas duas circumstancias em relevo, falemos do film, não só como obra de arte silenciosa mas como obra de arte em absoluto. Encontra-se, em primeiro logar, no conflicto amoroso dois caracteres de traços claros e rigorosos: uma mulher que consegue, afinal, saber o que é o amor; u mingenuo moço, a quem essa torrente de amor perturba e perde. Brigitte Helm foi essa mulher. E' simplesmente soberba de verdade, de paixão, de graciosidade feminina, de elegancia. Grande artista, que não sendo um assombro de formosura, nos arrebata, nos prende, nos domina, quando nos revela o seu talento de actriz. Brigitte Helm póde ser considerada, hoje, se mfavor, uma das maiores "estrellas" cinematographicas do mundo. Franz Leierer, n'u mtrabalho ingrato, foi d'uma sobriedade, d'uma verdade, na interpretação que deixou no publico uma impressão de realismo inapagavel. Warnich Ward foi o grande artista que o publico carioca já se habituou a admirar. Simplesmente admiravel no detalhe. Estamos, pois, por estas qualidades, e muitas outras que a falta de espaço nos impede de indicar, em frente do melhor trabalho da Ufa nos ultimos tempos. O film, até certo ponto, aproxima-se u mpouco da technica norte-americana, da bôa technica americana, é claro. Mas o sentimento, o conflicto de sentimentos que está dentro da pellicula tem um desenvolvimento muito superior. Sob qualquer aspecto que se considere, este film merece a justa

Cotação — MUITO BOM

INNOCENTES DE PARIS

Cinema IMPERIO — O typo moderno do galã de revista ou variedade, creado pelo espirito saxonico é de difficil acquisição porque requere mocidade, alegria, voz, agilidade, espirito moderno de

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 3957, Villa

DIARIAS DESDE 15$000

Cabello Formoso

nem sempre é apenas um feliz dom da natureza; na maioria dos casos é o resultado de cuidados constantes. Assim pois, em lugar de invejar o formoso cabello das suas amigas, tome V. S. as medidas necessarias para que o seu cabello lhes seja igual. O segredo do cabello formoso acha-se na força e vitalidade das raizes. Alimente e nutra as raizes do cabello com Lavona, Tonico dos Cabellos, e o cuidado ordinario que geralmente se dá ao cabello fará o resto. Lavona, Tonico dos Cabellos, limpa o couro cabelludo da caspa, e embelleza o cabello mais do que outra coisa o fará, pois que contem um certo ingrediente que não se encontra em qualquer outro preparado para o cabello, sendo isto o segredo do seu grande successo. Comece hoje mesmo o emprego da Lavona, Tonico dos Cabellos, e conseguirá possuir um cabello formosissimo, que fará a inveja de todas as suas amigas.

LAVONA

TONICO DOS CABELLOS

OPINIÃO VALIOSA A RESPEITO DOS DOIS GRANDES REMEDIOS BRASILEIROS

Elixir de Nogueira e Vinho Creosotado

do Phar.-Chim. João da Silva Silveira.

Attesto que tenho empregado, com o melhor proveito, os medicamentos do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira,

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

em casos de syphilis grave, e o VINHO CREOSOTADO em convalescentes e nas affecções do apparelho respiratório.

Bahia, 30 de Dezembro de 1925.

Dr. Octavio Alex. C. Messeder.

(Firma reconhecida).

Medico de Serviço de Soccorros de Urgência da Sub-Secretaria da Saúde e Assistência Publica do Estado da Bahia.

actividade coreographica, um sem numero de requisitos nem sempre faceis de encontrar n'um artista. Chandall foi o melhor modelo, no genero, que o Rio conheceu. Maurice Chevalier era na França o seu emulo. A America, chamou-o, tentou-o. E elle correu para a America. Diz-se que no mesmo vapor seguiu Madame Curie, e que emquanto esta embarcava quasi ignorada, Chevalier recebia estrondosas manifestações dos seus amigos e admiradores. Mas... vamos ao film da Paramount. Um encantador espectaculo. Sáe-se do salão com a alma alegre. Chevalier é um artista de grandes recursos scenicos, interpretando um typo bem do seu feitio dentro d'um enredo delicado e alegre. Mas, a par do trabalho de Chevalier o que mais encanta na pellicula da Paramount é a parte musical, com bôa synchronização e nitidez, constituindo na realidade um espectaculo filmesco de absoluto agrado. Falta-nos o espaço para mais desenvolvida exposição, como elle merecia. Entretanto, ahi vae uma justa

Cotação — BOM

PELLE VERMELHA, ALMA DE NEVE

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Ha muito tempo que Richard Dix não dava aos seus admiradores cariocas um trabalho tão perfeito em detalhe como esta pellicula da Paramount. E' verdade que teve a auxiliar o seu esforço artistico um scenarismo de primeira ordem, enredo emocionante, ambiente vivamente marcado e interessante, uma technica cuja perfeição não póde ser ultrapassada. O que resalta na bella impressão que o publico recebeu d'esta pellicula é que a linha central do thema não é novidade. Está mesmo bastante cansada. Nem por isso, comtudo, o publico se desinteressou do film, vivendo com o protagonista as situações delicadas e emotivas, e, ao mesmo tempo, tão cheias de pittoresco, que fazem d'esta pellicula um excellente trabalho. A Arizona é, ha dez ou doze annos, o ninho de muita pellicula: umas bôas, outras soffriveis, outras bem detestaveis. Houve tempo em que os films alli localizados eram tantos, que aquelles extensos areaes e aquellas abruptas montanhas já enjoavam as platéas quando surgiam nas telas. Marque-se, porém, este film entre os melhores, pelas razões apontadas, a que se acrescentará uma perfeita synchronização em que ha musicas inspiradas e apropriadas nitidamente á acção.

Cotação — BOM

O Complemento de Uma Boa Refeição

O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de facil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea offerecem essas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gózam. Da proxima vez que V. S. tivér convivas, ou que preparar uma refeição para a familia, experimente o seguinte, saboroso

MINGAU DE MAIZENA

2½ Taças de leite quente
1 Colher de extracto de baunilha
1 Pitada de sal
6 Colheres rasas de Maizena Duryea
½ Chicara de assucar

Misture-se a Maizena Duryea com ¼ da taça de leite frio. Deite-se o sal e mexa-se bem, addicionando o resto do leite quente aos poucos e o assucar para lhe dár o sabor desejado. Leve-se ao banho-Maria por 12 minutos, mexendo-se contantemente, até engrossar. Accrescente-se a baunilha, misturando-a bem. Em seguida verta-se tudo numa fôrma mergulhada em agua fria, até endurecer. Enfeite-se com fructas da estação.

Esta receita foi extrahida do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

M. BARBOSA NETTO & C.
C. Postal 2938
RIO

MAIZENA DURYEA

A Cadeia

APOIADO em uma das columnas da solitaria estação, Altamirando acabou de lêr aquella carta que lhe chegára momentos antes. "Estive na imminencia de ficar em New-York — dizia-lhe o amigo. — Uma proposta vantajosissima. No emtanto, a recusei. Quero viajar, conhecer essas terras de que falamos tantas vezes. Quando houver satisfeito a meu desejo então ancorarei em qualquer porto e deixarei correr a vida..."

— Bôa noite, doutor!

Era seu auxiliar que se retirava, fechando a porta do escriptorio, já inutil, pois o trem só corria duas vezes por semana.

Altamirando guardou a carta e suspirou, emquanto se agazalhava com o "cachenez" para se defender do ar que se saturava de frio a atravessar as nevadas planicies patagónicas.

Uma inquietude indefinivel lhe torturava o espirito. Inquietude que persistiu ainda no calor do lar, sem que bastassem, para dissipal-a, nem a terna solicitude da esposa, nem as caricias infantis do filho.

Terminado o jantar, o pequeno adormeceu no regaço materno, e o silencio reinou na casa, até que Altamirando se aproximou do magnifico apparelho de radio, unico vinculo entre a vida civilizada e aquellas solidões, onde o retinham suas funcções de engenheiro-chefe de uma missão technica.

— Questão de dois ou tres mezes! — tinham-lhe dito no Ministerio, ao designal-o.

E elle acceitou, encantado de poder satisfazer tão depressa ás inquietudes de seu espirito aventureiro, para o qual a sujeição e o estudo foram apenas um áspero cilicio imposto pela pobreza.

Sua imaginação levava-o até aquelles dias de pressa nervosa, em que o viajante receia esquecer algum detalhe da bagagem.

Depois, a partida alegre e rumorosa. Uma partida que não deixou atrás de si olhos nublados de lagrimas, nem siquer o adeus do lenço que prolonga o instante melancolico, e o mar, áspero e dominador, e deante de cuja immensidade o vapor vae ficando pequeno, lenta e desoladamente, como si comprehendesse que é apenas um brinquedo atirado aos caprichos de seu formidavel inimigo.

As mãos tremulas do engenheiro acariciaram ainda as madeiras polidas da gaveta, como si procurasse arrancar-lhes o segredo das terras que o obsecavam.

Um surdo rancor lhe queimava o sangue e o levou de novo aos dias longinquos, quando, revelado o mysterio daquella região, esperou em vão a substituição promettida. O tedio, companheiro inseparavel da soledade, foi, pouco a pouco, annullando-o. Seu casamento não fôra sinão uma consequencia daquelle desmoronamento em que só subsistia, com o unico imperativo, o instincto insatisfeito.

E desde então, havia tres annos, a vida gravitára sobre elle como uma terrivel carga, suavizada apenas pelo nascimento do filho.

Agora, a nostalgia resurgia avassaladora, vencida em seu marasmo como que por uma chispa electrica, por aquella carta.

Pouco depois, o silencio se quebrou em um rugido áspero, que soou agradavelmente a seus ouvidos.

De

Pedro A. Inchausp

Era a civilização, era a vida que ecoava através dos espaços!

O rugido se foi affirmando até se transformar em uma suave musica, á qual se reuniu depois um côro de vozes estranhas, entretecendo uma canção triste, cuja nota inicial vibrou no ar, tenue, como um suspiro.

— Hawaii!... Guitarras!... — disse o engenheiro, respondendo a sua esposa.

Uma ligeira pressão, em um dos vernieres, trouxe outra musica, alegre esta vez, com essa alegria sonora e um pouco monotona dos inglezes.

A mulher, temerosa de perturbar o somno do filhinho, o levou á sua caminha, emquanto Altamirando, a sós, syntonizava longinquas estações, que lhe traziam como que um vago perfume de cousas inalcançaveis e lhe nublava a mente com a visão dos caminhos ignorados para sempre. Dos caminhos que conduzem a toda parte e com os quaes sonhava sua alma nómade.

II

AFINAL!

Altamirando levantou a janellinha que um resto de covardia o fizera deixar descida ao partir, e aspirou, com raiva, o ar pesado que por ella entrava.

Como tudo fôra facil! Nem a mais leve sombra de remorso lhe nublava a alma, endurecida por uma tentação mais poderosa ainda que o proprio desejo de viver.

O processo de sua decisão, lento e doloroso no principio, se foi aclarando no desequilibrio mental produzido por muitas noites de insomnia, noites horriveis como um pesadelo, e nas quaes o espirito afastava os obstaculos que se oppunham á sua liberdade.

Suggestionado já, o engenheiro começou a se retrahir, afastando-se cada vez mais da mulher e do filho, cujo abandono resolvera.

Pretextando occupações proprias de seu cargo, encerrava-se em seu aposento, onde deixava que as horas transcorressem, e pensava nas aventuras futuras, nas quaes elle havia de ser como uma andorinha sem porto.

Outras vezes, afastando-se do lar commissões que duravam dias e dias, commissões que eram aproveitadas para obter beneficios que occultava depois cuidadosamente, calculando por elles o tempo que o separava ainda da liberação.

E agora? Os olhos de Altamirando perscrutaram inutilmente a distancia: terras ermas, apenas estremecidas pelo resfolegar monotono do comboio, e, de tempos em tempos, uma malhada surprehendida que fugia pondo sobre o campo uma faixa de tremula branecura.

Mais além, um rancho, escondido na sombra protectora das arvores, lhe produziu uma sensação de mal estar, que combateu desdobrando o mappa em que se destacavam, circulados de vermelho, portos e cidades.

— Ora! — murmurou depois, respondendo a si mesmo. — Os males da alma se curam. Ella poderá refazer sua vida e procurar a felicidade que eu não lhe pude dar.

A CADEIA (Conclusão)

III

DEPOIS de uma noite de insuspeitada inquietude, Altamirando despertou com as primeiras claridades da manhã.

Ao longe, o horizonte se recortava na serenidade do céo.

O ar, excessivamente frio para aquella época, recordou-lhe a proximidade do oceano e a hora da partida. Pouco a pouco o hotel se foi sobrepondo á modorra do amanhecer. Um rapaz, ainda cochilando, atravessou o pateo, rumo da cozinha. Depois, um marinheiro alto e forte soprou ruidosamente emquanto se lavava, como si procurasse assim combater a frialdade da agua.

"Parece uma phoca!" — pensou Altamirando, divertido.

Novamente o encontrou na sala de jantar e o cumprimentou, sentindo-se attrahido para aquelle homem, em cujo rosto bronzeado descobria o signal da caricia salubre de muitos mares.

Fleugmatico como bom inglez, o marinheiro respondia com monosyllabos á alluvião de suas perguntas. Uma só vez os olhos escuros e inexpressivos se animaram de repente: foi quando Altamirando destampou a garrafa, e encheu o copo com o liquido.

Bebeu um bom gole, e seu laconismo concedeu, effusivo:

— Ah!... South Amerique!... muito lindo whisky!

Uma hora depois, suarento com o peso da valise, o engenheiro se deteve junto ao enorme galpão que servia de deposito. A alguns metros dali, immobilizado pelos cabos de atracação, se erguia o transatlantico onde, de antemão, reservára sua passagem.

As manobras executadas pela tripulação e o fumo denso que atiravam as chaminés lhe indicaram que tudo já estava prompto.

Ia embarcar, quando a chegada de novos passageiros destrahiu sua attenção: era um casal joven, acompanhado de uma linda e viva menina, que enchia o ar com suas exclamações de espanto.

Não poude ouvir o que falavam, mas o imaginou pelo rosto penalizado da mulher e pelo nervosismo que o homem dissimulava com evidente esforço.

A sineta do vapor soou de repente, dando o ultimo aviso.

Altamirando, detido por um sentimento inexplicavel, viu como a mulher se apertava contra o homem, num abraço desesperado. Viu o homem inclinar-se sobre a menina para erguel-a subitamente e suffocar naquella carnezinha querida o soluço que lhe dilacerava a alma.

Um deslumbramento repentino fez com que o engenheiro deixasse cahir a valise, que lhe rolou aos pés com opaco rumor de cousa inutil.

E, através do véo de lagrimas que lhe nublava os olhos, vislumbrou os braços infantis cingidos ao pescoço do pae na dulcissima cadeia que nos prende além dos mares e da morte.

Estático, possuido de uma profunda tristeza, contemplou, durante longo tempo, o vapor que se afastava, levando para sempre as inquietudes de sua alma nômade.

E quando a nave se dissolveu, como um torrão de assucar, na movel superficie do mar, Altamirando sentiu que algo ineffavel alumiava seu espirito, e, com o pensamento, voou para o recanto perdido nas solidões patagónicas, onde o esperava uma cadeia: os suaves bracinhos de seu filho...

O ATRAZADO

BERNARDO tinha apenas uma originalidade. Originalidade relativa: sempre chegava tarde.

Fóra disso, era o homem mais vulgar que se possa imaginar. Seu rosto, seu porte, sua maneira de vestir, suas opiniões eram as de qualquer pessoa, e, sem cos tume de chegar tarde em toda parte, seus contemporaneos não teriam chegado nunca a notar sua existencia.

A irregularidade de Bernardo era de uma regularidade desconcertante.

Era inutil que seus amigos o convidassem para meia hora antes da necessaria. Sempre encontrava o meio de chegar mais tarde da hora combinada.

Por isso Bernardo não vira nunca o primeiro acto de uma peça theatral ou de uma fita cinematographica, nem ouvira as primeiras notas de um concerto, nem viajára nunca no trem que pretendia, nem sabia o que era um banquete, porque sempre chegava á sobremesa.

E, no emtanto, o pobre rapaz fazia quasi o impossivel para tirar seu máo costume de chegar tarde.

Mas nem os despertadores, nem as recommendações dadas aos empregados, nem os telegrammas que se lhe enviavam mesmo na vespera para recebêl-os ás primeiras horas do dia seguinte — nada disso servira para nada.

Não é preciso dizer que os nós no lenço e alfinetes nas mangas haviam sido tão inuteis como os outros processos, pois, chegado o momento, Bernardo não se lembrava nunca do motivo que os determinaram.

Ia-se-lhe todo o dinheiro em *taxis* e outros meios de transporte, que diariamente utilisava para chegar menos tarde.

Em suas relações amorosas, sua constante irregularidade lhe havia proporcionado grandes desgostos. Nunca chegava á hora numa entrevista amorosa sinão quando a dama, cansada de esperar, já se havia ido embora pelo braço de outro galanteador, que sabia aproveitar-se do despeito de uma mulher que espera inutilmente.

Nos negocios, não falhava a regra geral. Sempre ia procurar os freguezes provaveis quando estes já tinham recebido a visita de um collega mais madrugador.

Nesses casos Bernardo dava provas de um estoicismo admiravel. Não se culpava a si mesmo, nem accusava a sorte. Apenas sorria tristemente e sahia murmurando como si pedisse perdão:

— Espero ter mais sorte da proxima vez.

No emtanto, quando recebeu o convite para comparecer ao casamento da senhorita Verónica Regnoni com o sr. Hércules Leplanteur, "que se realizaria na egreja de São Bento, no sabbado, 17 do corrente, ás doze e meia", Bernardo resolveu triumphar de seu habito, custasse o que custasse.

Leplanteur era um amigo da infancia. A amizade obrigava-o a comparecer á cerimonia. Assim, no sabbado, 17, Bernardo partiu apressadamente rumo da egreja de São Bento.

— E' aqui que se realiza o casamento do senhor Leplanteur? — perguntou ao lacaio que estava na porta do templo.

O solenne empregado respondeu:

— A cerimonia terminou ha cinco minutos. A comitiva acaba de partir.

Bernardo fez um gesto de contrariedade.

— Que vae pensar de mim, Leplanteur? — exclamou. — Não tenho sorte. Para uma vez em que um amigo me convida para seu casamento, não chego a tempo.

E, philosophicamente, como homem habituado a taes contratempos, ajuntou:

— Em fim... vamos vêr si tenho mais sorte no dia do enterro...

MIGUEL HERBERT

— A's brigas amiúdaram-se; o meu amor foi arrefecendo; uma grande fadiga me tomou o coração. Reflectia no contrasenso das suas attitudes; principiei a desconfiar do seu ciume temporario, pois nos longos periodos que passavamos distanciados, por um attrito quasi sempre provocado por elle, pouco se importava com a desforra que eu pudesse tirar. Mas todos me asseguravam que esse homem, que a tanto *papelão* se prestava, não podia deixar de me ter um longo amor...

— E tinha! — confirmou Narcisa.

— Vaes vêr, disse a outra. De uma feita, brigámos e eu resolvi desfructar a minha liberdade. Havia uma festa em casa de uns ami-

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

gos e obriguei titia a me acompanhar. Calcula o que aconteceu!

— Elle estava lá! — disse Narcisa.

— Não. Chegámos á esquina da rua onde estacionava um taxi. Parámos para tomal-o; eu mesma abri a porta e sabes o que vi? Dobrado, comprimido, suffocado no chão do carro, alojára-se o nosso heróe! No chão do carro, ao abrigo de todos, um homem daquelle volume!

Respirou francamente:

— Tive impetos de vóar-lhe em cima; o "chauffeur" porém, não lhe vira a fraude, senão que tomára o carro, e um escandalo seria pernicioso.

— Mas que pretendia elle com isso?

— Esconder-se. Vira-nos sahir, não cuidou que tomassemos o carro, achou pratico o recurso.

— E depois? — perguntou a amiga, sem lagrimas já.

— Não fui ao baile, é logico... Nova reconciliação...

Um bello dia, porém, foi nomeado para um alto cargo federal. Podia casar-se, emfim, esse homem, porém, que tanto se ridicularizára aos olhos do padeiro, dos moleques, do "chauffeur" e até do papae, sem nenhum motivo, nem mesmo uma das brigas que provocava, resolveu sahir da minha vida. E foi-se...

— E não choraste? — indagou Narcisa.

— Eu? Já me exgottára as lagrimas e me cansára o coração. Experimentei, sim, uma intraduzivel sensação de allivio... Ufff!...

E levantando-se para se retirar, depois de um suspiro verdadeiramente restaurador, concluiu:

— A's vezes, crê, e são passados tres annos, tremo ao pensar que o tal emprego acabe e o homem me volte na falta do que fazer...

Narcisa sorriu primeiro e explodiu, emfim, numa furiosa gargalhada.

— Estou imaginando, querida, a scena do automovel. Que coragem de homem! E que susto, hein?

Estava consolada.

IRENE DRUMMOND.

(Do livro "Modos de sêr", inédito).

ESPIRITO ALHEIO

GAIOLA UTIL

— A senhora quer comprar esta gaiola?
— Não tenho passaros.
— Não importa.. Servirá para nella guardar seus valores. Ladrão algum se lembraria de vir procural-os aqui.

(De "Punch", de Londres.)

DESEJO MUTUO

A freguesa. — Eu queria ver um vestido de baile que me ficasse bem.
O vendedor. — Eu tambem queria, minha senhora. Mas é impossivel...

(De "Der Wahre Jakob", de Berlim.)

CAVALLO ORGULHOSO

Um dos passaros. — Elle está tão orgulhoso, que nem siquer pensa em comer! Tambem foi quem derribou o principe de Galles, quando o herdeiro do throno soffreu o ultimo accidente...

(De "Passing Show", de Londres.)

A SOGRA

— Soffreu muito sua sogra, antes de morrer?
— Sim. Muito... Mas não o sufficiente.

(De "Vikingen", de Christiania.)

A ilha das tradições

PARA quem sae do borborinho cosmopolita do Rio, Paquetá é o oasis onde a alma repousa e sonha. Desde que a barca encosta, tem-se a impressão de um pulo ao passado, ao Brasil de D. João VI, com os seus beiraes gastos, seus muros coloniaes, suas ruas de coqueiros descabellados e grandes mangueiras rugosas.

Que delicioso recanto do Brasil tão brasileiro, tão verde, tão cheio de recordações! Tudo o que vemos é nosso, bem nosso: o negro velho embarcando os seus cestos de côcos, o cocheiro obsequioso, as crianças morenas, as arvores, as flores e os fructos. Nesse ambiente de outr'ora, quem ficaria surpreso se visse uma dama gentil atravessar as ruas na sua carruagem, ou ouvisse o pequeno canhão salvando a chegada de sua magestade?

Eu por mim creio que não me espantaria si ouvisse a propria "Moreninha" cantando a sua ballada no alto do rochedo.

Quem não esquece a agitação da Avenida, o borborinho da Cinelandia, o buzinar dos autos, o chá das confeitarias da moda, fitando o azul puro daquelle céo e o verde esplendido daquelle mar? Quem não desejaria ficar alli eternamente, ouvindo o gorgeio dos sabiás, o marulho das ondas e as suaves conversas das folhas agitadas pelas auras? Quem não sentirá a commovida canção da natureza e do passado? E, quando com um suspiro de saudade deixamos esse paraiso pequenino e fresco, e os coqueiraes nos acenam como si a alma da ilha nos dissesse adeus com grandes lenços verdes, quem não pedirá de todo o coração ao sr. Progresso que esta que ante aquelle delicioso atrazo não se ponha a conquistar a terra da Moreninha?!

I. C.

DÔR
GRIPPE
RESFRIADOS
GUARAINA
ENVELLOPPE - $500
TUBO - 3$500
LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

E o silencio reinava na Casa do Juizo, e o homem compareceu, humilde, perante Deus.

E Deus abriu o livro da vida do homem.

E Deus disse ao homem:

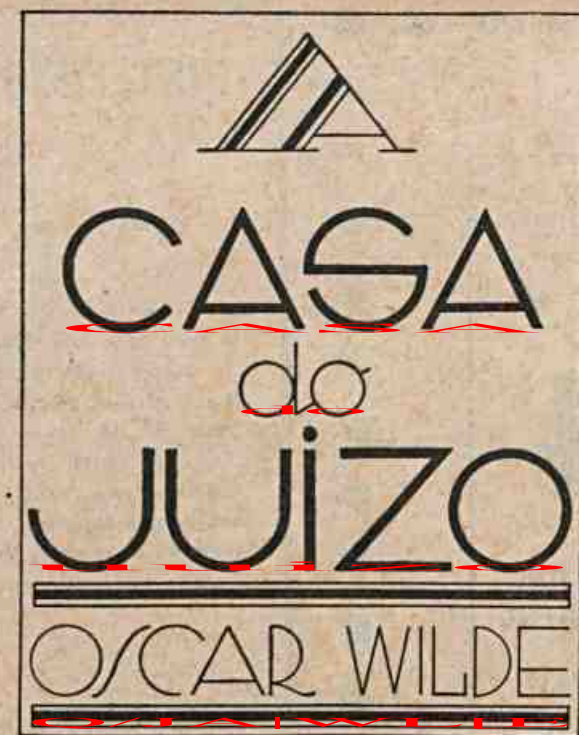
— Tua vida foi má, porque sempre te mostraste cruel para com os que necessitavam de soccorro e para os que careciam de apoio. Foi implacavel e duro de coração. O pobre bateu-te á porta e tu não o escutaste. E fechaste teus ouvidos ao grito do homem afflicto. Apoderaste-te, para teu uso particular, da herança do orphão e procuraste inutilizar o vinho de teu vizinho. Tomaste o pão dos meninos e o deste a comer aos cães. E perseguiste aos meus leprosos que viviam nos pantanos e que me louvavam. Perseguiste-os impiedosamente pelos caminhos, por essa terra minha, essa terra com a qual te formei. E verteste sangue innocente.

E o homem respondeu, e disse:

— Fiz isso, effectivamente.

E Deus abriu pela segunda vez o livro da vida do homem.

E Deus disse ao homem:

— Tua vida foi má, porque escondeste a belleza que eu mostrei, e esqueceste o bem que eu escondi. As paredes de tua estancia estavam pintadas com imagens, e tu te levantavas de teu leito de abominação ao som das flautas. Erigiste sete altares aos peccados que eu soffri, e comeste o que não se deve comer. E a purpura de teus vestidos estava bordada com tres signaes de afronta. Teus idolos não eram de ouro nem de prata perduraveis, mas de carne peccadora e fallivel. Banhavas-lhes os cabellos com perfumes e collocavas granadas em suas mãos. Ungias seus pés com açafrão e extendias tapetes sob elles. Pintavas com antimonio suas palpebras e untavas seus corpos com myrrha. Prosternaste-te deante delles e os thronos de teus idolos se elevaram até o sol. Mostraste ao sol tua ignorancia e á lua tua demencia.

E o homem respondeu, e disse:

— Fiz isso, igualmente.

E, pela terceira vez, abriu Deus o livro da vida do homem.

E Deus disse ao homem:

— Tua vida foi má, porque pagaste o bem com o mal e a bondade com a inclemencia. Feriste as mãos que te alimentaram e despresaste os seios que te deram leite. Aquelle que chegou até ti com agua sahiu sedento. E denunciavas os homens fóra da lei, que te escondiam á noite em suas tendas. Extendeste um laço a teu inimigo que te perdoára, e vendeste por dinheiro o amigo que ia comtigo. E áquelles que te trouxeram amor tu deste em paga a injuria.

E o homem respondeu, e disse:

— Fiz isso, igualmente.

E Deus fechou o livro da vida do homem, e disse:

— Realmente, devia mandar-te para o inferno. Sim, é para o inferno que devo mandar-te.

E o homem exclamou:

— Não pódes fazêl-o.

E Deus disse ao homem:

— Por que não posso mandar-te para o inferno?

— Por que vivi sempre no inferno — respondeu o homem.

E o silencio reinou na Casa do Juizo.

E, após um momento, falou Deus e disse ao homem:

— Já que não te posso mandar para o inferno, te mandarei para o Céo. Sim, é para o Céo que te devo mandar.

E o homem exclamou:

— Não pódes fazêl-o.

E Deus disse ao homem:

— Por que razão não posso mandar-te para o Céo?

— Porque nunca nem em parte alguma pude imaginar um céo para mim — respondeu o homem.

E o silencio reinou na Casa do Juizo.

VERSOS

DINORAH

"...e deixa-me sonhar a vida inteira..."

Bem sei que não conheces quem lhe fala.
Não faz mal. E' bastante que eu lhe diga,
Que os meus olhos, fitando-a, sem fadiga,
São felizes, sómente, em contemplal-a...

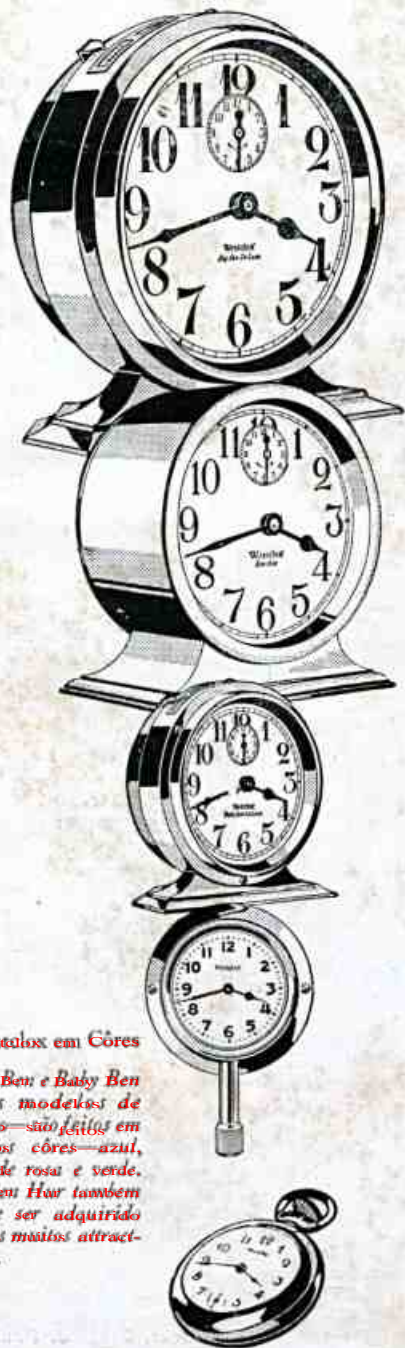
Assim é, Dinorah, que eu posso amal-a.
E este amor, eu lhe peço, não maldiga...
Ao menos, de um olhar se mostre amiga.
A esmola é tão pequena... E' facil dal-a...

Si no seu coração já tem assento,
algum principe eleito, não lamento...
Tambem, o mar, nem sempre, tem escolhos...

Responda... O coração já está tomado?...
Pois bem. Si fôr, assim, do seu agrado,
Eu poderei ser dono dos seus olhos...

RAUL PENTEADO.

Westclox

Não Tome em Consideração Unicamente o Preço na Etiqueta

Westclox em Cores

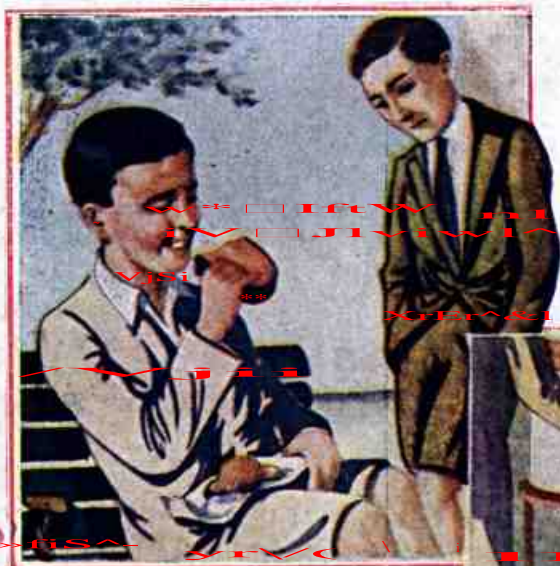
Big Ben e Baby Ben —os modelos de Luxo—são feitos em lindos côres—azul, côr de rosa e verde. O Ben Hur tambem pode ser adquirido côres muitos attract-ivos.

O valor real de um relogio ou de um despertador não pode ser determinado unicamente pelo preço na etiqueta. Sua qualidade tem de ser tomada em consideração. Seu custo original e sua qualidade são os dois factores principaes que devem ser considerados.

Custo modico combinado com alta qualidade que assegura por tempo indeterminado um serviço esmerado, tornam todos os Westclox extremamente economicos.

Westclox são fabricados numa grande variedade de estilos pelos quaes se pode escolher. Os ultimos estilos em despertadores. Relogios para bolso e para automovel com apparencia elegante e exactos em seu funccionamento.

WESTERN CLOCK COMPANY, LA SALLE, ILLINOIS, E. U. A.

Acabemos com as merendas desiguaes!

Um acatado mestre em pediatria e medico escolar brasileiro reconheceu em bôa hora o pouco valor alimenticio das merendas, que os alumnos levam para a escola e que devoram ahi nas horas de recreio, e com alto criterio, introduziu, este sabio especialista, o copo de leite.

QUE SENSATA E ADMIRAVEL MEDIDA!

Sigamos o exemplo das escolas na America do Norte, onde se dá systematicamente ás creanças, como "lunch", uma bôa chicara do *Leite Maltado Horlick* e onde, por pesagens continuas, é verificado o augmento do peso nas creanças atrazadas, alimentadas com este leite. Isto seria o complemento ideal desta medida louvavel em todos os sentidos.

O *Leite Maltado Horlick* não deve ser posto, quanto ao seu valor nutritivo, em parallelo com o leite de vacca. O *Leite Maltado Horlick* reune em si todas as substancias necessarias para o sustento das nossas funcções organicas, de sorte que o leite de vacca póde ser perfeitamente dispensado.

Paes, Mães, Professores e Autoridades, que tendes que velar pela saúde da nova geração de que depende o futuro da Nação, dae aos vossos tutellados o *Leite Maltado Horlick*, e em pouco, coroada a vossa iniciativa, vereis creanças sadias, robustas e alegres.

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS A:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, [illegible] — Rio. S. Bento, 30 — S. Paulo.